Diário de Lisboa

FUNDADOR JOAQUIM MANSO DIRECTOR A RUELLA RAMOS

QUINTA-FEIRA, 1 DE MARÇO DE 1973 — N.º 18027 — ANO 52.º — PREÇO 1$50

DIZ MITTERRAND:

O RECEIO DO COMUNISMO ESTÁ A DESVANECER-SE

O dirigente do Partido Socialista Francês, François Mitterrand, afirmou, a três dias das eleições legislativas, que o receio do comunismo se está a desvanecer em França. Antes da abertura da campanha eleitoral, o presidente Georges Pompidou dissera que uma eventual vitória da esquerda só traria o caos. Segundo as sondagens, 23 por cento dos franceses são motivados pelo anti-comunismo.

Durante a campanha, os partidários do Governo têm profetizado que uma vitória da esquerda — a União Popular composta por comunistas, socialistas e radicais de esquerda — faria repetir-se em França o «golpe de Praga», altura em que os comunistas checoslovacos tomaram o poder, em detrimento dos seus aliados de então. Mitterrand, contudo, afirmou que «esse medo não é assim tão sentido pelos franceses como a maioria governamental pensa». O desfecho das eleições, a três dias do primeiro escrutínio, continua incerto. De acordo com as últimas sondagens, a coligação governamental tem o apoio de 37 por cento dos eleitores, enquanto a União Popular reune o sufrágio de 45 por cento. Quinze por cento dos eleitores prefeririam o centro reformador. A luta prevê-se muito renhida, assumindo nela especial importância a pequena margem de indecisos. O dirigente socialista mostra-se optimista: «A vitória está ao nosso alcance» — afirmou. Em virtude do actual sistema eleitoral francês, que o general de Gaulle fez aprovar em 1958, é preciso obter a maioria absoluta no primeiro escrutínio para se ser eleito. Na segunda volta, a que os franceses chamam «ballotage», basta uma maioria simples, isto é, será eleito o candidato que recolher maior número de votos. Este sistema dá especial importância às desistências e tem funcionado sempre em desfavor dos comunistas. (FP e DL).

A caminho da povoação, ocupada por duzentos índios que protestam contra a discriminação racial, «Marshalls» americanos vão juntar-se a agentes do FBI (UPI-Telimprensa: «DL»)

"DISPOSTOS A MORRER"

Indios Sioux ocupam uma povoação e resistem à Polícia

A fim de chamarem a atenção das autoridades americanas para a discriminação racial de que são vítimas, índios Sioux armados e em pé de guerra, ocuparam a povoação de Wounded Knee e repeliram a tiro agentes da Polícia Federal que tentaram aproximar-se. Forças de segurança que cercaram o local foram reforçadas com dois carros blindados. Um informador dos índios declarou que «estavam dispostos a morrer se as suas reivindicações não fossem atendidas». Os ocupantes de Wounded Knee têm em seu poder cerca de uma dúzia de reféns que disseram libertar quando aí comparecerem os senadores Edward Kennedy e William Fulbright, para ouvirem pessoalmente as suas razões de queixa. Na povoação, agora ocupada, foram massacrados há oitenta anos cerca de 300 homens, mulheres e crianças Sioux por soldados americanos que os escoltavam para nova reserva. (R e «DL»)

Pequim propõe a Taipé negociações para a reunificação

Dirigentes comunistas chineses dirigiram hoje dois convites aos nacionalistas da Formosa, no sentido de iniciarem negociações com Pequim sobre a reunificação da China. Um convite foi feito pelo veterano comunista Liao Cheng Chi e o outro pelo general Fu Tso Yi. Ambos proferiram discursos em tom conciliatório sobre o assunto, embora não indicassem exactamente qual o tipo de relações futuras que Pequim pensa ter com Taipé nem apresentassem propostas concretas. O general Fu, dirigindo-se aos nacionalistas, sugeriu que ambas as partes deveriam encontrar-se para discutir a questão, e, segundo a Agência Nova China, o general acrescentou que, «no caso de a Formosa não querer entrar em negociações formais, poderia enviar alguém ao continente, a título particular e em segredo». Liao Cheng Chi fez idênticas sugestões, afirmando «esperar que o pessoal militar e administrativo do grupo de Chiang Kai-Shek não perdesse a oportunidade de dar a sua contribuição para a unificação da pátria» (R/DL)

O primeiro-ministro cessante, e dirigente do partido governamental Fianna Fail Jack Lynch, e o chefe da coligação oposicionista Liam Cosgrave, entregando os seus votos em Dublin. Calcula-se que 77 por cento dos 1.700.000 eleitores da República da Irlanda compareceram ontem às urnas para eleger um novo Parlamento de 144 lugares. Dada a complexidade do sistema eleitoral irlandês, os primeiros resultados só deverão ser divulgados ao fim do dia de hoje. (R.-UPI-ANI e «DL»)

EDIÇÃO DE 32 PÁGINAS

LEIA HOJE

No «Suplemento Literário»: uma entrevista com Fernando Namora; opiniões críticas de Alcides de Campos, Franco de Sousa e Torquato da Luz; função social da música, por Mário Vieira de Carvalho; cinema e outras coisas, por Eduardo Prado Coelho; e ainda textos de Vitor Manuel Serrão, José Augusto França, Carlos Porto, José Luis Porfírio e João Rui de Sousa.

Turismo na Madeira: situação satisfatória

Da Direcção-Geral de Turismo recebemos com o pedido de publicação o seguinte esclarecimento:

1. O comentário «Turismo em crise» publicado no dia 27 de Fevereiro acerca da situação turística da Madeira, é não só obviamente exagerado como insólito quanto à situação real existente.

2. De facto não pode inferir-se, a partir do comportamento de uma empresa isolada, qual a posição de uma actividade que, neste momento, envolve mais de 6000 camas só na indústria hoteleira propriamente dita.

3. O facto de se ter verificado a rescisão do contrato que ligava a citada empresa exploradora à proprietária do hotel deve-se a questões que terão exclusivamente que ver com as relações contratuais e não com a situação geral existente.

4. Sem pretender minimizar alguns problemas decorrentes das características do aeroporto de Santa Catarina, há que não esquecer haver a Madeira registado um aumento súbito e muito substancial da sua ca-

Continua na pag. 20

LEIA AMANHÃ

Em «Mesa Redonda», o suplemento das sextas-feiras:

:: A Prática Política e os Bispos de França.

:: A Cultura e a Política.

:: Meios de Combate à Doença em Portugal.

:: A Educação Musical, Parente Pobre do Ensino em Portugal, artigo de Calvet de Magalhães.

:: As secções habituais «Ao Acaso da Rua», «Polémica», «Espelho da Imprensa», «Assim Vai o Mundo», etc.

As canções premiadas

PÁG. 10

DL/NACIONAL

MAIS UMA LEI

ASSEMBLEIA DIA A DIA

Armando Pereira da Silva

Decorreu ontem mais uma reunião calma, em S. Bento, com a presença de 66 deputados. Na ordem do dia, o fim dos trabalhos relacionados com a proposta de lei sobre agrupamentos complementares de empresas. Na generalidade, a uma única intervenção a do eng.º Alarcão e Silva, que abordou questões mais relacionadas com as empresas agrícolas incluindo as cooperativas. Seguiram-se os debates na especialidade e votação. No final, resultou o texto seguinte, a que a comissão parlamentar vai dar os últimos retoques.

LEI DE AGRUPAMENTOS COMPLEMENTARES DE EMPRESAS

BASE I

1. As pessoas singulares ou colectivas e as sociedades podem agrupar-se, sem prejuizo da sua personalidade jurídica, com vista a melhorar condições de exercício ou de resultado das respectivas actividades económicas.

2. As entidades assim constituídas são designadas por «agrupamentos complementares de empresas».

BASE II

1. Os agrupamentos complementares de empresas não podem ter por fim principal a realização e partilha de lucros e podem constituir-se com ou sem capital próprio.

2. As empresas agrupadas respondem solidàriamente pelas dívidas do agrupamento, salvo cláusula em contrário do contrato celebrado por este com um credor determinado.

3. Os credores do agrupamento não podem exigir das empresas agrupadas o pagamento dos seus créditos sem prévia execução dos bens do próprio agrupamento.

4. O agrupamento pode emitir obrigações, se apenas for composto de sociedades por acções; a emissão é feita nas condições gerais aplicáveis à emissão desses títulos pelas sociedades.

BASE III

1. O contrato constitutivo, que será reduzido a escritura pública, determinará a firma, a qual deve conter o aditamento «agrupamento complementar de empresas» ou as iniciais «A. C. E.», o objecto, a sede e a duração, quando limitada, do agrupamento, bem como as contribuições dos agrupados para os encargos é a constituição do capital, se o houver.

2. Pode também o contrato regular os direitos e as obrigações dos agrupados, a administração, a fiscalização, a prorrogação, a dissolução e a liquidação e partilha do agrupamento e ainda os poderes, os deveres, a remuneração e a destituição dos administradores.

3. Qualquer dos administradores, agindo nessa qualidade, obriga o agrupamento em relação a terceiros; são inoponíveis a terceiros de boa-fé as limitações estabelecidas ao poder de representação dos administradores, bem como a entrada e saida de elementos do agrupamento, cumpridas as obrigaçoes sociais respectivas.

BASE IV

O agrupamento complementar adquire personalidade jurídica com a inscrição do seu acto constitutivo no registo comercial.

BASE V

A fiscalização da gestão por um ou mais revisores oficiais de contas, ou por uma sociedade de revisores oficiais e contas, designados pela assembleia geral é obrigatória desde que o agrupamento emita obrigações.

BASE VI

1. Os agrupamentos complementares de empresas que se constituam e funcionem nos termos desta lei não estão sujeitos a contribuição industrial, nem impostos, licenças ou taxas para as autarquias locais que a tenham por base de lançamento.

2. As importâncias com que cada empresa agrupada tenha contribuído para a instalação e funcionamento do agrupamento complementar é dispensado tratamento tributário igual ao dos gastos directamente despendidos por essa empresa com os objectivos indicados na base I, consoante a aplicação que tiverem.

3. É tributada em imposto de capitais, como lucro, mas pelo triplo da taxa normalmente aplicável, a parte do saldo de liquidação atribuída a cada empresa agrupada que exceda as contribuições por ela efectuadas para o agrupamento.

4. O governo providenciará no sentido da concessão de estímulos financeiros e outros benefícios nomeadamente de natureza fiscal, a favor dos agrupamentos complementares que tenham, pelo seu objectivo, superior interesse para a economia nacional.

AGRADECIMENTOS

Antes da ordem do dia, quatro deputados usaram de palavra: Prabacor Rau, evocando o seu conterrâneo D. Altino Ribeiro, bispo da Beira, há dias falecido; Joaquim Macedo, do Porto, lamentando que a Companhia dos Telefones não dê andamento a certos pedidos prioritários, como é o caso de uma grande empresa do Norte, com a sua actividade virada à exportação, a qual possui uma única linha telefónica, saturada, e que nunca mais vê o seu problema resolvido; Leal de Oliveira, de Faro, agradecido ao Governo pelas decisões do último Conselho de Ministros, sobretudo no que respeita ao aumento dos vencimentos do funcionalismo público e ao novo acordo de concessão com a C.P.; e Homem Ferreira, de Aveiro, ainda para salientar e agradecer a construção da futura via rápida entre Aveiro e Viseu.

Os trabalhos da Assembleia continuam hoje, tendo na ordem do dia a efectivação do aviso prévio sobre o tráfico e consumo de estupefacientes, em tempos requeridos pelo deputado Delfim Ribeiro.

Comissão Promotora da Associação Portuguesa dos Escritores

AVISO

Ficam por este meio avisados os escritores portugueses que não tenham sido convidados a tomar parte na discussão e aprovação do ante projecto dos Estatutos da Associação Portuguesa de Escritores que, nos termos do n.º 2 do art.º 36.º (Disposições transitórias) dos referidos Estatutos, lhes é reconhecido o direito de serem inscritos como sócios efectivos devendo, para o efeito, requerer ao Presidente da Comissão Organizadora a sua inscrição para a Av. Barbosa du Bocage, 67, 2.º Dto, no prazo de 30 dias a contar da data da publicação do presente aviso, e nos termos do n.º 3 do art.º 1.º dos Estatutos da Associação Portuguesa de Escritores cujo teor é o seguinte:

«Consideram-se escritores, para os efeitos previstos nestes Estatutos, além de os autores de textos de pura criação literária publicados em língua portuguesa e de reconhecida qualidade estética, os autores de quaisquer outros textos que pela originalidade de concepção, ou virtudes do estilo possuem apreciáveis características literárias. Os textos de natureza estritamente técnica e profissional e os de índole meramente informativa ou publicitária não conferem, só por si aos seus autores, a qualificação de escritores.»

O Presidente da Comissão Promotora da Sociedade Portuguesa de Escritores

a) Manuel Rodrigues Lapa

"Jornal Falado" no centro de cultura

Realiza-se hoje mais um «Jornal Falado» no Centro Nacional de Cultura. Trata-se do quarto de uma série, iniciada em Novembro passado e em que são debatidos temas relativos à vida económica, actualidade nacional e actualidade internacional. Quatro comentadores farão curtas exposições sobre esses temas, seguindo-se o habitual debate com o público.

Participaram na mesa: Caiano Pereira, Francisco Sarsfield Cabral, João Gomes e Francisco Pereira Moura.

A sessão realiza-se, na sede (Rua António Maria Cardoso, 68-1.º, Telefone 366722) e a entrada é livre.

Barreiro: recenseamento eleitoral

BARREIRO, 1 — Segundo informa a autoridade competente, os serviços de recepção de requerimentos para a inscrição no recenseamento eleitoral funcionarão de 5 a 15 do corrente, no período extraordinário das 21 às 23 horas, por forma a permitir que todos os interessados, que ainda o não fizeram, disponham da facilidade de se inscreverem fora das horas normais de expediente.

QUEM SE EDUCA EDUCA

ESTÁ PREPARADO PARA EDUCAR OS SEUS FILHOS?

Biblioteca dos Pais • Publicações Europa-América

Já publicados:

1.º vol. **«Antes da Fala»**, Anne Sommermeyer
2.º vol. **«Escuta, Mamã!»**, Jacqueline Yvès

Livros que educam os pais a educar os seus filhos

À venda em todas as livrarias ou enviando nos o seguinte cupão de encomenda:

Enviem me contra reembolso os livros assinalados com um ☒

☐ N.º 201: *Antes da Fala* — 30$
☐ N.º 202: *Escuta, Mamã!* — 30$
☐ N.º 40203: *Eles ainda Molham a Cama* — 35$
☐ N.º 4020473: *Os Meninos, donde Vêm?* — 35$

Nome: _____

Profissão: _____

Morada: _____

PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA
Apartado 8 — Mem Martins

ESTREIA-AMANHÃ

ROMA
GRUPO D • 18 ANOS

UMA HISTÓRIA DIVERTIDA E BULIÇOSA INTEIRAMENTE DEVOTADA AO AMOR E A BELEZA FEMININA!

OS ALEGRES DIAS DE POMPEIA

TECHNICOLOR

FRANKIE HOWER
JULIE EGE
PATRICK CARGILL

Engenheiro Naval ou Mecânico

ADMITE-SE PARA COLABORAR COMO CHEFE DE SECÇÃO DE MOTORES E EQUIPAMENTOS DIVERSOS MARÍTIMOS, COM BONS CONHECIMENTOS DE INGLÊS, EM FIRMA ANTIGA LIGADA A IMPORTANTES FABRICANTES ESTRANGEIROS.

RESPOSTA AO N.º 746.

DL/OPINIÃO

PARA LÁ DO MARÃO

Talvez mandem os que lá estão, mas, pelos vistos, mandarão uns mais do que outros (o que é normal) ou segundo opções diferentes (o que, sendo igualmente normal, pode levar a incompatibilidades capazes de prejudicarem o bom andamento das coisas). São essas coisas as que se referem ao planeamento regional, no qual se opõem a Câmara Municipal de Bragança e a Comissão da Região Norte para o IV Plano de Fomento, justificando cada uma a sua posição e cada uma transferindo para a outra a responsabilidade de carências e omissões verificadas.

Os textos que exprimem os diferentes pareceres e posições foram por nós resumidos no suplemento «Mesa Redonda» de 16 do corrente, podendo o leitor interessado referir-se a eles de novo por ocasião do comentário marginal que ora trazemos. Documentos com estas características apresentam-se, por via de regra, com um tom afirmativo que parece pôr toda a razão do seu lado, especialmente quando o leitor não dispõe de elementos suficientes de aferição. Por isso não surpreende que nos seja impossível, a nós, apontar quem errou, quem se atrasou, quem não teve na devida conta as competências, quem, em suma, é responsável pelos factos que dão agora lugar a queixas.

No dizer da Câmara Municipal de Bragança, «os problemas da zona, designadamente de Bragança e concelhos limítrofes, parecem não ter sido devidamente equacionados, nem as suas potencialidades devidamente realçadas». A isto e a todas as outras objecções e sugestões respondeu, não a Comissão de Planeamento, mas um vogal da Junta Distrital junto do Planeamento, apontando o que seria a tardia apresentação das propostas da Câmara como causa das dificuldades agora surgidas. De um modo geral, contesta a propriedade ou adequação das sugestões da Câmara, minimizando-as ao ponto de fazer nascer dúvidas quanto à objectividade que presidiu à sua formulação. Claro que a réplica da Câmara não tardou, aclarando o seu procedimento no caso e reafirmando a posição tomada. Um quarto documento veio a lume, este da Comissão, que, como seria de contar, deixa tudo como estava.

Não são, evidentemente, as divergências que nos preocupam. Divergir não é sinal de menos saúde do que convergir: diríamos mesmo que se trata de um estado prévio, pelo qual conviria sempre passar para que mais sólida se tornasse a união implícita na convergência... Mas tratando-se de uma região como esta de Trás-os-Montes, cujo atraso é por de mais notório, constituindo mesmo um sinal extremamente negativo no progresso económico possível do País, e não sendo crível que em tudo isto não haja mais do que manifestações de bairrismo exacerbado ou simples questões de campanário, parece legítima a inquietação sobre o modo como os estudos de planeamento estarão sendo encaminhados e desenvolvidos. Salvo se as autarquias locais, a que cabe parte importante nos trabalhos, se mostram (ou mostraram) abaixo das suas responsabilidades...

No nosso entender, alguém deveria arbitrar este diferendo. Bem sabemos que entregar as dificuldades ao tempo, é muitas vezes bastante para as resolver, mas a importância do que está em causa legitima a intervenção doutra entidade suficientemente responsável para que não fiquem dúvidas no espírito dos litigantes... Se tal não se fizer, maiores probabilidades haverá de que as oposições se agravem e se radiquem sentimentos de injustiça, mesmo que infundados.

Sem com esta citação tomarmos partido, porquanto nos faltam (repetimos) elementos de apreciação, seria impossível não estarmos de acordo com a Comissão, quando diz: «... a luta do distrito pela sobrevivência é dramática, como aliás da província, pela sua situação, e pelo seu atraso». E se em alguma coisa a Comissão tem razão é em pôr a questão do planeamento local, não em termos de concelho, mas de zona. Se não virmos em grande, nunca poderemos resolver o pequeno...

Juventude e amnistia

O ex-presidente Juan Perón disse numa entrevista a rádio e TV francesas que, no caso do candidato peronista Hector Campora triunfar nas eleições, haverá uma muito ampla amnistia para os presos políticos na Argentina.

Actualmente na Argentina, disse ainda a luta «está nas mãos da juventude». «A minha figura, acrescentou mais adiante, carece agora de importância e só poderei ser conselheiro dos novos valores». E sublinhou» sou um soldado e um pai, experimentando agora a alegria de ver triunfar os seus filhos».

Fez ainda várias declarações a respeito das relações entre os países latino-americanos e a Europa, que por razões de raça, sentimentos e necessidade, vão desenvolver-se cada vez mais.

Rodésia: o «Diálogo»

Esboçado o diálogo com vista a dar novo impulso aos esforços no sentido de uma solução do diferendo anglo-rodesiano, foi interrompido temporariamente mas os contactos mantêm-se. Esta a impressão dos observadores em Salisbury ao ser anunciado o «rompimento» do bispo metodista negro, mons. Abel Muzorewa, chefe do «Conselho Nacional Africano (ANC) provocado pela prisão de três dirigentes do movimento. Os termos em que minsenhor Murozewa se exprimiu levam os mesmos observadores a notar um certo número de revelações quanto ao adiantamento das conversações até agora secretas, entre o ANC e o governo de Ian Smith.

Na opinião dos observadores, esta posição reflecte, senão uma evolução fundamental do ANC, pelo menos o receio manifestado pelos seus dirigentes de a violência se sobrepor progressivamente a negociação.

O ANC, criado em 1971 na sequência do acordo Smith-Douglas-Home, contribui em grande parte para que esse acordo viesse a ser rejeitado pela comunidade africana Todavia, em várias ocasiões, monsenhor Murozewa advertiu os seus compatriotas contra o perigo de se ir para a violência.

Entretanto, o primeiro-ministro Ian Smith, ao receber visitantes americanos, revelou que o seu governo mantém o diálogo com Londres no sentido de uma solução final do diferendo.

Não explicou sob que forma prosseguem os contactos mas e significativo estar a correr, embora sem confirmação aue se encontra na Rodésia lord e Goodman, o principal elemento de ligação do encontro entre Ian Smith e «Sir» Alec, em 1971.

Genocídio

A Comissão das Relações Externas do Senado, aprovou ontem um tratado com 22 anos de existência que faz do genocídio um crime internacional e enviou-o para um destino incerto no plenário senatorial.

Este tratado, que data de 1950, nunca foi ratificado pelos Estados Unidos, devido a uma miríade de objecções dos senadores que receavam interferisse com o sistema norte-americano de jurisprudência e com os direitos estaduais.

Para ser aprovado no Senado o tratado precisa de uma maioria de dois terços.

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Manuel Rosa, R. Dr. Manuel S. Barreiros-FIGUEIRÓ DOS VINHOS

QUADRATIM ISABEL DA NÓBREGA

A CÉLULA

Nas sessões colectivas de «scream-therapy» (terápica pelo grito) dizia eu que ali se grita, até ao uivo, à estridência insuportável, à decomposição dos traços do rosto, arrebatados na torrente de fúria, de raivas, de ódio, de amor, de desgosto sufocante, que de repente se liberta. Cada um dos doentes se levanta para gritar e articular aquelas palavras-montanhas que lhe esmagam o espírito.

O que não especifiquei — a evocação abriu-me outros caminhos e encaminhou-me noutras direcções — foi que, curiosamente, as queixas que nessa quase demência sobem das tripas se revelam, na sua maior parte, provocadas pelo pai, pela mãe, e só raramente pelo cônjuge.

Na revista benigna em questão leio um desses encontros.

Uma velha de setenta anos, chegada a sua vez, grita, possessa: «Mãe! Mãezinha! Gosta de mim!» Recorda as bofetadas recebidas na infância, e de punhos cerrados berra «Não!Não!»

A «senhora de sociedade», alucinada, penteado desfeito pela violência dos gestos: «Basta! Hoje não contem comigo, que não vou almoçar lá a casa! Não posso andar sempre às vossas ordens! Sabem que mais? M...!»

O jovem quadro, estridente: «Não quero estudar, paizinho, não posso, não me apetece! Cada um tem o direito de ser mandrião!» (De novo no seu lugar diz em voz neutra: «Quando penso que agora sou eu que obrigo os meus filhos a estudar, à força...»)

A adolescente rebola-se pelo chão clamando contra um pai que a abandonou ou que morreu sem a haver legitimado.

A mulherzinha gorducha: «Estou farta de ser tratada como um objecto, farta de que te sirvas de mim sem te preocupares com o meu prazer! Olha que não é assim que te afirmas homem!»

Esta espécie de tratamento, explica o médico, não põe em jogo o intelecto, só os sentimentos e as emoções. Que sentimentos? — O amor, a ira, o medo, a dor. Não há outros. Os sentimentos reprimidos durante muito tempo explodem com violência. A violência traduz-se geralmente por gritos e por gestos. Ali encoraja-se as pessoas a gritar. O grito sai da garganta enquanto a pessoa vive sobre aquisições artificiais (isto é, sobre uma **imagem.** uma **imagem de si** por exemplo, em vez do seu eu verdadeiro). Mas à medida que entra em contacto com os sentimentos autênticos, mais o grito se torna profundo, e emerge, literalmente, das entranhas.

Para o psiquiatra americano Arthur Jounov, um dos pioneiros deste método, cada frustração da nossa vida entra em linha de conta. Desde o primeiro biberão que a nossa mãe nos recusou, ou o dia em que chorámos e ela não nos pegou ao colo, tudo se adiciona: os choros, as traições, as recusas, as pequenas e as grandes decepções. Quando a soma das frustrações ultrapassa a dose suportável, o nosso frágil ser desliza para a nevrose.

O médico francês da referida sessão considera mais importante ainda do que as circunstâncias que tenham representado traumatismos na infancia (e para as conhecer se inquire sempre das relações entre pais e filhos ou entre as crianças e quem as criou, e entre irmãos, e irmãs), o **clima constante** em que vivem essas crianças. Uma mãe demasiado ansiosa ou um pai autoritário podem suscitar uma pressão contínua nos sentimentos autênticos do filho, e provocar uma verdadeira recusa do seu «eu».

«Então os pais são sempre culpados?» — pergunta o entrevistador.

«Culpados-inocentes, na medida em que eles próprios foram mal condicionados na sua infância. Mas um erro não é uma falta. E um amor autêntico pode muito. Infelizmente os pais têm as suas dificuldades particulares e raro possuem aquela disponibilidade interior que é a única a permitir um amor verdadeiro — não a sua imagem. Então fazem de conta. Por exemplo, cumulando a criança de presentes, de meiguices. Mas as crianças não se deixam enganar. Não há mais finos psicólogos nem juízes mais severos. Porque é a sua própria pessoa, a sua segurança e o seu equilíbrio que estão em jogo, e ameaçados.».

Estas declarações em ameno artigo de amena revista recordam-me um austero livro de autor nada ameno, o psicanalista David Cooper, dos mais avançados espíritos neste campo.

«Resumamos certos aspectos da família, que sempre têm como resultado negar o homem, quando não têm mesmo consequências fatais — Existe em primeiro lugar, a aglutinação de pessoas baseada no sentimento que têm da sua incompletude. Tomemos um exemplo típico dessa situação: a mãe. A mãe sente-se incompleta enquanto pessoa, isso por uma série de razões complexas de que as principais são a relação com a sua própria mãe, (1) e o papel apagado que é o seu na sociedade. Assim, em todo esse sistema coloidal que é a família, a mãe agarra-se, como lapa, ao filho, para que ele compense a dupla carência; uma, de origem subjectiva: foi a sua própria mãe quem lhe forneceu esse sentimento; a outra, objectiva: trata-se do seu nulo papel social. Quanto ao filho, mesmo que consiga separar-se, e por sua vez formar família, não virá a ser mais completo do que a mãe porque durante os anos críticos da sua formação se sentiu a si próprio como um apêndice do corpo e do espirito dela. No estádio mais agudo dessa sensação a única saída será uma série de actos que o levarão a ser tomado como esquizofrénico... — Em segundo lugar, a família empenha-se subtilmente em criar papéis bem determinados em vez de tentar estabelecer as condições que permitam ao indivíduo assegurar a sua identidade. A família doutrina a criança inculcando-lhe o desejo de se tornar num certo tipo de filho ou filha (e, depois, de marido ou melher, de pai ou de mãe), e só lhe deixa uma «liberdade vigiada», estreitamente confiada numa coleira rigida. Em vez de nos permitirem cultivar o egocentrismo que permite às nossas acções jorrarem do centro de nós, de um **nós** que nós próprios tivéssemos criado e escolhido, ensinam-nos a submeter-nos e a vivermos **excêntricos** em relação ao mundo. (Aqui, excêntricos significa ser normal, ser igual-a-todos).

O facto é que no interior dessa célula que se intitula a si própria «familia-feliz», cliché da família tradicional, se dá permanentemente um combate de vida-ou-de-morte porque cada membro dela a toda a hora recebe ameaças de morte contra a sua personalidade.

Françoise Dolto, num longo capitulo subordinado ao tema: **Poderá esperar-se uma profilaxia das nevroses e psicoses infantis?** — chama a atenção para a insuficiente informação dos pediatras no que diz respeito ao desenvolvimento psicossomático da 1.ª e 2.ª idade, sobre os incidentes e acidentes mais vulgares nas estruturas psíquicas e afectivas dos 0 aos 7 anos na relação pais-filhos. E afirma, peremptória, que a autoridade do Estado obriga à vigilância e à prevenção médica, à vacina; que um pais civilizado se vangloria do baixo índice da mortalidade infantil. Mas que, quando se trata da morbidez e da mortalidade simbólica que são as nevroses e as psicoses, e as dificuldades do crescimento mental e afectivo, e mesmo quando se conhece a origem estrutural precoce (por erro de comunicação interhumana), deverá, parece, continuar-se a emendar — a remediar — em vez de prevenir!

E ocorre-nos a célebre frase de A. Gide: «Familles, je vous hais!...»

(1) Françoise Dolto afirma, por seu turno, que são precisas três gerações para que apareça uma psicose.

DL/NACIONAL

DIRIGENTES DA UNIÃO ZOÓFILA

Em assembleia geral realizada na sua sede, a União Zoófila elegeu os corpos-gerentes para o triénio de 1973/75, que ficaram assim constituídos:

Assembleia-geral — presidente, dr. Joaquim Manuel Gomes Mota; vice-presidente, eng. Luís Manuel Jesus Antunes; 1.º secretário, Armando José de Barros Teixeira; 2.º secretário, Adelaide Ivone de Sousa; 1.º suplente, Artur Pontes da Piedade; e 2.º suplente, António Eduardo Simões de Figueiredo.

Conselho fiscal — presidente, dr. Alberto Abrantes Ribeiro; secretário, Maria Semedo Ferreira; relator, Eduardo da Luz Gomes; 1.º suplente, João Rodrigues Fernandes; e 2.º suplente, António Madeira Correia.

Direcção — presidente, Domingos da Gama Garcia; secretário, Osvaldo Adelino Moreira de Andrade de Almeida Saraiva; tesoureiro, Orlando Maria Moreira de Andrade de Almeida Saraiva; 1.º vogal, Maria Joana de Noronha Diamandi; 2.º vogal, Nélson Fernandes Guimarães Leite; 1.º vogal suplente, eng. Luciano Lobo; e 2.º vogal suplente, Manuel Mendes.

Conselho superior jurisdicional — dr. António Júlio de Pais Dias, José André Pereira Rodrigues, Fernando Arinto David e Eduardo Brás Henriques da Cruz.

LOTARIA DE HOJE

NÚMEROS PREMIADOS

32.320 — 9.600.000$00
10.316 — 900.000$00
25.363 — 300.000$00

APROXIMAÇÕES AO 1.º PRÉMIO

32.319 — 22.740$00
32321 — 22.740$00

PRÉMIOS DE 30.000$00

917; 4.439; 4.710; 5.101; 6.317; 8.414; 13.506; 16.343; 17.402; 28.566; 32.366; 32.741; 37.758; 40.021; 45.019; 48.112 e 49.096.

PRÉMIOS DE 960$00 (CENTENAS)

10.301 a 10.400; 25.301 a 25.400 e 32.301 a 32.400

PRÉMIOS AOS ALGARISMOS FINAIS

Todos os números cujos três algarismos finais sejam 173 têm direito a 2.160$00, de prémio, em cada bilhete; os terminados em 067, 362, 536, 682, 722, 891, 966, 975 ou 981 são premiados com 1.200$00. Por sua vez, os números cujos dois algarismos finais sejam 73 ou 74, são contemplados com 960$00. Os restantes números cujo último algarismo — terminação — seja 0, são contemplados com 600$00, também em cada bilhete.

Esta informação não dispensa a consulta da lista oficial.

Os 9.600 contos da sorte grande e os 900 contos do 2.º prémio e os 300 contos do 3.º prémio foram distribuídos aos balcões da CASA DA SORTE

UMA NOITE NO ELEVADOR «PARA NÃO FAZER ESCANDÂLO»

Nem sempre se passa a noite fora de casa... dentro de um elevador. Foi isto que sucedeu ao sr. Manuel Taborda, residente na rua Luís de Camões, 147-2.º Es., que, ao regressar da Casa da Comédia onde fora assistir ao espectáculo em que o seu filho participa, viu-se obrigado a permanecer dentro da cabina do elevador, pois este ficara avariado entre o 1.º e o 2.º andar, não permitindo que o ocupante accionasse os comandos para abrir a porta.

No local do «crime», o corpo do delito apresentava ainda os vestígios de ter servido de cela por uma noite a quem pretendia unicamente dormir: uma quantidade razoável de fósforos queimados estavam espalhados pelo chão. E não foi sem um certo receio que utilizamos o elevador para contactar com o sr. Manuel Taborda a fim de que este nos contasse a experiência sucedida, tanto mais que a porteira se recusou a fazer declarações alegando que isso dizia respeito à companhia proprietária do prédio. Perante a insistência acabou por dizer que a campainha de alarme se encontra fora da residência onde habita a que mal se houve, acrescentando:

— **Chamei os bombeiros porque não sei mexer na alavanca para abrir a porta e antes que sucedesse algo pior tomei aquela decisão, quando hoje de manhã uma rapariga que mora no primeiro andar me veio avisar.** E mais não disse com receio dos proprietários.

O sr. Taborda recebeu-nos em pijama

— **Ia hoje de manhã para Torres Vedras e aproveitei a noite de ontem para ir ver o meu filho ao teatro. Quando regressei, por volta das duas horas, o elevador ficou encravado. Toquei o alarme mas faz pouco barulho. Não quis fazer escândalo e, como trazia um embrulho, aproveitei para me sentar. Hoje de manhã, pelas 7 e 30, quando uma pequena que mora no 1.º andar ia a sair para o emprego chamei-a e ela foi avisar a porteira.**

Interrogado sobre as causas que poderiam ter levado àquele acidente disse:

— **Não sei. Ontem andaram a arranjar o elevador; talvez qualquer mau contacto.**

Um homem paciente, o sr. Taborda, que prefere respeitar o sono dos vizinhos a gritar em altos berros «tirem-me daqui».

ENSINO DE PORTUGUÊS EM FRANÇA

Foram nomeados para a regência de cursos de ensino básico de Português em França os seguintes professores: Area consular de Lião — D. Maria Helena da Silva Antunes Martins Baptista, D. Maria José de Andrade e D. Ana Pinto Ramos; área consular de Estrasburgo — Adriano Henrique Reis Cardoso Teixeira, D. Maria Amélia Rodrigues da Silva e D. Maria do Carmo da Graça Carneiro Simões; área consular de Bordéus — José Luís Ferro; área consular de Clermont-Ferrand — D. Maria da Conceição Silva Cerdeira e Francisco da Graça; área consular de Marselha — D. Rosa Maria do Nascimento Coelho Guerreiro Simão e D. Ana Maria Xavier de Carvalho; área consular de Tours — D. Maria Manuela Fernandes Vão, Agostinho Gomes Amaral Freitas e D. Maria Dulce Almeida Alves; área consular do Havre — D. Maria Preciosa Ferreira Tomé Marques e D. Maria Regina Varela Serra da Gama.

Foram, também nomeadas, em comissão de serviço, para a regência de cursos de ensino básico de Português, respectivamente, na área consular de Lião (França) e no Colégio de Kinshasa (República do Zaire) as professoras D. Maria Ângela Pavão, efectiva da escola masculina de São Roque (Ponta Delgada) e D. Maria Augusta Abranches Teixeira Félix, do quadro de agregados do distrito escolar de Coimbra.

DIRECTOR DE FINANÇAS DO MUNICÍPIO DE S. PAULO

Na Câmara Municipal de Lisboa, foi esta manhã recebido em audiência, pelo respectivo presidente, o director dos Serviços de Finanças e Economia do Município de S. Paulo, prof. Nelson Gomes Teixeira, que ontem chegou a esta cidade. O visitante, que é também catedrático de Economia da Universidade de S. Paulo, deslocou-se à Europa com o objectivo de estabelecer contactos com os municípios de Lisboa, Bruxelas e Paris e ao mesmo tempo, para preparar a visita, no fim do corrente ano, de uma delegação oficial de todos os assessores de finanças de S. Paulo.

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Idalina L. C. Ferreira, «Tabacaria Jocar», Praça José Coelho, 47 — SAMOUCO

MEDALHA DE OURO PARA AZEREDO PERDIGÃO

O presidente e vereadores da Câmara Municipal de Braga entregaram, esta tarde, no salão de honra da Fundação Calouste Gulbenkian, a medalha de ouro da cidade ao dr. Azeredo Perdigão. As referidas entidades deslocaram-se prepositadamente a Lisboa para o efeito.

HOMOLOGAÇÃO PRÉVIA DE PREÇOS DE PRODUTOS

Os óleos e massas lubrificantes, parafina e leites para consumo em natureza, cujos preços não se encontrem legalmente fixados, ficam sujeitos ao regime de homologação prévia de preços, segundo portaria hoje publicada na folha oficial e que entra imediatamente em vigor.

A MORTE DO PROF. RÉVAH

Faleceu em Paris o historiador Israel Salvator Révah, membro do Colégio de França, que dedicou parte da sua vida a investigar temas da História de Portugal, nomeadamente a questão da Inquisição e dos cristãos novos, assunto que ainda recentemente trouxe às páginas do «Diário de Lisboa» em polémica com o dr. António José Saraiva.

O prof. Révah deslocou-se várias vezes a Portugal como bolseiro do Instituto de Alta Cultura, dirigiu cadeiras de investigação histórica em universidades portuguesas, fundou o Centro de História do Teatro Português e publicou diversos estudos sobre Gil Vicente e sobre a fonética e o léxico da língua portuguesa, ressaltando a influência árabe e ultramarina. Fez ainda estudos sobre as relações políticas entre Portugal e a França no período da Restauração.

ESCOLA PREPARATÓRIA DE MATOSINHOS

A Direcção-Geral das Construções Escolares foi autorizada a celebrar contrato para a execução da empreitada de construção civil e instalação eléctrica da Escola Preparatória do Ensino Secundário de Matosinhos pela importância de 18 420 982$60. Esta importância poderá elevar-se a 20 263 080$90 no caso de haver que suportar encargos provenientes de trabalhos a mais.

Horário dos Bancos italianos

ROMA, 27 (ANI) — A partir de 1 de Março, os Bancos italianos estão abertos ao público das 8 e 30 até às 13 e 30 horas, ou seja, cinco horas diárias durante cinco dias da semana.

O novo horário foi fixado no contrato de trabalho assinado recentemente.

Em 3 linhas

O dr. Fernando Manuel Heleno da Conceição Santos, aspirante a oficial miliciano foi nomeado conservador dos registos da comarca de Timor.

///

Foi nomeado delegado do procurador da República na comarca da Guiné o dr. Nuno Alvares da Graça Matias Ferreira, capitão miliciano em serviço naquela província ultramarina.

///

Os engs. António Mário Castel Branco Correia de Aguiar e Rafael dos Santos Costa e dr. António da Cruz Rodrigues passam a exercer, respectivamente, os cargos de vice-presidente da Federação das Caixas de Previdência e Abono de Família, da Caixa Nacional de Pensões e da Caixa de Previdência e Abono de Família do Comércio do Distrito de Lisboa.

ARGILEX

SOCIEDADE DE ARGILAS EXPANDIDAS, S. A. R. L.

Leca PORTUGUESA

Sede: Aven. António Augusto de Aguiar, 150-F-2.º, Esq.º — LISBOA

AUMENTO DE CAPITAL SOCIAL DE 25000 PARA 50000 CONTOS

De harmonia com os art.ºs 7.º e 8.º dos Estatutos, foi deliberado aumentar o capital social para Esc. 50 000 000$00 (Cinquenta milhões de escudos) emitindo 25 000 acções no valor nominal de mil escudos cada.

1. SUBSCRIÇÃO — decorre de **9 a 16 de Março p. f.** reservada aos accionistas, que poderão subscrever na proporção das acções que possuirem.

2. REALIZAÇÃO — no acto da subscrição será efectuado o pagamento das acções sujeitas ao imposto da mais-valias se o mesmo for devido.

Lisboa, 22 de Fevereiro de 1973

O Presidente do Conselho de Administração

a) **Dr. Domingos Manuel Megre**

DINHEIRO empresta-se

Sobre propriedades 20,30,50,100 contos e quantias superiores, ao juro da lei

A CONFIDENTE

A MAIOR ORGANIZAÇÃO DO PAIS

LISBOA - RUA DO OURO 292 1.º (Esquina com o Rossio) Telf. 369384/5/6

PORTO - RUA PASSOS MANUEL 14 1.º Telf. 20344/5/6

TV DL/ESPECTÁCULOS

O QUE OPORTUNAMENTE SE FEZ E O QUE NÃO SE FEZ OPORTUNAMENTE

Nos telejornais das 19 e 30 e das 21 e 30 publicou a RTP um comunicado relativo à publicação no *Século* do poema que Ary dos Santos escreveu para a «Tourada».

Assim, ficámos a saber que *«oportunamente»* a RTP se dirigira aos órgãos de Informação solicitando-lhes a não publicação das letras, antes do dia cinco de Março, a fim de dar cumprimento a uma cláusula do Regulamento Nacional, segundo a qual não seria permitida a reprodução gráfica, sonora ou na banda dos filmes.

Apesar disso, considerando-se a transgressão do «Século», a RTP mantinha a «Tourada» no Eurofestival tanto mais que o regulamento da União Europeia de Radiodifusão, recebido já depois de elaborado o Regulamento Nacional, recomendava apenas a não apresentação da cantiga em disco comercial ou em filme e a publicação da partitura.

Era, pois, este regulamento omisso quanto à letra. Que fazer? Respeita-se e s t e, ou respeitara-se o Regulamento Nacional? E se o respeito se devia ao regulamento da U.E.R., por que não comunicou a RTP *oportunamente* a alteração verificada?

A ausência oportuna desta comunicação a todos os jornais foi uma porta aberta para facilitar a «cacha» jornalística, legítima num contexto de imprensa competitiva, legítima quando, em igualdade de circunstâncias, procura cada jornal obtê-la. O único ponto que fica para resolver, é este: teriam todos os órgãos de Informação portugueses possibilidades de acesso às comunicações da U.E.R.?

. Resta ainda resolver a questão em que está envolvida a Sociedade de Compositores e Autores. Se os autores das canções se lhe dirigiram a pedir a protecção dos seus direitos, que pensa ela fazer?

. Nada, certamente. A acção daquela Sociedade efectivava-se em virtude da cláusula terceira do Regulamento Nacional; ora a cláusula terceira foi anulada com alteração comunicada pela U.E.R. logo, a protecção da Sociedade já não se justificará...

Enfim. A pena foi que «oportunamente» não se fizesse o que deveria fazer-se. Resta-nos a consolação de que, dentro de breves dias, já ninguém se lembrará do caso. Morrem cedo todas as flores.

BRONCA: 1.º ROUND

Tranquilamente, a patinagem no gelo chega até nós de longes terras. De Bratislava nos vem. De uma Bratislava de fortes raízes históricas a respeito da qual, para nos situar, teria sido bom nos dissessem alguma coisa, como sucedeu com o Luxemburgo no Festival da Canção. Eu sei, está claro, sei várias coisas a saber: que a Checoslováquia não é o Luxemburgo e que a patinagem artística não possui a importância comparável à de uma cantiguinha bem arrancada dos gorgomilos sentimentais.

Bom, a patinagem. Estávamos à espera de uma passeata completamente tranquila, apaziguante, convidativa ao sonho, à evasão, à libertação do espírito. Pode-se até calar a gorja ao televisor e obtemos assim uma televisão ideal: assim, tudo se passa como numa miragem perfeita. Envolve-nos uma brancura de pureza, os gestos são harmoniosos a desejar pedra para se eternizarem na escultura. Tivessem os gregos de Péricles utilizado os patins e o Louvre estaria hoje enriquecido com as belíssimas esculturas que todos desconhecemos. Assim, diante do televisor, trancamos os ouvidos, algemamos a memória, podemos mesmo semicerrar os olhos, como se diz nos romances vulgares, e lá ficarmos a vogar pelas fugidias imagens...

Eis senão quando, a bronca rebenta. Encontrava-se na pista do belo pavilhão o par russo campeão do mundo numa exibição que se poderia classificar de perfeita se acaso a perfeição fosse deste mundo, em geral, e da patinagem artística

em particular. Quando de repente a música deixou de se ouvir.

O facto não perturbou os artistas que prosseguiram os rendilhados como se nada fosse com eles. Eles patinavam, o juíz presidente apitava, o público aplaudia, rendido à magia daquela dança de pássaros ou de anjos (puxa, não digam que esta frase não ficou bem bonita, ah, mas é que eu afiei o lápis antes de começar a escrever!) e diante da barraca o nosso comentador Manuel Magno não sabia de que terra era, o pobre não tinha informações porque o comentador dele também não comentava nada, o juri deliberava, o presidente apitava, o público aplaudava (desculpem, é por exigência literária) e o par rodava, rodava, rodava, esquecido na magia daquela dança, etc., etc., e o comentador português lembrava que era uma situação desagradável, podia levar à desclassificação, pois se a música pára, o par deve parar, até é lógico, caramba, cada qual deve dançar conforme a música, principalmente quando seja música imposta, como era o caso. Em resumo: uma barraca de todo o tamanho e está claro, para despertar não há como uma bela barraca, se as barracas desaparecessem deste mundo, o planeta tornava-se o local mais chato do Universo. Dar barraca é próprio do homem.

Estávamos nós brutalmente interessados em saber o resultado da barraca quando a emissão se interrompeu por causa do Telejornal, com a promessa de Manuel Magno de que, às 10 horas, no segundo programa nos contaria como tudo se passou.

BRONCA: 2.º ROUND

As 10 (dez) horas prefixas lá estávamos de segundo programa em riste, ansiosos por saber como ia o presidente descalçar o par de botas. Tratava-se, é certo, dos campeões do mundo; no entanto, se a música pára, o patinador deve parar, a lei é lei, é de lecas, sede lecas, as lecas fizeram-se para se cumprirem.

Mas não. Desclassificação não houve. Teria havido atropelo às regras? Mistério que Manuel Magno não esclareceu devidamente. Quando muito, a coisa ter-se-á reflectido na pontuação: em lugar dos 60, o par recebeu à volta de 59. Nem as danças fogem à desvalorização.

A eurobronca, no entanto, não ficaria por aqui. Agora não com russos mas com americanos. Esta agora de consequências bem mais funestas para a patinagem artística.

Foi o caso que encontrando-se na pista gelada o casal Militano, submersos na magia daquela dança, etc. (ver tretas supra) a música adquire uma estranha velocidade como se lhe injectassem anfetamina. O casal ianque suspende a labuta e vem junto do presidente protestar. Tinham razão. Se continuassem naquele ritmo infernal, em breve estaria a pista de Bratislava transformada na vertiginosa «Rua da Paz» do Charló.

Recomeçou a música, recomeçou a dança. Tudo parecia voltar à normalidade quando de súbito o par americano suspende o sonho: o Militano encontrara qualquer coisa no chão e foi entregá-lo na mesa do juri. Pessoalmente, achei que o rapaz fora muito bem educado, outro fosse ele e guardava para si o achado, o que seria uma boa recordação dos bons tempos passados em Bratislava, mas não deixava de ser uma acção indecente. Muito mais pobrezinhos ca ele somos nós cá em Lisboa e quando achamos qualquer coisa que não preste — um porta-sem-moedas, um chapéu-de-chuva esboracado, um menino pobrezinho — vamos logo entregar no posto de polícia mais perto.

Mas não. Não se tratava disso. Militano fora protestar. Havia coisas no ringue. Caiam coisas do tecto sobre o ringue. Coisas perigosas para os patinadores. Depois do protesto, o par americano abandonou a prova.

O comentador-piloto de Manuel Magno considerou antidesportiva a atitude dos americanos. Manuel Magno achou que não: eles estavam no seu direito de protestar. Simplesmente, ò mano, não era isso que estava em causa. O que estava em causa era o abandono da prova. Patinar, sim; amuar, não. Os ianques são muito sensíveis. Devem, com urgência, consultar o seu psicanalista de estimação.

Se querem que lhes diga tudo, não estou nada interessado na patinagem dos americanos ou no regulamento das competições das danças sobre o gelo. Regulamento com cerca de 500 artigos, maginem só! Outros são muito mais reduzidos e mesmo assim as broncas não faltam...

CARNAVAL INFANTIL
1973
EUROPA

NAS TARDES DE
SÁBADO (3), DOMINGO (4),
2.ª-FEIRA (5) E 3.ª-FEIRA (6)

FILMES DE WALT DISNEY
ATRACÇÕES/PALHAÇOS

PRÉMIOS — Ofertas da
★ PLÁTANO EDITORA ★ FAVORITA
★ VALENTIM DE CARVALHO
BRINDES A TODAS AS CRIANÇAS

5 HORAS DE PERMANENTE ALEGRIA

Bilhetes à venda M/ 6 anos

CARNAVAL 73 NO MINHO!
4 NOITES DE ALEGRIA

HOTEL DO PINHAL
OFIR
Telefone 023-89473

RESTAURANTE
Sexteto «ORBITA 5»

HOTEL AFONSO III
VIANA DO CASTELO
Telefone 028-24123

RESTAURANTE
Sexteto «PROMOTION»

Directamente do Brasil a grande vedeta
ELIANA PITTMAN
e o seu conjunto privativo

BOITE
Conjunto «AGUANOVA»
(ex-Sexta Reacção)

DISCOTECA
A mais moderna estereofonia

«SHOW» Carioca com o magnífico Trio
WILMA PALMER — WILSON DE VASCONCELOS — PEIRÓ

Preços por pessoa:
SÁBADO E SEGUNDA
Hotel do Pinhal — Restaurante Esc. 200$00 — Boite Esc. 150$00
Hotel Afonso III — Restaurante Esc. 200$00 — Discoteca Esc. 150$00
DOMINGO E TERÇA
Hotel do Pinhal — Boite Esc. 150$00 (Programa completo)
Hotel Afonso III — Discoteca Esc. 150$00 (Show Carioca)

Todos estes preços incluem o direito a reserva de mesa, Brindes Carnavalescos e o primeiro consumo (whisky, licor, brandy, 1/4 Espumante ou refrigerante)
15 % de desconto nos restantes serviços dos hoteis

HOTEL RALI
VIANA DO CASTELO
Telefone 028-22176

Para quem deseje um Carnaval calmo, podendo nadar na sua linda Piscina interior à temperatura de 24 graus agora inaugurada e única na Metrópole, privativa dos hóspedes do hotel.
O Clube «PRÍNCIPE HENRIQUE» também merece a sua visita.
Grupo C — Maiores de 14 anos

Noites de Noites de

CARNAVAL

THE THURANOS
ORIGINAIS EQUILIBRISTAS

JULIO CESAR
IMITADOR E FANTASISTA

MIKE AND JO RICARD
COMEDIANTES DA ACROBACIA

„From Holland With Love"

JIRINA'S COMBO
ORPHEU'S QUARTET
"CAVALINHO 73"
FERRER TRINDADE e sua orquestra

DELLA MONTEE SÓ NO WONDER BAR

NO GRANDE SALÃO RESTAURANTE ÀS 23,30 H.
Grupo C/ Maiores de 14 anos
NO WONDER BAR A 1,0 H. Maiores de 21 anos

Sábado — Baile de Abertura — traje de noite no Salão Restaurante e traje de passeio no Wonder Bar

Domingo e Segunda-Feira — Bailes Trapalhão (traje de fantasia no Salão Restaurante e no Wonder-Bar).

Terça-Feira — Baile de Encerramento (traje de passeio no Salão Restaurante e no Wonder-Bar).

Preços: Restaurante e Wonder-Bar, Sábado, Domingo e Terça-Feira, 200$00 por pessoa, com direito a consumo de bebidas no valor de 100$00. Segunda-Feira, 450$00, com direito a uma garrafa de espumante para 4 pessoas no valor de 200$00.

Taxas e impostos não incluídos.

Respeitam-se marcações até 24 horas antes de cada baile.

Domingo e Terça-Feira — «Matinées» dançantes.
Preço: 50$00.
Todas as noites o «show» habitual.
No Salão Restaurante às 23 e 30:

Les Chèries — Mike et Jo Ricard — Beatriz da Conceição
The Jan Arntz Dancers

DL/ESPECTÁCULOS

CRÍTICA DE CINEMA

Lauro António

Revelação portuguesa de Jean Vigo

1. TÍTULO: A PROPÓSITO DE NICE (A Propos de Nice)
REALIZAÇÃO: Jean Vigo e Boris Kaufman, 1930 (França).

2. TÍTULO: TARIS (La Natation, Par Jean Taris, Champion de France)
REALIZAÇÃO: Jean Vigo, 1931 (FRAnça)

3. TÍTULO: ZERO EM COMPORTAMENTO (Zero de Conduite)
REALIZAÇÃO: Jean Vigo, 1933 (França)
INTÉRPRETES: Jean Dasté, Robert de Flon, Delphin, Du Verron, Larive, Louis Lefebvre, etc...

4. TÍTULO: ATALANTE (Atalante)
REALIZAÇÃO: Jean Vigo, 1934 (França)
INTÉRPRETES: Michel Simon, Jean Dasté, Dita Parlo, Gilles Margaritis, etc...
DISTRIBUIÇÃO: Animatógrafo
ESTREIA: Cinema Estúdio (24-2-73)

Finalmente, em Portugal, o cinema de Jean Vigo!

Jean Vigo: um nome mítico na história do cinema, não só do cinema francês como de toda a história do cinema mundial.

Mas, quem é Jean Vigo?

Nasceu em Paris, em 1905, filho de um militante anarquista, Miguel Almereyda (pseudónimo de Eugene Bonaventure de Vigo) e de Emily Clero. Almereyda, seu pai, preso variadissimas vezes, acabou por falecer numa cela. A versão oficial anunciou um suicídio, mas as dúvidas permanecem sobre o que realmente teria acontecido naquele dia 13 (ou 14?) de Agosto. Esta morte iria, contudo, perturbar enormemente a adolescência de Jean Vigo, que ficou entregue aos cuidados da sua avó e do marido desta, Gabriel Aubes de nome, fotógrafo de profissão em Montpellier, personalidade que marcaria igualmente, a educação «visual» do ainda jovem Vigo.

Entretanto, em virtude do rumores ostos a circular sobre Miguel Almereyda, Jean Vigo viu-se obrigado a matricular-se num colégio de Millau, sob um pseudónimo. Aí irá encontrar Vigo inspiração para o seu primeiro filme de ficção: **Zero Em Comportamento**. Mais tarde, entre 1922 e 1924, vamos encontrá-lo estudando no liceu de Chartres e, um ano depois, na Sorbone, onde frequenta cursos de moral, sociologia e psicologia. Em 1927, conhece Elisabeth Lozinska com quem casará mais tarde.

Em Janeiro de 1928, Jean Vigo é contratado como assistente de imagem no Franco Filme de Nice. A permanência em Nice obriga-o a entrar em íntimo contacto com a cidade, uma cidade que ele passa a admirar e simultaneamente odeia. Repleta de contrastes, Nice fornece-lhe amplo material para a sua estreia cinematográfica (ainda numa realização de colaboração com Boris Kaufman, com quem continuaria aliás a trabalhar daí em diante, mas unicamente como fotógrafo). **A Propos de Nice** data de 1930 e é uma película ainda muda

Taris, seu segundo trabalho, dirigido em 1931, seria o primeiro documentário de uma série produzida pela Gaumont: **Le Journal Vivant**. Intitula-se **Taris, ou La Natation, par Jean Taris, Champion de France**.

Do encontro de Jean Vigo com Jacques-Louis Nounez, produtor de filmes, irá surgir **Zero em Comportamento**, obra que redundaria na época num violento fracasso comercial, tanto mais que algum tempo depois de estreada seria proibida pela censura, sob pressões de vária ordem, inclusive de certas ligas de Pais, traumatizadas, seguramente, com a agressividade e o humor corrosivo e irreverente de Jean Vigo. Apesar do fracasso económico, Nounez insiste e volta a oferecer a sua confiança ao jovem autor, entregando-lhe um argumento para cinematizar. Daí sairia **Atalante**. Terminada em Fevereiro de 1934, estreada em Abril, **Atalante** seria a derradeira obra deste cineasta raro. Em 5 de Outubro do mesmo ano falecia, ao que consta vítima de tuberculose. Este o percurso de um homem que se cumpriu nos escassos vinte e nove anos de vida e que nunca deixou de procurar ilibar a memória de seu pai, recolhendo, ao longo da sua curta existência, todos os vestígios e testemunhos que pudessem, de algum modo, destruir a ideia de «traidor» que pairava sobre o nome de Miguel Almereyda.

A análise da obra de Vigo não se pode encerrar nas linhas apressadas e necessariamente curtas de um comentário escrito sobre a estreia. Mas urgente se torna chamar a atenção do público para a importância e significado do programa que o cinema Estúdio exibe presentemente. Trata-se inegavelmente de um acontecimento de ressonâncias inesperadas e que, escusado será dizê-lo, justifica por inteiro a deslocação do leitor atento.

Retirando o caso de Taris (filme que nos surge de imediato «menor», no contexto da curta filmografia de Vigo), todos os outros filmes são autênticas obras-primas, marcos da cinematografia francesa e exemplos raros de uma sensibilidade particularmente dotada para a expressão visual. **A Propósito de Nice**, «visão documental» de uma realidade, como lhe chamaria Vigo, é um documentário de concepção estranha. Principia por um certo tom neutral, que vai desaparecendo a pouco e pouco, para ceder perante a observação irónica, a anotação satírica, o apontamento de fundo social. Quanto a **Zero em Comportamento** (que será, quanto a nós, a obra mais importante de Jean Vigo, muito embora se possa — e deva — reconhecer um melhor acabamento formal a **Atalante**), trata-se de um curto filme de ficção, reminiscências de infância, no qual se descreve, em traços de um humor implacável (onde são por de mais evidentes a sua filiação anarquizante e o seu pendor surrealista), uma revolta num internato de rapazes, que irá culminar com o astear da bandeira dos piratas no dia do aniversário do colégio, com os alunos bombardeando professores, vigilantes e convidados do alto dos telhados. A caricatura é violenta, mas o humor nunca perde espontaneidade e fescura, repassado por um lirismo por vezes meigo e uma filtragem onírica só possível entre os eleitos. Lirismo apaixonante, ternura e humor que serão ainda as tonalidades dominantes de **Atalante**, autêntico poema sob a forma de barcaça, vogando nas águas do Sena, ao encontro de Paris, ou a história de um marinheiro que descobre o seu verdadeiro amor, mergulhando a cabeça nas águas de um rio e, entrevendo aí, a imagem quimérica da noiva.

Outros comentários ficarão reservados para melhor oportunidade. Aqui restará reafirmar o que já atrás dissemos: não perca este «espectáculo Jean Vigo», que o **Animatógrafo** lhe oferece. Um reparo a finalizar: novamente o **écran** do cinema Estúdio não respeita o enquadramento original dos filmes ali projectados. Nada será possível fazer. Recusamo-nos a acreditar que seja mero descuido ou desleixo numa sala que cobra quarenta escudos por um bilhete de noite de senama.

COLISEU
HOJE
ESTREIA
A TARDE: às 16 horas entrada gratuita às crianças dos 6 aos 10 anos
À NOITE: às 21,30 h. (Grupo B) — 10 anos
Grandes atracções
A célebre Banda Cómica
EL EMPASTRE
A melhor do Mundo
BILHETES À VENDA

CARNAVAL
4 animadas tardes infantis, com entrada gratuita às crianças dos 6 aos 10 anos
4 Noites de Folia 4 Bailes até de madrugada (Grupo C) — 14 anos
BILHETES À VENDA

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido na «Tabacaria Loureiro», Avenida 5 de Outubro, 26 SETÚBAL

VÁ AO TEATRO!!!
VASCO MORGADO recomenda os seus espectáculos:

TEATRO tel. 32 60 17
VARIEDADES
30.ª SEMANA
Grupo C M/ 14 anos
com JOSÉ VIANA
no protagonista
SUA EXCELÊNCIA O VENDURA
com
DORA LEAL (revelação da temporada 72-73), Henrique Viana, Luís Santos, Manuela Cassola, Maria Otília, Vítor de Sousa, Luís Pinhão, Cândido Mota, Carlos Rosa, Joaquim Miranda, António Semedo, Ana Le Mattre, Jorge Nascimento e a colaboração de MARIA PAULA
Terça e quarta-feira, às 21.45 horas; quintas, sextas e sábados, 2 sessões, às 20.45 e 23 horas; domingos, às 16 e 21.45

HOJE
A NOITE 2 sessões: 20.45 e 23 h
TELEF. 55 51 33

Domingos: «matinées» às 16 h e 4.ª feira, descanso da C.ª

TEATRO Tel. 32 74 93
CAPITÓLIO
10.ª SEMANA
Grupo D M/ 18 anos
Uma comédia inglesa com FLORBELA QUEIROS
Sexo, nunca! somos britânicos...
No elenco
IRENE ISIDRO
Carlos Duarte, Jorge de Sousa Costa, Norberto de Sousa, Fernanda Franco, Mariano, Fátima Miranda e, pela primeira vez em comédia OCTÁVIO DE MATOS
Encenação de Maria Helena Matos
3.ª e 5.ª: às 21.45 horas
6.ª-FEIRAS, SABADOS E DOMINGOS — 2 sessões: ÀS 20.45 E 23 HORAS
Domingos: «matinées» às 16 h e 4.ª feira, descanso da C.ª

OS TOUREIROS E A "TOURADA"

A lucidez também esteve na reunião do sindicato

Efectuou-se ontem no Sindicato Nacional dos Toureiros, uma reunião para deliberar, qual a atitude a tomar por este organismo a propósito da letra da canção «Tourada».

Presentes, além de toda a direcção do Sindicato, os cavaleiros José Samuel Lupi, Luis Miguel da Veiga, José João Zoio, Azarujinha, Mestre Baptista, os toureiros Amadeu dos Anjos, Diamantino Viseu e alguns forcados. Mais tarde e para uma consulta jurídica foi chamado o advogado Cavaleiro Ferreira.

As opiniões dividiram-se. Logo de início, Mestre Baptista afirmou que **«Não sei até que ponto iremos ou devemos condenar o autor da letra. É um poeta!»** Imediatamente o cavaleiro Azarujinha em termos vigorosos declara:

— **Neste momento existe uma tentativa de guerra contra a Festa Brava. Não concordo com essa tua afirmação, porque ser poeta é muito fácil. É preciso, isso sim, tomar a responsabilidade do que se escreve, pois caso contrário posso tornar-me poeta e atacar uma classe, neste caso a dos toureiros.**

Um dos representantes do «Sector 1», Mauricio Duval, disse por outro lado que a canção não atacava em princípio a corrida de toiros.

DIAMANTINO VISEU — «ÁGUA NA FERVURA»

O cavaleiro Samuel Lupi, um dos mais entusiastas intervenientes, rebateu, dizendo que **«não tenho de pensar com o que ele pensava. Tenho apenas de ler o que ele escreve».**

Quando todos pareciam unânimes em tomar determinada decisão e se preparavam para ouvir a opinião do advogado, o toureiro Diamantino Viseu disse:

— **Não estou de acordo com nenhum dos senhores. Não estou convosco. Não nos importa que a canção represente bem ou mal o país. Não podemos interferir nisso. Não consigo ver naquilo qualquer ridículo para os «toiros».**

O cavaleiro Zoio, porém, achava que se devia acusar o autor e o intérprete (acrescente-se que toda a assembleia se manifestou abertamente contra a interpretação de Fernando Tordo!). O advogado presente disse:

— **Creio que uma acção contra a canção irá contribuir para o seu êxito. Se de facto, existe ali uma ofensa à classe dos toureiros, é necessário que se prove o ânimo do autor em injuriar, o que é realmente difícil. Apoiar, quanto a mim o escândalo, parece-me mal.**

Depois de elucidar a assembleia dos possíveis **«caminhos»** judiciais a seguir, a própria assembleia decidiu não mover nenhuma acção judicial contra o poeta Ary dos Santos ou entidade organizadora do Festival, mas vão junto às entidades governamentais manifestar o seu desagrado e lamentar que tal poema vá representar a canção nacional. Tencionam além disso não dar o mínimo de publicidade ao facto, porque isso, na generalidade das opiniões, só ia ajudar o autor e intérprete.

À saída, um dos participantes mais activos, o bandarilheiro Joaquim Silva disse muito filosóficamente **«Não faz mal, os Arys passam e a festa continua».**

AFINAL, SER POETA É FÁCIL...

Há o clero. Há a nobreza. Há o povo. Ao primeiro, confessar-me-ia, se não me fossem tantos os pecados. À segunda, mandam-me que respeite: é o «sangue azul», é toda uma tradição de força e de poder, não é? Ao terceiro, pertenço, peão de brega que sou na arena da vida.

Do clero não falo, que não vem para o caso. Do povo não curo agora, que muito difícil é defender a gente, interesses próprios. Da nobreza, personificada no cavaleiro tauromáquico D. Francisco Azarujinha, permitam-me que ria, mãos apertadas contra a barriga, que é a posição própria de um tipo depois de ouvir uma anedota.

É que sabe bem contá-las o D. Francisco: «Ser poeta é muito fácil. Mas nós não estamos no século XX para sermos poetas. Somos responsáveis», disse ontem à noite no Sindicato dos Toureiros.

Sim, já é tempo de chamar os poetas à responsabilidade, eles que andam para aí a fazer versos! Fazer versos, num tempo destes, quando o «trage de luces» obriga a tantas bandarilhas? É uma afronta!

D. Azarujinha, se mandasse, proibia os poetas de poetarem, Fernando Pessoa de ter vivido, Luís de Camões de ter escrito «Os Lusíadas», Manuel Alegre de estar na praça da canção, Lorca de se chamar Frederico... E mandar-nos-ia a todos para as lides, bem mais difíceis que os poemas. Ora digam lá se a nobreza ainda não colhe!

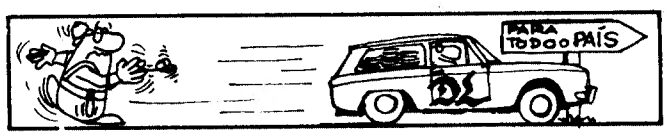
TORQUATO DA LUZ

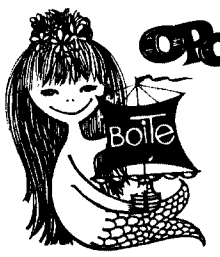
A posição de Ary

Sobre o protesto do Sindicato dos Toureiros, disse-nos o poeta José Carlos Ary dos Santos, autor da letra de «Tourada»:

Quanto a mim, os Sindicatos servem, ou deveriam servir, para reivindicar ou para, em determinados contextos, protestar. Porém, se possível, nunca para «asneirar». Que atendam bem os profissionais das lides tauromáquicas nas palavras da minha canção (e do Fernando Tordo). Nem uma sílaba contra a tourada em si própria.

Ou serão eles, os mais corajosos, segundo tantos dizem, algo medrosos? Não o creio. Sempre gostei de — passe o termo — ir aos toiros. Sempre admirei o denodo, a coragem, a arte de quem sabe, como pode, «enfrentar a fera».





M/21 ANOS

O PORÃO DA NAU

1.ª classe — c/utilidade turística

R. Pinheiro Chagas, 1-D
Tel. 51501 — LISBOA

Direcção de
RUY CASTELAR

CARNAVAL
É NO
PORÃO DA NAU

DIVIRTA-SE À GRANDE E À BRASILEIRA
ABERTO ATÉ ÀS 5 HORAS TODOS OS DIAS

MÚSICA CLÁSSICA

Este é 1 dos 2.000 DISCOS L. P. STÉREO que pode escolher do n/ catálogo a preço especial de divulgação.
Envio à cobrança para todo o País e Ilhas.

Escreva para:
APARTADO 5.095
LISBOA 5

Preço 85$00

FILMES CASTELLO LOPES 50 apresenta

LIMONADA JOE

1º Prémio do Festival de San Sebastian

KAREL FIALA · OLGA SCHOBEROVA · KVETA FIALOVA
RUDOLF DEYL Realização de Oldrich Lipsky

VENHA RIR!

AMANHÃ, CONDES ESTREIA

COLORIDO·SCOPE GRUPO C – 14 ANOS

OS FAMOSOS E DIVERTIDOS "PÂNDEGOS" VÃO DE FÉRIAS...

E O carnaval COMEÇA MAIS CEDO!

COM JEITO VAI... na Pândega!

HOJE ÀS 21,30 ESTREIA NO SÃO JORGE

PROGRAMAÇÃO RANK

COLORIDO GRUPO D 18 ANOS 'carry on abroad

DL/GERAL

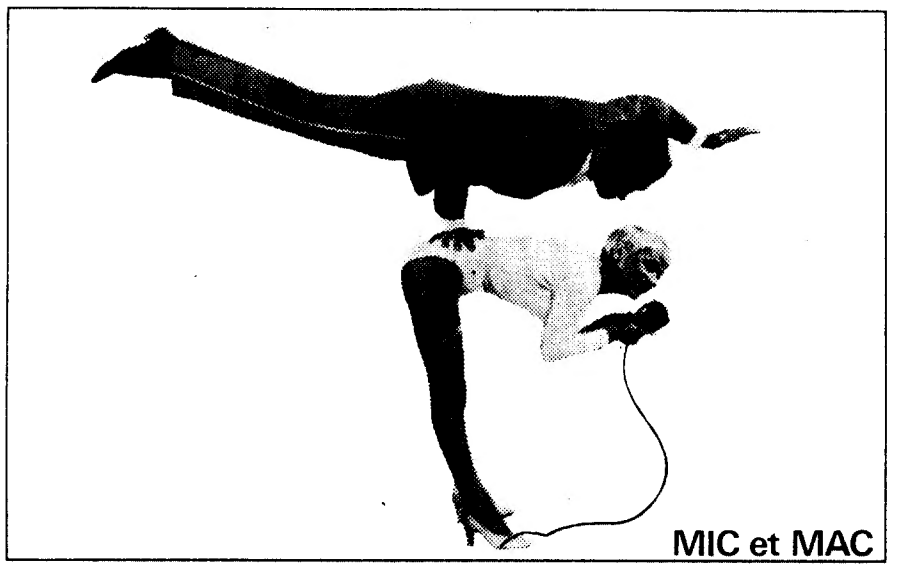
NACIONAL RÁDIO
S. A. R. L.

Informamos os n/ estimados Agentes e Clientes, que os n/ escritórios e todos os n/ serviços se encontram encerrados nos próximos dias 5 e 6 do corrente.

O SEU MELHOR CARNAVAL
TORRALTA
ALGARVE

*

BOBBY SALVADOR
E
SUAS BONECAS ORIENTAIS



Artistas fantasistas franceses

música para dançar pelo conjunto ESPANHOL FEMININO

LAS AMAZONAS
e
"OS FABULOSOS"

sábado/domingo/segunda-feira/terça-feira

reservas: Lisboa – telefones 555400/555562
Portimão – telefones 32211/32128

GRUPO D
MAIORES DE 18 ANOS

NO PLENÁRIO CRIMINAL

Acusados de imprimir um jornal clandestino

O Plenário Criminal de Lisboa julga pela primeira vez pessoas acusadas de ligações com os Comités Comunistas Revolucionários Marxistas-Leninistas, organização formada há cerca de quatro anos e que publica, como órgão teórico, o jornal «Viva o Comunismo!»

No mesmo processo — de que se realizou esta manhã a primeira audiência — responde também um licenciado em Direito, acusado de ter sido membro do Movimento Reorganizativo do Partido Proletário (MRPP) e do seu organismo de juventude, a Federação dos Estudantes Marxistas-Leninistas.

A nota de culpa, em 98 pontos anuncia as pretensas tarefas dos réus no campo da elaboração, impressão e distribuição de panfletos e documentos de carácter político.

«Ligados» aos C.C.R. e acusados de «autoria» do crime de «associação ilegal» são os srs. Rui Teixeira Henriques e Fernando José de Moura Martins de Brito, ambos engenheiros, e os estudantes de engenharia Carlos António Gonçalves Tomás e Joaquim Manuel Prudência Vieira, todos de idades compreendidas entre os 22 e os 26 anos e residentes em Lisboa. Carlos Alberto Palma de Miranda, de 25 anos, professor de programação, é acusado de «cumplicidade material» com os anteriores.

O dr. Duarte Teives Henriques está em liberdade provisória. Candidato à advocacia, de 27 anos, o sexto réu do processo é acusado de ligações com o MRPP e a FEML e, posteriormente, de agitação política na Escola Prática de Infantaria, em Mafra, onde terá elaborado e difundido um panfleto incitando à recusa do «juramento de bandeira» dos instruendos do Curso de Oficiais Milicianos.

Entre Julho de 1970, data da sua alegada integração naquele Movimento, e Outubro de 1971, data da sua incorporação na E.P.I. de Mafra, o dr. Duarte Teives teria recebido, no âmbito da FEML, e entre outras, a tarefa de **«actuar partidariamente»** nas Faculdades de Direito, Letras e Medicina, da Universidade Clássica de Lisboa.

Os outros cinco réus continuam detidos

OS JORNAIS

Num ou noutro dos copiógrafos a que tinham acesso, alguns dos réus imprimiram várias edições de **«Viva o Comunismo!»**, além do panfleto **«Notas sobre as Contradições do Capitalismo»** e o estudo **«Os Comunistas e a Questão Colonial»** (aparecido pela primeira vez em Dezembro de 1965, no n.º 6 da **«Revolução Popular»**, órgão teórico do **Comité Marxista-Leninista Português**).

Referindo certas tiragens de propaganda da Esquerda Democrática Estudantil (EDE), de que acusa o réu Carlos Miranda, o Ministério Público refere esta organização como uma **«associação não autorizada, constituída em desacordo com as normas legais que regulam o direito de associação.»**

A Direcção-Geral de Segurança apreendeu aos réus um copiógrafo eléctrico que tinham instalado num «ponto-de-apoio» no Cacém, uma máquina de escrever, que teria sido utilizada para elaborar as matrizes dos textos, e um automóvel em que se diz ter transportado o mesmo duplicador.

Os réus constituíram seus advogados os drs. Manuel João da Palma Carlos, Joaquim Mestre, Jorge Sampaio e Victor Wengorovius.

A sentença será conhecida dentro de dias.

RONDA
REABERTURA
A 1 MARÇO

CARNAVAL-73

DIAS 3, 4, 5 E 6 DE MARÇO

AV. SABOIA, 3
MONTE ESTORIL

RESERVAS PELO T. 260965
OU NO LOCAL

— GRUPO D — MAIORES DE 18 ANOS —

BANCO BORGES & IRMÃO 1884

Banco Borges & Irmão
PORTO

AUMENTO DE CAPITAL
EMISSÃO DE 300 000 ACÇÕES

ENTREGA DOS TÍTULOS DEFINITIVOS

Avisam-se os Senhores Accionistas que, a partir do próximo dia 1 de Março de 1973, poderão apresentar as cautelas para troca ulterior pelos títulos definitivos respeitantes ao último aumento de capital.
As cautelas devem ser apresentadas em qualquer dos estabelecimentos do Banco, mediante o preenchimento dos impressos adequados, e estar devidamente assinadas pelo respectivo titular ou seu representante legal com reconhecimento notarial ou abonação bancária.

Porto, 24 de Fevereiro de 1973

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

prontos-a-vestir...

A vestir com a nova e sensacional colecção do pronto-a-vestir do Pão de Açúcar.
Para eles, é claro, e para si, para o seu marido, para toda a família, está no Pão de Açúcar a colecção de modelos de pronto-a-vestir para a Primavera-Verão 1973. São modernos, são elegantes, são sensacionais!

Vestidos, saias, calças, camisolas, para homem, senhora e criança.
A partir de 1 de Março.
No Pão de Açúcar.
E a preços verdadeiramente fora de série!

Pão de Açúcar

Lisboa (8 lojas) • Porto • Setúbal
Barreiro • Almada • Oeiras

LEO BURNETT

DL/GERAL

ELIANA PITTMAN:
Carnaval na TV e em Ofir

Luis Rocha, Fernanda Amaro, Artur Garcia, Florbela Queiroz, Fernanda Franco, Norberto de Sousa, Henrique Mendes, António Lopes Ribeiro e Paco Bandeira (convidado à última hora) não chegaram para ofuscar a presença no palco do Maria Matos, ontem, de Eliana Pittman, durante a gravação de mais um «Domingo à Noite». Eliana, que trouxe um programa especial para actuar em Portugal, cantou cerca de uma dezena de canções, perante o agrado dos espectadores e, muito principalmente, de José Duarte, o homem do Jazz, que a considera uma das melhores intérpretes da actualidade, mudando três vezes de vestido e obtendo um êxito invulgar. Eliana, que será vista no domingo de Carnaval através do pequeno écran, vai fazer o Carnaval ao Hotel do Pinhal, em Ofir e, depois, dará uma volta à Europa «para descansar».

Matrículas nos Institutos superiores

No Instituto Superior de Economia já se encontra afixada a lista de distribuição dos alunos por este estabelecimento de ensino e pelos Institutos Superior de Ciências Sociais e Política Ultramarina e Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa.

Nos dois últimos estão também afixadas as listas dos alunos que a cada um deles se destinam.

X FESTIVAL DA CANÇÃO
As letras das canções premiadas

Aberto o precedente, e dado que a própria R.T.P. reconhece que a publicação das letras das canções não pode prejudicar de qualquer modo a decisão do juri nacional e a apresentação de «Tourada» no Luxemburgo, decidimos publicar hoje as letras das três canções premiadas: «Tourada»; «É por Isso que eu Vivo» e «Gente».

TOURADA

Música: Fernando Tordo
Letra: J. C. Ary dos Santos
Orquestração: Pedro Osório
Intérprete: Fernando Tordo

Não importa sol ou sombra
Camarotes ou barreiras
Toureamos ombro a ombro
As feras
Ninguém nos leva ao engano
Toureamos mano a mano
Só nos podem causar dano
As esperas

Entram guisos, chocas e capotes
E mantilhas pretas
Entram espadas, chifres e derrotas
E alguns poetas
Entram bravos, cravos e dichotes
Porque tudo o mais
São tretas!

Entram vacas, depois dos forcados
Que não pegam nada
Soam bravos e olés dos nabos
Que não pagam nada
E só ficam os peões de brega
Cuja profissão
Não pega

Com bandarilhas de esp'rança
Afugentamos a fera
Estamos na praça
Da Primavera
Nós vamos pegar o Mundo
Pelos cornos da desgraça
E fazermos da tristeza
Graça!

Entram velhas doidas e turistas
Entram excursões
Entram benefícios e cronistas
Entram aldrabões
Entram marialvas e coristas
Entram galifões
De crista!

Entram cavaleiros à garupa
do seu heroísmo
Entra aquela música maluca
Do «pasodoblismo»
Entra a aficionada e a caduca
Mais o snobismo
E cismo!

Entram empresários moralistas
Entram frustrações
Entram antiquários e fadistas
E contradições
Entra muito dólar, muita gente
Que dá lucro
Aos milhões!

E disse
O inteligente
Que acabaram
As canções!

É POR ISSO QUE EU VIVO

Música: Paco Bandeira
Letra: J. C. Ary dos Santos
Orquestração: Ivor Raymond
Intérprete: Paco Bandeira

Eu sou a palavra
Lavrada e aberta
Eu sou a raíz
Eu sou a garganta
De um homem que fala
E sabe o que diz

Eu sou o silêncio
Das trevas que penso
Das coisas que digo
Sou filho do tempo
Sou fúria do vento
Sou força do trigo

Ai, eu sou terra
Sou mágoa
Sou vento
Eu sou água
Sou princípio e fim

Ai, não me falem em pranto
Não me rasguem o canto
Não me arranquem de mim

Ah, se eu pudesse ser tudo
Ser morto e ser vivo
Ser fogo e ser linho

Ah, se eu pudesse ser corpo
Ser alma e ser fruto
Ser pão e ser vinho
Eu sou a semente
Que morre e se queima
E nem chega a nascer
Eu sou o poeta
Que nasce da terra
Com tudo a dizer

Se digo, se canto
Se falo, se mordo,
Se tardo, é por mim
Eu sou a demora
Do tempo que chora
Por dentro do fim

Ai, a distância que vai
Do celeiro ao tear,
Do cantor ao celeiro
Ai, a diferença que tem
O luar, quando vem
Sob um céu de Janeiro.

Ah, como sinto vontade
Em lavrar o meu corpo,
Em secar o meu pranto.
Ah, como sinto a verdade
Ceifando o meu trigo
Moldando o meu chão

E é por isso que eu digo
Que sou forte e estou vivo.
E é por isso que eu sigo
E é por isso que eu canto.

Ai, eu sou a terra
Sou mágoa
Sou vento
Eu sou a água
Sou o princípio e o fim.

GENTE

Música: José Calvário
Letra: José Niza
Orquestração: José Calvário
Intérprete. Duarte Mendes

Rasgar a terra
Em verde e pão
Ao seu amigo
Dar a mão
Sonhar o perigo
Dizer não
Não
E saber sempre a razão

Estar ao Sol
Tremer de frio
Não embarcar
Qualquer navio
Semear uvas
Ser o vinho
E saber sempre o caminho

Gente que vive e sofre
E faz trigo e amor
Com suor
Gente que espera
E é capaz
De calar
De esquecer
De cantar
Outra vez

DESASTRE NA AUTO-ESTRADA DE CARVALHOS: FALECEU O SOBREVIVENTE

PORTO, 1 — Faleceu esta manhã, no hospital geral de Santo António, o industrial, Angelo de Jesus Guedes, de 36 anos, morador na Rua de 14 de Maio, 202, em Avintes, que conduzia o veículo, que anteontem à noite embateu violentamente num poste de iluminação que margina a auto-estrada dos Carvalhos.

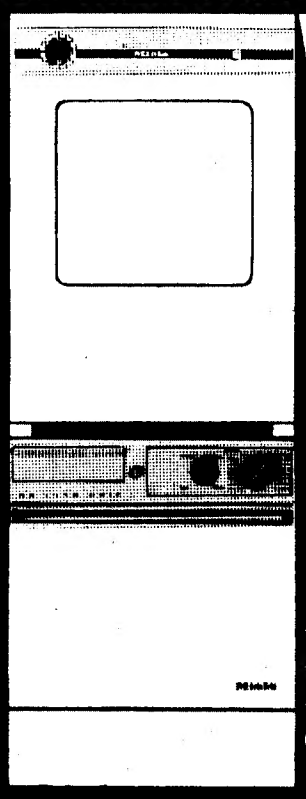
O carro partido em dois ficou numa amalgama de ferros torcidos. No acidente teve morte imediata. Adriano António Gonçalves, operário de 53 anos, que residia na Rua da Travagem 161-4 e que seguia ao lado do condutor.

O MINISTRO RUI SANCHES ALMOÇOU COM JORNALISTAS

O ministro das Obras Públicas e das Comunicações, eng.º Rui Sanches, reuniu-se ontem num almoço com os jornalistas que costumam acompanhá-lo nas visitas de trabalho pelo País, com o fim de lhe testemunhar o seu agradecimento pela forma como sempre o têm acompanhado.

Durante o almoço, no qual participaram também o secretário de Estado das Obras Públicas, o director geral dos Serviços Hidraulicos, o director dos Serviços Fluviais, o chefe do gabinete e outros funcionários superiores daquele Ministério, o eng.º Rui Sanchez fez a entrega de uma medalha comemorativa da primeira fase do Plano de Rega do Alentejo, que envolve as barragens do Roxo, do Mira, do Caia e do Divor.

AS JÓIAS E AS PRATAS DA
Ourivesaria da GUIA
SÃO DIFERENTES
RUA D. DUARTE, 4-B
(Edifício do Hotel Mundial)

Coluna lavar/secar roupa
W440/T330

Lavagem automática e secagem electronica - simultâneamente - num mínimo espaço de sua casa.
Miele
Agente Oficial:
M. L. FERREIRA
Rua D. Estefânia, 48 A — Telef. 58958
— LISBOA —

Administração-Geral do Açúcar e do Álcool
Decretos-Leis n.ºs 47 338 e 425/72
Rua Castilho, 14-5.º — Lisboa
Concurso para fornecimento de 2000 toneladas de «ramas» de açúcar de beterraba
Está aberto concurso para o fornecimento de 2 000 toneladas de «ramas» de açúcar de beterraba.
As respectivas condições estão patentes, durante as horas de expediente, na sede da Administração-Geral do Açúcar e do Álcool.
As propostas deverão ser entregues até às 16 horas do dia 14 do corrente mês, em carta fechada e lacrada, com os seguintes dizeres exteriores:
«Concurso para o fornecimento de 2 000 toneladas de «ramas» de açúcar de beterraba»
A abertura das propostas será feita na presença dos concorrentes, na sede da Administração-Geral do Açúcar e do Álcool, pelas 17 horas do mesmo dia.
Lisboa, 1 de Março de 1973.
ADMNISTRAÇÃO-GERAL DO AÇÚCAR E DO ÁLCOOL
O ADMINISTRADOR-GERAL
António Emílio de Tovar Faró
(Engenheiro-Agrónomo)

Rua Ferreira Lapa, 38-D
Telef. 534466 — Lisboa
HOJE
Às 18 horas: inauguração oficial para convidados
Às 22.30 horas: Para o público até às 5 horas
A BOÎTE AO MAIS ALTO NÍVEL
M/ 17 anos

BRILHANTES
GRANDE OURIVESARIA DA MODA

CASA DA COMÉDIA
R. S. Francisco Borja (às Janelas Verdes)
hoje e todos os dias às 22 horas, sábado e domingo às 16 horas
OH PAPÁ POBRE PAPÁ
a mamã pendurou-te no armário e eu estou tão triste...
De ARTHUR KOPIT.
Marc. T. 677299—Maiores 18 anos — Subsidiado Fundo Teatro

PASCOA EM LONDRES
Partidas acompanhadas:
ABRIL 10, 11, 14, 15, 18, 19 e 20
(Estadias de 5-6-7 e 9 dias)
PREÇOS EXCEPCIONALMENTE BAIXOS DESDE 2750$
INCLUINDO:
• VIAGEM EM AVIÃO A JACTO
• ESTADIA NO HOTEL
• TRANSPORTES EM TERRA
• VISITA TURÍSTICA DE LONDRES
• TAXAS HOTELEIRAS
• ASSISTÊNCIA DE GUIA abreu
ORGANIZAÇÃO EXCLUSIVA
abreu
FUNDADA EM 1840
LISBOA — Av. Liberdade, 160 Telef. 320021 (15 linhas)
PORTO — Av. dos Aliados, 207 Telef. 37981 (15 linhas)
COIMBRA — Rua da Sota, 2 Telef. 27001/27002

brevemente em Portugal
gurmevit
contra "OS KILOS" a mais

DL/NACIONAL

UM ARDINA VESTE-SE DE "LORD" PARA AFIRMAR:

Já não existe Carnaval

«O Carnaval acabou. Eu mascaro-me para que as pessoas ao passarem se lembrem que vem aí o Entrudo» — foi deste modo que João Maria Silva Graça, explicou a razão porque se mascara há 40 anos. Este nome não lhe diz nada? É natural, mas provàvelmente a alcunha de **«Esfola» já será mais familiar** para alguns dos nossos leitores.

Trata-se do vendedor de jornais que há 40 anos, oferece «papel» (é a expressão que ele usa!), junto ao tribunal da Boa-Hora.

— **A minha clientela é constituida por juizes, advogados, conselheiros, médicos e banqueiros aqui da zona. São todos muito meus amigos. Ao comparem o jornal, param sempre para um «dedo de conversa». Por dia, devo vender aí uns seiscentos e tal jornais.**

Mas voltámos a falar do seu fato. Há 40 anos que o traje é sempre o mesmo: um fraque. Motivo? Ele explica-nos:

— **Uso sempre este, porque não tenho dinheiro para comprar outro. Quem me fez este foi a minha sogra, que era modista. Ficou-me muito barato.**

— As pessoas não se metem consigo pelo facto de estar mascarado?

— **Não, não lhe dou autorização nem confiança para isso. Não, não, nunca tive aborrecimentos pelo facto de estar mascarado.**

«Continuarei a mascarar-me todos os anos!»

Depois de nos declarar que **«o Carnaval antigamente era muito mais divertido, pois as pessoas arranjavam sempre qualquer pretexto para brincarem, como sejam as cegadas»**, o nosso interlocutor manifestou-se contra certos disfarces:

— **Quanto a mim, mesmo no Entrudo, o homem nunca devia vestir fatos de mulher e vice-versa. Cada um no seu lugar! Outra coisa que eu acho muito bem feita foi acabarem com as caras tapadas nas ruas. Sabe-se lá quem está por detrás das máscaras. Podem aproveitar-se da quadra camavalesca para atacar uma pessoa. O rosto descoberto é que é!**

Enquanto ali estivémos, confirmámos a simpatia que o **«Esfola»** desfruta na área. Paravam e conversavam com ele durante alguns momentos. Desta vez o tema era o Carnaval. Uma inglesa parou para comprar o jornal e perante a nossa admiração, o vendedor entra em diálogo com ela.

— **Fala inglês?** perguntámos.

— **Pode aí escrever que falo cinco línguas. Português, francês, inglês, espanhol e italiano.**

— **Mas** e onde aprendeu todos estes idiomas?

— **Bom...bom...foi no Cais do Sodré. Eu vendi ali durante muito tempo jornais e ouvia o que eles diziam. Comecei a perceber o significado das coisas e fiz cá o meu resumo da língua. Hoje entendo-me bem com eles.**

E o sr. João Graça fez-nos uma pequena demonstração das suas qualidades de poliglota.

Há 40 anos a vender jornais em Lisboa e natural desta cidade, acompanhou a evolução da capital e das pessoas. A este respeito diz-nos:

— **A cidade está mais simpática. O trânsito é muito, o que está certo, mas devia ser mais organizado. Há demasiados desastres. Quanto às pessoas, só acho que as mulheres têm uma disciplina muito fraca. Bem...eu não queria dizer, mas vá lá, chega a ser uma pouca-vergonha o que a gente observa.**

A terminar, perguntámos-lhe se tencionava continar a mascarar-se. Afirmou-nos:

— **Até morrer, continarei a mascarar-me todos os anos. Não existe já Carnaval, mas existe a minha pessoa a recordar que o Entrudo está à porta.**

Transformar automóveis roubados - "indústria" que aparece

Paralelamente ao acréscimo de carros que circulam nas estradas também se verificou um aumento do furto de automóveis. Entretanto, agora, esse facto é acompanhado por uma inovação na maneira de actuar dos que desviam as viaturas: a transformação dos automóveis roubados. O número de carrocerias abandonadas depois de desmontadas levava a crer por parte das autoridades que algo se passava. Efectivamente, já tinham aparecido casos isolados em que os motores tinham sido retirados das respectivas viaturas para voltarem a ser colocados noutras.

As investigações dirigidas nesse sentido apresentaram uma nova faceta quando a G.N.R. em serviço no Fogueteiro surpreendeu dois indivíduos, em flagrante, a arrombar um carro estacionado na Rua do Grémio da Lavoura, daquela localidade. Estas deslocavam-se num pequeno carro onde se verificaram alterações no motor e no «capot», o qual não fechava completamente devido às maiores dimensões do motor instalado para substituir o original. Nas diligências empreendidas pela G.N.R. foram apreendidas várias peças de motor, acessórios de automóvel e aparelhagem de rádio e reprodução de som, que se encontravam num barracão de alfaias agrícolas na Trafaria, presumindo-se ser ali o local onde se procedia à transformação dos carros roubados.

Contudo o desaparecimento de pequenas viaturas, as que têm maior procura, continua a verificar-se a um ritmo alarmante, tendo sido encontrados, nos últimos dias, junto à Fonte de Negreiros (Azeitão) e em Sarilhos (Montijo), automóveis desaparecidos da zona do Seixal e que foram abandonados todos danificados em virtude de acidentes, admitindo-se que as suas peças principais foram já subtraídas.

Ponta Delgada

instalações provisórias

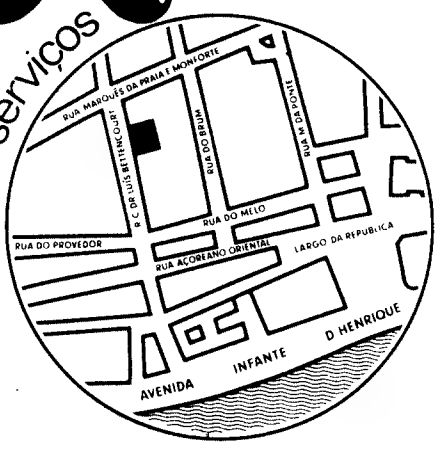
Rua Conselheiro Dr. Luís Bettencourt, 28

Com toda a comodidade tem ao seu dispor os nossos serviços nesta nova Agência

Banco Borges & Irmão

BANCO BORGES & IRMÃO 1884

mais perto de si para lhe prestar melhores serviços



DL/ESTRANGEIRO

A ICAO condena Israel no caso do avião líbio

NAÇÕES UNIDAS (Nova Iorque), 1 (UPI/ANI) — A Organização Internacional de Aviação Civil (ICAO) aprovou uma resolução, por 105 votos a favor, um contra e duas abstenções, em que se condena Israel pelo abate de um avião civil líbio e se ordena uma investigação ao incidente.

Israel votou contra, enquanto a Colombia e o Malawi se abstiveram. A Líbia não participou na votação.

A resolução fora apresentada por 26 países.

RECRUTAMENTO NA LÍBIA

BEIRUTE, 1 (UPI/ANI) — A Líbia fez hoje reviver a sua campanha destinada a recrutar voluntários para o movimento das guerrilhas palestinianas. Numa emissão captada em Beirute, a Rádio Tripoli anunciou que foram abertos em toda a Líbia postos de recrutamento.

De acordo com círculos políticos, tratar-se-ia de uma forma de represália contra o derrube de um avião líbio por caças israelitas.

NEGOCIAÇÕES POSTAS DE PARTE

CAIRO, 1 (R.) — Um informador governamental egípcio pôs de parte, a noite passada, a possibilidade de negociações directas com Israel para uma solução da crise do Médio Oriente.

O informador oficial declarou que o primeiro-ministro de Israel, sr.ª Golda Meir, neste momento em Washington a conferenciar com dirigentes norte-americanos, fez declarações nas quais tentou dar a imppressão de existir a possibilidade de negociações directas sobre a crise do Médio Oriente.

O informador acrescentou que, depois do «horrível crime» do derrube do avião comercial líbio por jactos «Phantom» israelitas, na semana passada, o pimeiro ministro israelita tem tentado enganar o mundo e desviar a sua atenção com declarações que não correspondem à verdade.

O Egipto tem repetidamente decclarado rejeitar negociações directas com Israel, disse o informador que acrescentou que neste momento não existem iniciativas de paz para o Médio Oriente.

GOLDA RIU-SE

WASHINGTON, 1 (UPI/ANI) — Golda Meir, primeiro-ministro de Israel, riu-se ontem das notícias de que teria efectuado em Washington uma reunião secreta com o rei Hussein da Jordânia.

«Ah, já sabem?» — comentou ironicamente a dirigente israelita, ao ser abordada pelos jornalistas sobre a hipótese de ter conferenciado com o monarca jordano, o qual na terça-feira interrompera as suas férias na Florida e viera inesperadamente a Washington.

Golda está na capital federal norte-americana desde segunda-feira à noite, para conversações com o presidente Nixon e outras individualidades.

Morreram num desastre os ministros do Interior polaco e checoslovaco

MUNIQUE, 1 — (R.) — Os ministros do Interior da Polónia e da Checoslováquia morreram ontem à noite num desastre de viação registado perto da cidade polaca de Sczcecin, segundo anunciou esta manhã a rádio de Varsóvia.

Os tripulantes do avião também perderam a vida mas a rádio não revelou se seguiam mais pessoas no aparelho nem disse qual o número total de vítimas.

Todos os ocupantes do avião foram mortos mas não há pormenores sobre a forma como se deu o desastre.

O dirigente comunista polaco Edward Gierek enviou uma mensagem de pesames à Checoslováquia pela morte do ministro Radko Kaska que era acompanhado pelo ministro polaco Wieslaw Ociepka.

Ociepka, que contava 51 anos, era ministro do Interior desde Dezembro de 1971.

Filho de um mineiro, durante a Segunda Guerra Mundial foi preso e deportado para a Alemanha onde trabalhou como escravo dos nazis, mas conseguiu evadir-se e no fim da guerra aderiu ao Partido Comunista Polaco. Em Março de 1960 era promovido a membro do Comité Central e mais tarde ocupou vários cargos administrativos.

O ministro checoslovaco Kaska contava 45 anos e era um tecnocrata treinado em Moscovo. Fazia parte do Comité Central desde 1960 e ocupou a pasta do Interior em Janeiro de 1970.

A agência PAP disse que Kaska se encontrava de visita à Polónia quando se deu o acidente mas não deu mais pormenores sobre essa visita.

O primeiro-ministro polaco Piotr Jaroszewicz nomeou uma comissão especial para proceder a um inquérito sobre a queda do avião.

O ministro checo era formado em engenharia e tirou um curso em Moscovo de especialização siderúrgica. Ociepka era formado em Direito pela Universidade de Varsóvia.

A duquesa acusa

A duquesa espanhola Isabel de Medina-Sidonia afirma dispor de provas de que cerca de 20000 documentos roubados, avaliados em cerca de seis milhões de dólares, se encontram ilegalmente na posse de um conhecido negociante de livros raros de Nova Iorque — H. P. Kraus. A duquesa, que vive no exílio após ter sido condenada por participar em manifestações anti-americanas, diz que os documentos foram roubados dos seus arquivos de família por «altas individualidades espanholas». Os documentos em questão dizem respeito a alguns séculos da História da Espanha. (Telefoto UPI/Telimprensa/DL).

Hanói e o Vietcong vão libertar mais prisioneiros

SAIGÃO, 1 (R.) — O Vietname do Norte e o Vietcong concordaram em libertar mais 142 prisioneiros de guerra americanos, segundo revelram hoje nesta capital funcionários americanos.

O Vietname do Norte e os Estados Unidos concordaram com a minuta de declaração da conferência internacional nesta capital para garantir o pacto de paz no Vietname, firmado no mês passado, segundo revelou hoje um informador de Hanói.

Empunhando uma cópia da minuta final destinada a aprovação de outros governos, Nguyen Than Le observou: «Para nós tudo está resolvido, tudo está bem».

GIAP ACUSA

HONG-KONG, 1 (R.) — O ministro da Defesa norte-vietnamita, general Giap, acusou os Estados Unidos e o Vietname do Sul de darem instruções aos seus oficiais para, deliberadamente, sabotarem o acordo de paz no Vietname, anunciou Rádio Hanói.

Giap fez esta acusação ao visitar, no hospital militar de Hanói, delegados à comissão militar de armistício que ficaram feridos ao serem atacados quando em missão de paz no Vietname do Sul.

O ministro salientou que o trabalho da comissão já de si é muito difícil e complicado, mas acrescentou que os Governos de Washington e Saigão «estão a dar instruções aos seus orgãos administrativos a todos os níveis para sabotarem a aplicação do acordo e dificultarem a missão dos delegados da República Democrática do Vietname e do Governo Provisório Revolucionário».

REVELA UM JORNAL:

A Companhia Iraniana assume o controle da maior refinaria

TEERÃO, 1 — (UPI e ANI) — O diário «Kayhan Internacional» anuncia que a Companhia Iraniana de Petróleo vai assumir o controle de todas as operações do consórcio petrolífero ocidental no sudoeste do Irão. A este respeito — acrescenta — chegou-se a acordo entre os executivos do consórcio e o xá daPérsia, numa reunião efectuada na residência de férias que o xá possui em St. Moritz, na Suiça. Não foi possível obter confirmação da notícia.

Segundo o jornal, sob os termos do acordo, a Companhia Iraniana de Petróleo assume o controle da meior refinaria do mundo, situada em Abadan, e garante ao consórcio fornecimentos de petróleo a longo prazo.

Um grupo de funcionários da Companhia Iraniana partiu ontem para Londres a fim de debater os pormenores do novo acordo com dirigentes do consórcio ocidental.

PETRÓLEO PARA A IPC

BEIRUTE, 1 — (UPI e ANI) — O Governo de Bagdad e a Iraq Petroleum Company, nacionalizada em Junho do ano passado, chegaram ontem a acordo sobre a resolução de todas as divergêndias pendentes entre eles — anunciou o presidente do Iraque, Ahmed Hassan Al-Bakr, numa comunicação feita pela rádio e pela TV, pouco depois da meia-noite.

O presidente anunciou que, segundo o acordo, a IPC se compromete a pagar ao Iraque 141 milhões de libras esterlinas e entrega ao Governo de Bagdad a sua subsidiária Nosul Petroleum Company.

Além disso, a IPC compromete-se a elevar a produção dos campos explorados epla sua subsidiária Basra Petroleum Company, até essa produção atingir em 1976 a cifra anual de oito milhões de toneladas. E concorda em vender ao Iraque a secção do oleoduto que passa pela Líbano, com o acordo do Governo libanês.

Por outro lado, o Iraque compromete-se a dar à Comapnhia quinze milhões de toneladas de petróleo em bruto, nos terminais de exportação do Mediterrâneo, a fim de ficarem resolvidas algumas reivindicações da IPC.

O presidente Bakr fez a sua comunicação algumas horas depois de a rádio de Bagdad haver interrompido a programação normal para divulgar música marcial e dizer aos ouvintes que estivessem atentos porque surgiram «boas notícias».

As negociações entre os dois lados têm decorrido desde a nacionalização. E foram principais medianeiros Nadim Pachachi, antigo secretário geral da organização dos países expportadores de petróleo, e Jean Duroc Panner, representante da Companhia Francesa de Petróleos.

Foi no dia um de Junho do ano passado que o presidente anunciou a nacionalização da IPC, que é propriedade de uma empresa britânica de petróleos, de uma empresa holandesa, de duas norte-americanas, da Companhia Francesa de Petróleos e da Fundação Calouste Gulbenkian. A parte pertencente à Companhia Francesa não foi, porém, abrangida pela nacionalização.

A principal razão invocada para tal atitude foi o facto de a IPC haver reduzido a sua produção anual de 57 para 30 milhões de toneladas.

À nacionalização seguiu-se no Iraque uma série de medidas de austeridade. E a Síria, por seu turno, nacionalizou as instalações da IPC no seu território.

CALEIDOSCÓPIO

ARQUITECTO CONDENADO — O arquitecto do novo supermercado que ruiu em Dezembro do ano passado no Rio de Janeiro morrendo 21 pessoas e ficando feridas mais 114, foi condenado ontem a dois anos de cadeia. Contudo, o juíz Alvaro Mayrink da Costa condenou o arquitecto Valdenio Pinto Rodrigues com a pena suspensa desde que não volte a trabalhar na sua profissão nos próximos 24 meses. Ordenou, também, que o arquitecto fosse submetido a outro exame universitário, após expirar a sentença. (R).

APOIO AO DÓLAR — O Bundesbank, na primeira hora da sessão do mercado de câmbios de Frankfurt, comprou cerca de um bilião de dólares para apoiar a cotação da moeda americana na sua nova cotação mínima de 2,8350 marcos — soube-se nos meios cambistas. (FP).

DEMISSÃO DE UM PRIMEIRO-MINISTRO — O primeiro-ministro do Surinam, Jules Sedney, apresentou a sua demissão após a violência ter irrompido naquele território holandês — anunciou ontem a rádio do Surinam. A decisão de Sedneu segue-se a recontros ocorridos na quarta-feira em Paramaribo, a capital, durante os quais foi morto um homem e dois outros feridos quando a Polícia abriu fogo sobre uma multidão de manifestantes. O Governo de Sedneq concedeu ontem à Polícia maiores poderes para manter a ordem em seguida aos recontros. (R).

SALVA-VIDAS ESPACIAL — Os astronautas do laboratório espacial norte-americano Skylab, que entrará em órbita na próxima primavera, serão os primeiros que poderão ser salvos se algo não correr bem — declarou o veteranoastronauta Charles Conrad. Ao contrário dos anteriores voos em órbita terrestre, Mercurio e Gémeos e das missões de alunagem Apolo, um propulsor para o próximo voo do Skylab estará na rampa de lançamento quando a nave espacial que transportará Conrad fôr lançada e poderá ser enviado como salva-vidas, em caso de emergência. O Skylab é um conjunto formado por um laboratório científico em órbita do tamanho de uma epquena casa. (UPI e ANI).

BISPO SUSPENSO — Monsenhor Jerónimo Podestá, antigo bispo de Avellaneda, bastião peronista dos arrabaldes industriais de Buenos Aires, não poderá continuar a exercer o seu ministério sacerdotal — segundo revelam meios eclesiásticos da capital argentina. Com efeito, o Vaticano suspendeu-o «a divinis», o que significa que o prelado não mais poderá dizer missa e administrar os sacramentos. Pensa-se que esta medida lhe foi aplicada por causa das acrividades do prelado a favor do «movimento dos padres do «terceiro mundo». (FP).

DL/ESTRANGEIRO

Crise do dólar

CIMEIRA HEATH-BRANDT ESTA TARDE EM BONN

BONN, 1 (R.) — O primeiro-ministro britânico, Edward Heath, inicia hoje com o parceiro europeu as suas primeiras conversações cimeiras desde que o seu país entrou, há dois meses, para o Mercado Comum.

Trinta minutos depois de desembarcar às 17 horas no aeroporto de Colónia, Heath iniciará as suas discussões com o chanceler Willy Brandt da República Federal Alemã no castelo Gymnich, datando do século XVIII, perto desta capital.

Após as suas conversações privadas, Heath será convidado de honra do chanceler num banquete que se realiza no castelo de estilo Barroco.

O tema principal das suas discussões, que continuam amanhã em Bonn, serão as iniciativas dos dois países quanto a uma política conjunta da Comunidade Económica Europeia acerca de questões monetárias, económicas e comerciais, assim como as relações com os Estados Unidos, segundo disseram funcionários dos dois Governos. Não existem problemas bilaterais importantes e as cinco horas destinadas a diálogo, a maior parte apenas entre os dois dirigentes, serão dedicadas quase inteiramente a assuntos da CEE.

Funcionários de Bonn e de Londres tem manifestado preocupação acerca do perigo de que integração europeia cada vez maior poderia conduzir a tensão nas relações transatlânticas com os Estados Unidos.

Representantes da CEE e dos Estados Unidos tem-se já envolvido em disputas nos últimos anos acerca de questões comerciais e monetárias em sessões do acordo geral de tarifas e comércio (GATT). Esta organização de orientação comercial, com sede em Genebra, está a preparar uma nova série de negociações sobre comércio mundial, a efectuar no próximo ano naquela cidade suiça.

O chanceler Brandt liga muita importância ao facto dos nove países da CEE conseguirem uma política monetária comum, a fim de se defrontar um ressurgimento da crise do dólar, que abalou no mês passado os mercados de câmbios da República Federal Alemã e levou a uma desvalorização de 10 por cento do dólar.

Círculos autorizados do Governo de Bonn afirmaram que o chanceler tem a opinião firme de que a Comunidade deveria ter planos de contingência para qualquer nova crise monetária.

Falando com jornalistas britânicos na véspera de visita de Heath, o chanceler observou: Presumo que o primeiro-ministro me dará, também, algumas informações em primeira mão acerca da sua visita aos Estados Unidos e posso retribuir falando-lhe das minhas recentes conversações com o presidente Pompidou da França.

«E certo que discutiremos, também, problemas entre o Leste e o Oeste, a conferência de segurança de Helsínquia, as conversações sobre reduções de efectivos militares, a decorrerem em Viena, o Médio Oriente e fornecimentos de petróleo».

Regressou a Washington o enviado de Nixon

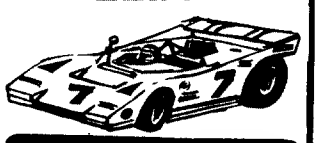
HAIA, 1 — (R) — A Holanda propôs uma reunião entre os Estados Unidos e o Mercado Comum europeu para serem discutidos problemas comerciais — declarou ontem nesta capital um informador do Ministério dos Negócios Estrangeiros holandês.

O informador acrescentou que a proposta tinha sido apresentada na terça-feira a Peter Peterson, conselheiro especial do presidente Nixon sobre assuntos económicos, pelo secretário de Estado da Holanda para os Assuntos Estrangeiros, Tjerk Westerterp.

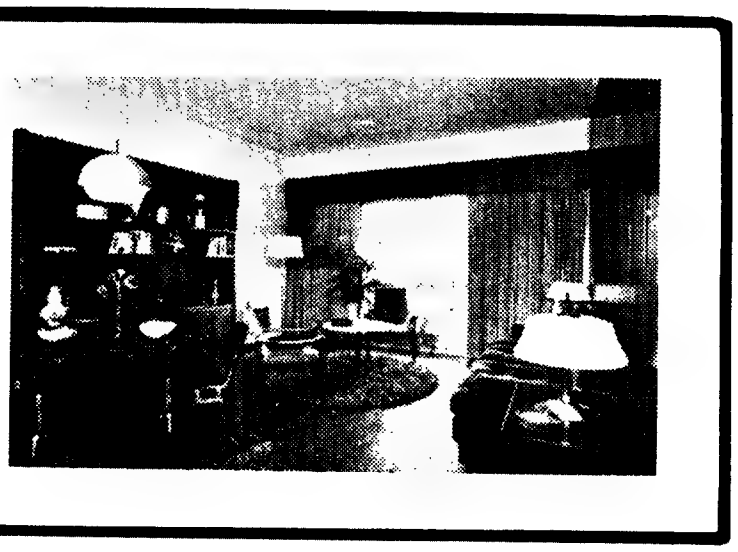
Westerterp e Peterson tiveram conversações, em Bruxelas, durante as quais o enviado americano deu a conhecer as razões de queixa que o seu país tem contra o Mercado Comum, incluindo a política agrícola da C.E.E.

Peterson regressou a Washington na noite de terça-feira após uma digressão pelas capitais do Mercado Comum onde teve reuniões sobre assuntos comerciais, monetários e de segurança.

LEIA



motor



APARTAMENTOS MOBILADOS

J. PIMENTA SARL

Locais de construção:

- LISBOA (R. Carlos José Barreiros)
- LISBOA (Olivais)
- AMADORA
- REBOLEIRA
- ALGARVE (Praia da Rocha)
- PAÇO DE ARCOS
- CASCAIS
- COIMBRA
- PORTO
- LUANDA
- FIGUEIRA DA FOZ

Informações nos locais de construção e nos escritórios de

J. PIMENTA, S. A. R. L.

LISBOA — Pr. Marquês de Pombal, 15 — Telefs. 45843 - 47843

Séde Social — QUELUZ — Av. António Enes, 25 — Telef. 952021/2

ENG. CARLOS SANTOS

PARTICIPAÇAO E MISSA DE 7.º DIA

Maria Justina d'Almeida Grandella Santos, Maria do Rosário Grandella Santos Corrêa Monteiro, seu marido, filhos, noras e genro, Maria Virgínia Grandella Santos Pessoa e Costa, seu marido e filhos, cumprem o doloroso dever de participar o que só agora fazem por expressa determinação, o falecimento, ocorrido no passado dia 23, de seu marido, pai, sogro e avô e que serão celebradas missas por sua intenção amanhã, dia 2, às 11.30 horas, na Igreja do Loreto e às 18.30 horas na Igreja de S. Sebastião da Pedreira.

P. N. A. M.

AGÊNCIA MAGNO — Telef. 53 41 67

António José Piano Júnior

MISSA DO 30.º DIA E AGRADECIMENTO

Maria do Rosário Ribeiro de Carvalho Piano, filhos, genros e netos, irmãos, cunhados e mais família participam que será rezada missa pelo seu eterno descanso amanhã dia 2, pelas 19 horas, na Capela da Quinta de Santo António — Sobreda da Caparica. Agradecem também a todos os que nos acompanharam no doloroso transe, ou de algum modo lhes manifestaram o seu pesar e aos quais não foi possível apresentar o seu reconhecimento por desconhecimento de endereços.

P. N. A. M.

AGÊNCIA MAGNO
Telef. 534167

NOVA OEIRAS

ELVIRA DA CONCEIÇÃO DOMINGUES ESTEVES

Missa do 30.º Dia e Agradecimento

Seu filho, irmãos e restante família, participam que será celebrada missa pelo seu eterno descanso, amanhã, dia 2, às 9.30 horas na Igreja do Sagrado Coração de Jesus, Lisboa, agradecendo desde já a todas as pessoas que se dignarem associar-se a este piedoso acto. Aproveitam a oportunidade para agradecer muito reconhecidamente a todos quantos de qualquer forma lhes manifestaram o seu pesar, especialmente aqueles que por desconhecimento de moradas o não podem fazer directamente.

ALFREDO GARCIA ALVES

MISSA DO 30.º DIA

A COMETNA — Companhia Metalúrgica Nacional, S. A. R. L., seus corpos gerentes e demais pessoal, participam que amanhã, dia 2, será celebrada Missa pelo seu eterno descanso na Igreja de S. João de Deus, pelas 19,45 horas.

ALFREDO GARCIA ALVES

MISSA DO 30.º DIA

Sua família participa que amanhã, dia 2, será celebrada Missa pelo seu eterno descanso, na Igreja de S. João de Deus, pelas 19,45 horas.

Ennes Costa, Lda.

GRANDE CARNAVAL NO ALGARVE

PRIMEIRO CARNAVAL EM QUARTEIRA

HOTEL QUARTEIRASOL

DINNER DANCING QUARTEIRASOL

4 NOITES — 3 — 4 — 5 — 6 MARÇO
2 AMBIENTES À SUA ESCOLHA
2 CONJUNTOS — «MOZAMBEATS»
«QUARTEIRASOL SHOW»

GRANDES ATRACÇÕES

SÁBADO — JANTAR DE GALA
DOMINGO — NOITE ALGARVIA
SEGUNDA — JANTAR TRAPALHÃO
TERÇA — CHURRASCADA À BRASILEIRA

— DIVIRTA-SE E DANCE ATÉ DE MADRUGADA —
SURPRESAS ATÉ ÀS 6 DA MANHÃ

——— PEÇA-NOS PROGRAMA DETALHADO ———

★ Reservas nas Agências de Viagem
★ ou pelos Tels. n.os 65421 - 65316

HOTEL ROMA ***

CERVEJARIA

HORÁRIO — Abertura: 11.00 h.
Encerramento: 03.30 h. (manhã)

AMPLA — MODERNA
CONFORTÁVEL

TODOS OS DIAS:
CARIL DE CAMARÃO — CHURRASCO DE FRANGO — MARISCOS DIVERSOS

☆

SNACK-BAR

AMBIENTE — SOSSEGO
CONFORTO

Esmerado serviço de cozinha e pastelaria
COZINHA REGIONAL
TODOS OS DIAS: Cozido à Portuguesa
Pequenos almoços — Almoços — Lanches
Jantares — Ceias

☆

RUA INFANTE DOM PEDRO
EDIFÍCIO DO HOTEL ROMA

DELEGADO COMERCIAL

Com conhecimento de electrónica, para promover vendas dos equipamentos

«HEATHKIT» na Zona Sul

Resposta detalhada à Delegação deste jornal no Porto ao n.º 304. Rua do Almada, 30-2.º.

MOEDAS

FEIRA DE MOEDAS SELOS E MEDALHAS EM

RIO MAIOR

nos dias 3 e 4 de Março (sábado e domingo das 14 às 21 horas)

A MAIOR FEIRA DA ESPECIALIDADE

CASAMENTO

Cav. deseja corresponder-se c/ jovem de 16 a 23 anos p/ fins matrimoniais.

BARBOSA DOMINGOS MOREIRA, VALOGNE SEMREP, 88250, LBARESSE, FRANCE.

DL/GERAL

"Canudos" atrasados

Alguns leitores, recém-licenciados pelas faculdades da Universidade Clássica de Lisboa, têm-se dirigido ao «DL» para dar conta dos consideráveis atrasos a que está sujeita a passagem dos diplomas de fim de curso por parte da secretaria da Universidade.

Com efeito, chega a atingir dois anos o tempo de espera pelo manuscrito (em gótico e pergaminho) do documento — a que a tradição académica dá o nome de **canudo**.

No entanto, informam-nos daquele departamento que o diploma tem reduzidos efeitos na vida prática dos licenciados, uma vez que a sua exigência é na maioria dos casos substituível pela do «certificado de informação final», cuja passagem está submetida ao prazo regulamentar de oito dias. Só para apresentação em universidades estrangeiras se torna indispensável o solene documento.

Os atrasos dos diplomas têm duas ordens de razões: por um lado, aumentaram nos últimos anos o número de bacharéis (especialmente em Letras) com direito ao pergaminho, pelo que se avoluma o trabalho dos funcionários especialistas, cujo número, entretanto, não aumentou. A defesa da tradição pela Universidade de Lisboa, por outro lado, não consente que o documento seja impresso em tipografia, como sucede no Porto e em Coimbra (onde aliás se verificam atrasos idênticos).

Segundo a mesma informação, os candidatos poderão apressar a passagem do diploma se assim o requerem e justificarem perante o Reitor da Universidade.

LUSTRES

de brilho inexcedível, modelos diferentes, ambiente acolhedor. Fábrica, Av. 5 de Outubro, 203, r/c., Esq. (ao Campo Pequeno). Telefone 77 16 39..

VENDA AO PÚBLICO

MONUMENTAL

LIQUIDAÇÃO

PARA ENTREGA URGENTE DAS AMPLAS INSTALAÇÕES DA AVENIDA DO BRASIL, A UM IMPORTANTE

GRUPO RETALHISTA

LIQUIDA-SE O STOCK TOTAL

COMPOSTO DE MILHARES DE APARELHOS ELECTRODOMÉSTICOS, TAIS COMO:
MÁQUINAS DE LAVAR ROUPA E LOIÇA, FRIGORÍFICOS, TELEVISORES, RÁDIOS, GIRA-DISCOS, ASPIRADORES, FOGÕES, ESQUENTADORES, MÁQUINAS DE COZINHA, CANDEEIROS, MOBÍLIAS COMPLETAS E PEÇAS SOLTAS, ESTOFOS, ETC., ETC.
E AINDA PARA RESTAURANTES E SIMILARES, MÁQUINAS E UTENSÍLIOS, PARA CAFÉS, RESTAURANTES, CHARCUTARIAS, TAIS COMO:
FOGÕES INDUSTRIAIS, FRITADEIRAS, CARROS DE SERVIÇO, FRIGORÍFICOS, VITRINES FRIGORÍFICAS, ETC.

PREÇOS ABAIXO DO CUSTO !
CORRA ! CHEGUE PRIMEIRO !

ESTA LIQUIDAÇÃO EFECTUA-SE NA
AV. DO BRASIL, 40-A e 40-B

(PRÓXIMO DO CAMPO GRANDE)

Os primeiros 10 000 visitantes, comprem ou não qualquer coisa, levarão grátis um disco, escolhido livremente entre os milhares do nosso stock.

DL/GERAL

CASTANHEIRA DO VOUGA

O povo quer cultura

AGUEDA — 1 — Castanheira do Vouga é uma das freguesias do concelho de Águeda que, como todas as outras vive num lamentável atraso de condições sócio-económicas. Numa coisa, porém, Castanheira do Vouga ultrapassa as freguesias congéneres: a sua tradição cultural e principalmente a musical, criou no seu povo um outro tipo de aspirações que intimamente ligadas à melhoria das condições de vida, implicam um nível mais elevado de satisfações culturais. E, neste momento, a Associação Musical e Recreativa Castanheirense exprime a sua vontade de corresponder, com a sua vontade de existir, a esse tipo de aspirações.

Castanheira do Vouga quer instalações condignas para a sua Banda Musical, para os seus espectáculos de Teatro (alguns já realizados em pátios e alpendres por um grupo de jovens), para a sua Biblioteca — enfim para um verdadeiro convívio cultural e artístico, onde o povo projecte a sua maneira de ser, as suas aspirações e as suas potencialidades desprezadas.

Daí uma exposição ao presidente da Câmara Municipal de Águeda e outra ao ministro das Obras Públicas, na qual se pode ler a determinada altura: «Temos o terreno. Os alicerces irão ser abertos. Mas... essas paredes não existirão se não conseguirmos os meios materiais de que necessitamos. Pedimos, portanto, que nos seja concedido um subsídio para a execução do projecto».

SERVIÇO TELEX INTERCONTINENTAL AUTOMÁTICO

O serviço telex para Africa do Sul, Argentina, Austrália, Brasil, Canadá, Estados Unidos da América, Hong-Kong, Israel, México, Perú, Rodésia e República de S. Salvador passou a fazer-se desde hoje dia 1 de Março em regime completamente automático.

A Companhia Portuguesa Rádio Marconi, que tem a seu cargo o serviço telex intercontinental, tem em serviço um moderno comutador telex, completamente electrónico, o primeiro da Europa comandado por um computador que, graças á sua versatilidade, oferece um serviço da melhor qualidade aos assinantes da rede telex nacional.

A Companhia Marconi distribuiu pelos assinantes da rede telex nacional uma brochura contendo as instruções necessárias sobre o modo como devem operar os seus postos para tirar do novo serviço o melhor aproveitamento. Essa brochura contém ainda várias outras indicações úteis referentes ao serviço Telefónico, Telex, de Telegrafia Geral e Fototelegrafia.

Começou a funcionar um serviço de assistência permanente no Barreiro

Começou hoje a funcionar no Barreiro um serviço de assistência médica domiciliária a cargo da Misericórdia local que conta com a colaboração do Hospital de Nossa Senhora do Rosário e das Corporações dos Bombeiros da Salvação Pública e do Sul e Sueste, cujas ambulâncias permanecerão de piquete naquele estabelecimento hospitalar, dia e noite, prontas a transportar os médicos aos domicílios.

Para o efeito estarão ainda de serviço permanente dois médicos naquele hospital sendo um essencialmente para consultas domiciliárias. Prevê-se sobretudo aos fins de semana uma maior percentagem de consultas pois as frequentes reclamações da população tinham como base a falta de médicos aos sábados e domingos.

Pormenor curioso: as visitas dos médicos serão gratuitas para quem não tenha posses e remuneradas para as pessoas de melhor situação económica.

Segundo informação do provedor daquela Misericórdia entrará brevemente em serviço uma segunda sala de raios X e um novo laboratório de análises, seguindo-se, ainda, a ampliação do hospital com mais dois pisos.

Há cerca de dois anos foi criado um serviço idêntico em Alhos Vedros o qual foi determinado pelas mesmas circunstâncias do agora criado no Barreiro. Embora não resolva completamente as necessidades locais nomeadamente no respeitante à falta de especialistas, o citado serviço remediou substancialmente a assistência médica permanente naquela freguesia cuja população ronda os 30 mil habitantes.

Entretanto a inexistência de médicos municipais é facto generalizado no país o que se compreende dadas as pouco vantajosas condições económico-profissionais que os respectivos lugares oferecem a possíveis candidatos. Exemplo elucidativo desta carência é o caso de Nisa cuja Câmara Municipal ainda recentemente abriu terceiro concurso para preenchimento de uma vaga de médico municipal na Amieira do Tejo e cuja remuneração seria de 2600 escudos mensais...

Na mesma altura a Câmara das Lajes do Pico (Açores) abria idêntico concurso para médico municipal «a cujo lugar corresponde a gratificação mensal de 2200 escudos».

A falta de médicos especialistas na província é outro dos grandes problemas assistenciais do país. Exemplo significativo: a populosa região de Torres Novas não conta com um simples pediatra. As famílias que podem vão consultar os médicos de Santarém!

COOPERATIVA «O PROBLEMA DA HABITAÇÃO»

Sociedade Cooperativa de Responsabilidade Limitada

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

CONVOCAÇÃO

De harmonia com os n.os 3.° e 4.° do art.° 55.° e § 1.° do art.° 56.° dos Estatutos, aprovados em Assembleia Geral de 16 de Agosto de 1940, é convocada a Assembleia Geral Ordinária desta Cooperativa, a reunir na sua Sede Social, sita na Praça da República, 210, desta cidade, pelas 21 horas e 30 minutos do dia 15 de Março próximo futuro, com a seguinte

ORDEM DA NOITE

a) — Apreciar, discutir e votar o Relatório e Contas da Direcção e o respectivo Parecer do Conselho Fiscal, referentes ao exercício de 1972;

b) — Autorizar a Direcção a contrair empréstimos, nos termos do art.° 10.° dos Estatutos.

No caso de não reunir número de sócios para que legalmente a Assembleia possa funcionar, fica desde já designado o dia 30 do mesmo mês, por igual hora, no mesmo local e com igual ORDEM DA NOITE, para segunda convocação, funcionando então, com quaulquer número de sócios presentes.

Porto, 28 de Fevereiro de 1973.

O PRESIDENTE DA MESA DA ASSEMBLEIA GERAL

Miguel de Mendonça Monteiro

Nos termos do n.° 14.° do Art.° 74.° dos Estatutos, as contas, livros e mais documentos, encontram-se patentes na Sede da Cooperativa, à disposição dos Senhores Associados, durante o horário do expediente.

Porto, 28 de Fevereiro de 1973.

O SECRETÁRIO DA DIRECÇÃO

Sílvio António Ribas

Institut des Arts de Paris

promove no SHERATON HOTEL

CURSOS DE CULTURA FRANCESA

★ Educação Social da Mulher
★ Decoração de Interiores
★ Decoração Floral
★ Artes Decorativas
★ Relações Públicas ★ Secretariado

Início a 7 de Março — Inscrições no Sheraton

UNIÃO ELÉCTRICA PORTUGUESA

S. A. R. L.

Capital: 500 000 000$00

Sede — Rua de Alexandre Herculano, 244 — PORTO

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

Convido os Senhores Accionistas a reunir em Assembleia Geral Ordinária, na sede da sociedade, Rua Alexandre Herculano, n.° 244, no Porto, no dia 29 do próximo mês de Março, pelas 10 horas e 30 minutos, a fim de:

a) — deliberarem sobre o Balanço, Contas e Relatório do Conselho de Administração e Parecer do Conselho Fiscal, relativos ao ano findo;

b) — procederem à eleição de um Membro do Conselho de Administração e de um Membro do Conselho Fiscal.

Para se tomar parte nesta Assembleia Geral, os títulos ao portador deverão ser depositados, pelo menos oito dias antes da Assembleia, em qualquer um dos seguintes estabelecimentos bancários, em Lisbôa ou Porto:

Banco Pinto & Sotto Mayor
Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa
Banco Português do Atlântico
Banco Borges & Irmão
Banco Totta & Açores

Porto, 21 de Fevereiro de 1973

O PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA GERAL
(a) — **Eduardo Furtado**

UNIÃO ELÉCTRICA PORTUGUESA

S. A. R. L.

Capital: 500 000 000$00

Sede — Rua de Alexandre Herculano, 244 — PORTO

ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA

Convido os Senhores Accionistas a reunir em Assembleia Geral Extraordinária, na sede da sociedade, Rua Alexandre Herculano, n.° 244, no Porto, no dia 29 do próximo mês de Março, (em seguida à reunião da Assembleia Geral Ordinária da mesma data), a fim de:

a) — deliberarem sobre a alteração dos Estatutos para a instituição de pensão de aposentação e de sobrevivência de Administradores na sequência de uma sugestão apresentada na Assembleia Geral, de 24 de Março de 1972.

b) — deliberarem sobre a proposta do Conselho de Administração referente à emissão de novas obrigações.

Para se tomar parte nesta Assembleia Geral, os títulos ao portador deverão ser depositados, pelo menos oito dias antes da Assembleia, em qualquer um dos seguintes estabelecimentos bancários, em Lisboa ou Porto:

Banco Pinto & Sotto Mayor
Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa
Banco Português do Atlântico
Banco Borges & Irmão
Banco Totta & Açores

Porto, 21 de Fevereiro de 1973

O PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA GERAL
(a) — **Eduardo Furtado**

COMUNICADO

ARMANDO FERNANDES, ex-empregado de uma firma de electrodomésticos, tem o grato prazer de informar os seus clientes e amigos que se estabeleceu e que a partir de 1 de Março os aguarda no seu estabelecimento, no Largo de D. Estefânia, 12-D—Telefones 534536 e 48856.

DL/DESPORTOS

Noticias do futebol

RECUPERAÇÃO: com Malta da Silva, Diamantino e Vitor Baptista em fase de plena convalescença, o departamento de futebol do Benfica poderá contar, a partir de amanhã, com o concurso de Jaime Graça que vai ter «alta» da clínica em que foi operado. Claro que o jogador, entrará, agora, num período de readaptação e só depois de dado como apto pelo gabinete médico, ficará à disposição de Hagan.

RESERVAS: prosseguiu o Campeonato Distrital com uma jornada em que avultava o embate entre «azuis» e alcantarenses. O jogo, disputado no Restelo, decorreu em toada de franco equilíbrio e apenas um excelente lançamento de Luis Carlos para Ramalho e o consequente remate do «internacional» junior logrou alterar a igualdade. Resultados: Belenenses, 1-Atlético, 0; Oriental, 3-Vilafranquense, 0; Sacavenense, 0-Sintrense, 6; Torriense, 2-Alverca, 1 e Pero Pinheiro, 1-Talaíde, 0.

APROVADO: o trabalho do técnico Fernando Vaz tem vindo a merecer a aprovação dos dirigentes escolares. Assim, na última reunião de direcção da Académica, a secção de futebol apresentou uma proposta no sentido do experimentado treinador continuar em Coimbra.

SUSTO: o inesquecível «Zé da Europa», o ainda hoje popularíssimo José Travaços, foi vítima (perto de Azeitão) de um espectacular acidente de viação. Felizmente as consequências foram menos graves do que a princípio se supôs, tendo o antigo «número 10» do Sporting sofrido «apenas» luxação de uma clavícula e outros ferimentos de menor importância.

ALVALADE: além de Nelson, Márinho e Yazalde, todos a contas com pequenas mazelas, o departamento clínico do Sporting preocupa-se muito especialmente com as lesões de Tomé (entorse) e Gonçalves (dores num joelho). Entretanto, Hilário, cumpre normalmente as sessões de treinamento.

VIAREGGIO: passado o obstáculo do Torino, os juniores do Benfica defrontam hoje o Bolonha que, a acreditar nas notícias que nos chegam, possui um conjunto superior ao dos rapazes de Turim.

REGRESSO: reatou a sua preparação o belenenses Ernesto que se encontrava inactivo a contas com uma distensão muscular. No entanto, Scopelli não pode ainda contar com o concurso de Parreira, sem ordem do dr. Silva Rocha para treinar.

LEIA
motor

A selecção nacional em Paris para o Carnaval emigrante

PARIS, 1 — Dorme esta noite em Paris, no Victoria Palace Hotel (6, Rue Blaise-Desgoffe) a comitiva futebolística portuguesa que veio a França dar uma prenda de Carnaval aos seus compatriotas, uma vez que o embate contra a selecção tricolor, a viver no próxim sábado no Parque dos Príncipes, deve ser (quase exclusivamente) uma festa familiar.

Será o 202.º encontro da série de jogos internacionais que Portugal iniciou a 18 de Dezembro de 1921 quando, em Madrid, foi batido pela Espanha por 1-3. Hoje, felizmente, os tempos mudaram: e a selecção de José Augusto, duramente posta à prova no decorrer da «Mini-Copa» e na fase de qualificação para o Campeonato Mundial de Munique, é «coisa» diferente. E é exactamente no plano de preparação para o cume de 1974, em campos da Alemanha, que o jogo de sábado se integra perfeitamente: não sendo um Chipre (pera-doce) nem uma Holanda (futebol de primeira) a turma das três cores pode obrigar o «onze» nacional a uma tarefa que exercite a ligação entre os vários sectores e traga a lume todo o inegável talento e potencial das suas mais influentes unidades.

Prevê-se para hoje, ainda, uma sessão de treino no Parque dos Príncipes. Todavia, só a meio da tarde (e após um breve período de repouso) José Augusto decidirá da duração do «trabalho». Entretanto, lembremos como está constituída a delegação oficial do futebol português: drs. Martins Canaverde e Miguel Morna, além do eng.º Helder Rocha (pela direcção federativa), os técnicos José Augusto e Peres Bandeira, o médico dr. Silva Rocha, o massagista Manuel Marques, o funcionário administrativo Germano Óscar e os futebolistas José Henrique, Artur, Humberto Coelho, Adolfo, Toni, Simões, Néné, Eusébio, Artur Jorge (todos do Benfica); Damas e Dinis (Sporting); Quaresma, Murça e Freitas (Belenenses); Pavão e Abel (Porto). Recorda-se que no bloco não está integrado nenhum futebolista do Vitória de Setúbal em face da próxima eliminatória contra o Tottenham, para a Taça da U.E.F.A.

Os bilhetes de ingresso no Parque dos Príncipes oscilam entre os 5 e os 50 francos: coisa parecida com 25 ou 250 escudos, consoante os lugares se encontrem no segundo piso da Tribuna «Auteil e Boulogne» ou na «Presidencial». E, a avaliar pelo entusiasmo que dizem estar a contaminar os nossos emigrantes que desejam espreitar o actual melhor chutador europeu (Eusébio) e os seus pares no indomável «team» do Benfica, aqui e além robustecido com uma pedra de outros clubes da mesma igualha, não nos admiraria ver a lotação completamente esgotada ao cair da noite do próximo sábado.

EUSÉBIO É A ATRACÇÃO

Vem a talhe de foice lembrar que Portugal nunca triunfou em terras francesas: e o melhor resultado conseguido em Paris remonta ao empate a um golo logrado a 29 de Maio de 1928 pelos parceiros de José Manuel Martins e Vítor Silva.

A selecção francesa já está constituída e não deve ficar muito longe da anunciada, esta manhã, pela Imprensa de Paris. Vejamos: Carnus; Broissart; Adams, Tresor e Rostagni; Michel, Mezy e Molitor; Lech, Beretta e Reveli.

A dupla central da defensiva terá tarefa bem árdua: Eusébio, autêntico e indesmentível ídolo dos parisienses, tudo vai tentar para atingir as redes de Carnus e, até já o declarou publicamente:

— **Realmente, é muito raro ficar em branco aqui, em Paris. E, desta vez, como estou perante os portugueses, quero dar-lhes uma boa alegria...**

O belga Franz Geluch será o árbitro do Drança-Portugal. E, vale a pena voltar umas páginas no tempo e lembrar que a última vez que Portugal jogou no Parque dos Príncipes foi a 28 de Janeiro de 1940, quando saímos derrotados por 2-3, e Peyroteu rubricou os dois tentos nacionais.

José Augusto ainda não divulgou como formará Portugal, mas tudo leva a crer que as únicas dúvidas residem na utilização inicial de um belenense: ou Portugal joga com quatro defesas e Freitas entra no quarteto comandado por Humberto Coelho ou o técnico-seleccionador opta por um médio de cobertura no corte adiantado e Quaresma tem uma palavra a dizer. De qualquer modo (e quanto a nós) talvez todos os jogadores tenham uma oportunidade ainda na mão: desde José Henrique a Eusébio, com passagem por Artur, Humberto, Adolfo, Toni, Pavão, Simões, Néné e Abel...

ASSIM VAI O TOTOBOLA

PROGNÓSTICO DOS ORGÃOS DE INFORMAÇÃO PARA O CONCURSO Nº 26 DA 12ª ÉPOCA - 4 Março-73

O Algarve — x11 x21 1x1 1112; Beira Baixa — 211 1x1 11x x111; Boa Nova — 111 1x1 112 1111; Brados do Alentejo — 111 211 1x2 11x2; Cardeal Saraiva — 211 xx1 112 1111; Cavalgada do Ritmo — x11 x21 1x1 x111; Comércio de Portimão — 211 121 2xx 2111; Correio dos Açores — 211 x21 112 x111; Correio de Coimbra — 111 111 11x 2211; Desportivo das Beiras — 121 xx1 x22 1x11; Diário do Minho — 111 121 11x 1x11; O Distrito de Setúbal — x11 xx1 11x xx11; Eco de Estremoz — x11 12x x12 xx11; Ecos do Desporto — 2x1 121 11x x111; Estrela da Manhã — x11 1x1 11x 1111; Eu Sei Tudo — x11 x21 112 1111; Folha do Domingo — 211 1x1 11x 2x11; Imagens Piedenses — 211 1xx 21x 1111; Jornal do Barreiro — 211 x21 12x 2112; Jornal de Felgueiras — x11 1x1 11x 1111; Jornal do Fundão — 11x x21 111 x11x; Jornal da Lixa — 211 22x x12 1121; Jornal de Santo Tirso — 211 12x 11x 1211; Jornal de Sintra — 2x1 12x 11x 1111; Jornal do Sul — x11 121 111 1111; Jornal de Viseu — x11 xx1 21x x12x; Linhas de Elvas — x1x 12x x1x x111; Mosaico — 211 12x 112 2x11; Notícias de Chaves — x11 x22 112 xx11; Notícias de Felgueiras — xx1 xx1 11x x111; Revista Desportiva — x1x 1x1 111 1111; Brado Africano Desporto — 211 x21 1x2 xx11; Brado Africano Ronga — 211 xx1 11x x111; Renovação — 211 x11 x11 21xx; Domingo Alegre — 211 121 x12 211x Roteiro Sonoro — 11x 22x 112 1222; Terceiro Programa — 21x 211 1x2 2x21; Passatempo — 21x 111 x22 x21x; Cidade 73 — 211 x21 112 22x1; Bondiazinho — 21x 22x 12x 22x1; 20 Ponto D — 211 211 x22 12xx; Açores — x11 xxx 11x 111x; O Comércio de Leixões — x11 121 11x 111x; O Comércio do Porto — xx1 xx1 x1x x111; Diário do Alentejo — 21x x21 212 2111; Correio do Minho — 21x xx1 11x 1111; Correio do Vouga — 111 12x 11x 1x11; Às 10 espere por nós — x2x x21 xx2 x1xx; Ecos de Cacia — 111 1x1 112 1111; Dos Fracos Não Reza a História — 111 1x1 211 2x22; Gazeta das Caldas — 211 xx1 x12 x111; A Ilha — 111 xx1 x1x xx11; Jornal da Graça — 111 111 111 1111; Jornal de Notícias — xx1 1x1 x11 x111; O Mensageiro — 211 12x 11x 1x11; Litoral — 211 xx1 11x 111x; Manchete Desportiva — 211 111 111 x111; Mensageiro de Bragança — 211 xx1 11x 1x1x; Maria da Fonte — 211 121 x1x 2111; Mundo Desportivo — 2x1 121 x12 2x1x; O Norte Desportivo — 211 1xx 112 1111; Notícias do Douro — 211 x2x 11x x111; Notícias de Gouveia — 111 1x2 112 1121; Notícias de Guimarães — 21x x21 x12 111x; Penalti — 211 x11 11x 1111; Povo Algarvio — 111 xx1 212 2111; Póvoa de Lanhoso — 211 xx1 11x x111; Emissor Regional da Guiné — 211 xx2 111 x111; Programa Sem Nome — 211 121 x12 x111; Quadrante Desportivo — 211 x21 112 x112; Quadrante Norte — x11 x21 1x1 x121; A Rabeca — x1x 111 x12 1111; Rádio Altitude — x1x 1x1 11x 1111; Rádio Oceano — 21x 121 1x2 1211; Reconquista — 111 121 112 x111; Renovação — 211 121 x1x x111; Repórter do Dia Angola — 211 x21 112 2111; República — 211 1x1 112 111x; Resenha Desportiva — 2x1 2xx 112 211x; Revista de Som — 2xx 221 121 1xx2; O Sorriso da Hora do Almoço — 22x x21 x1x 1111; O Telégrafo — 211 1xx 21x x111; O Templário — 1x1 121 11x 1x11; A Voz Desportiva — 2xx x21 11x 111x; A Voz de Domingo — 211 x22 x11 x111; Voz de Lamego — 211 x21 212 2111; A Voz dos Ridículos — 2x1 111 11x 111; Voz do Casa Pia — 211 121 11x 1111; Diário de Lisboa — 211 1x1 112 x111; Peça que não Maça — 2x1 1x1 112 2111; O Apostolado — x11 xxx 112 x1xx; Rádio Desporto — 112 112 211 111x; Notícias do Totobola — 2x1 x2x x11 x111; Ultimo Palpite — 22x x11 x1x 21x1; Notícias de Evora — 211 1x1 112 xx11; Auto Rádio — 211 121 11x x112; Estúdio 64 — x11 1x1 112 211x; Placard Desportivo — 211 121 11x x112; O Primeiro de Janeiro — 211 1x1 11x 1x11; Rádio Placard — 111 111 111 1111; Rádio Sports — 1x1 121 11x 1111; Placard Desportivo — x11 1x1 112 111x; Epoca — 2x1 xxx 111 x112.

	RESUMO			BOLAS			(a)
	1	X	2	1	X	2	
1. FRANÇA-PORTUGAL	19	24	60	2	3	7	
2. BRAGA-GIL VICENTE	84	15	4	9	2	1	
3. SANJOANENSE-COVILHÃ	84	18	1	9	2	1	
4. ESPINHO-OLIVEIRENSE	53	42	8	6	5	1	
5. VARZIM-ACADÉMICA	14	40	49	1	5	6	
6. SALGUEIROS-VILANOVENSE	79	19	5	9	2	1	
7. TIRSENSE-FAMALICÃO	71	23	9	8	3	1	
8. OLHANENSE-ORIENTAL	88	9	6	10	1	1	
9. ALMADA-MARINHENSE	18	45	40	2	5	5	
10. SEIXAL-PENICHE	45	37	21	5	4	3	
11. CALDAS-COVA PIEDADE	76	19	8	9	2	1	
12. SINTRENSE-TRAMAGAL	87	9	7	10	1	1	
13. SACAVENENSE-NAZARENOS	73	20	10	9	2	1	

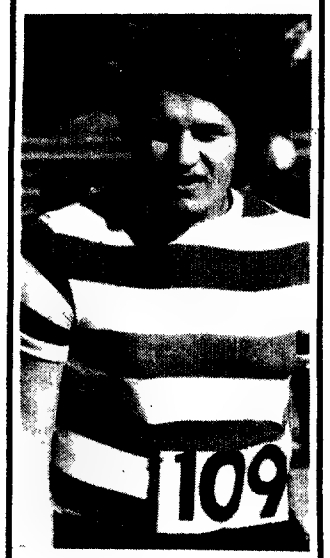
a) Nos termos do Artº. 10º. do Regulamento Geral dos Concursos se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades do presente mapa.

A chave lógica será:

211 121 11x 1111

DL/ DESPORTOS

Adília europeia



A Federação Portuguesa de Atletismo indicou o nome da atleta Leonina Adília Silvério, para representar Portugal nos Campeonatos Europeus de Pista Coberta, que terão lugar em Roterdão, nos próximos dias 10 e 11 de Março. Com Adília Silvério, seguirá viagem o treinador nacional, prof. Eduardo Cunha, que é também o seu técnico. Adília competirá no lançamento do peso, logo no primeiro dia de provas, com final directa.

Volta ao Levante: Mendes em décimo

O espanhol Juan Fusano ganhou a segunda parte da segunda etapa da Volta ciclista ao Levante! um contra-relógio de quatro quilómetros.

No total da etapa, Rusano gastou 3 horas 30 m e 56 segundos.

O melhor português foi Fernando Mendes, com 3 h 31 m e 7 segundos.

Na classificação geral, Zurano é o primeiro (com 8 h 47 m e 28 segundos) vindo logo a seguir o seu compatriota Uribezubia, com 8 h 47 m e 29 s.

Fernando Mendes ocupa o décimo lugar, com 8 h. 47 m. e 39 s.

Na geral por equipas, a KAS ocupa a primeira posição, com 26 h. 22 m. e 30 s, seguida por La Casera, com 26 h. 22 m. 36 s, e pelo conjunto Coelima-Benfica, com 26 h. 23 m. 12 s.

Futebol entre ardinas

Como vem sendo tradicional, os ardinas vendedores do «Diário de Lisboa» e do «Diário Popular», da Praça do Chile, organizam na terça-feira de Carnaval um animado encontro de futebol, desta vez no campo do Palmense. Foram instituídas duas taças («Manuel Brito» e José da Costa Lelé» e para comemoração geral co acontecimento, depois do jogo, os dois grupos de animados vendedores reunem-se numa jantarada na Quinta de S. Vicente.

NOTÍCIAS E FACTOS

BADMINGTON: Ao vencer o Badmington Clube de Portugal por cinco-zero, a equipa «A» do Benfica conquistou o Campeonato de Lisboa de equipas mistas. As duas equipas chegaram ao jogo final sem derrotas e a classificação ficou ordenada: 1.º, Benfica (4 jogos, 4 vitórias); B.C.P. (3 vitórias) Cascais «A» (2 vitórias), Cascais «B» (1 vitória) e Benfica «B» (não se classificou, por faltas de comparência).

TÉNIS DE MESA: José Alvoeiro, do Benfica, e Maria Cristina, do BPM, foram os vencedores da Taça Fundação, efectuada no Porto para homenagear a Associação de Ténis de Mesa local. Alvoeiro derrotou Fernando Paulo, do F.C. do Porto por 2-0 (21-24 e 21-15) e na final feminina Maria Cristina jogou com Anabela Luciano, do Benfica, com os resultados parciais de 16-21, 21-16 e 21-17.

XADREZ: Um jovem «prodígio» (de 19 anos) de nome António Fernandes, foi o vencedor mais pontuado nas seis séries, de nove jogadores cada, em que se dividiu o torneio interno do Benfica, de terceiras categorias. Resultados finais: série «A», 1.º, Norberto Ferreira e Rogério Fiqueira com 6 pontos; série «B», 1.º, Joaquim Zeferino 6 pontos; série «C», 1.º, Mário Gasalho, 7; série «D», 1.º, António Fernandes, 8 pontos; série «E», 1.º, José Fortes, 5,5 pontos; série «F», 1.º, Armando Santos, 7 pontos. No torneio de segundas categorias do Sporting, venceu Agostinho Cardoso

HALTEROFILISMO: A Taça «António Pereira» disputa-se nos dias 3 e 10 de Março no Ginásio Clube Português.

HÓQUEI EM PATINS: Até final do mês de Abril, às 2.ªs, 5.ªs e 6.ªs o RádioClube Português transmite informações e apontamentos sobre o «Torneio de Abertura» de Hóquei em Patins da Associação de Lisboa, directamente no Pavilhão dos Desportos e do Pavilhão da Juventude Salesiana, no Estoril.

RICARDO FERRAZ: O treinador de Boxe sportinguista Ricardo da Costa Ferraz foi promovido no lugar de treinador de futebol e boxe contratado além do quadro, em acumulação com o cargo de instrutor de boxe eventual da Academia Militar.

NATAÇÃO: A nadadora Isabel Pinheiro (do F.C. do Porto) obteve um resultado que lhe permite participar no Torneio Internacional de Trento: 1 m. 29 s., nos 100 metros bruços.

RESERVAS: No próximo sábado prossegue o Campeonato Distrital de Reservas de Futebol com os jogos: Santa Iria-Sporting, Belenenses-Talaíde (no campo do Talaíde, por troca) e Pero Pinheiro-Atlético. Os encontros principiam às 16 horas.

BASQUETEBOL: Nos dias 9, 10, 11 e 12 de Março, no I.N.E.F., realiza-se uma tomada de conhecimentos para árbitros portugueses de basquetebol, a ministrar epla técnica francesa M.me Coste. Em virtude do reduzido número de inscritos, foi aumentado o prazo de inscrição do curso de árbitros e oficiais de mesa, até ao dia 12 de Março. Podem inscrever-se pessoas de ambos os sexos, com mais de 18 anos de idade e preferentemente os que tiverem praticado a modalidade.

CICLISMO: Prosseguem, no domingo, as provas de preparaçao na região de Lisboa, com partidas do Olival Basto e chegadas à Via Rápida, nas traseiras do Lumiar. Os amadores juniores (2.ª prova do Campeonato Regional de Fundo), partem às 8 e 30, para percorrer uma distância de 100 quilómetros. Os Amadoras Especiais, Seniores e Juniores partem às 8 e 15 e percorrem 120 quilómetros. Quanto aos profissionais, a distância é de 200 quilómetros e a hora da abalada às 8 horas.

JOGOS OLÍMPICOS: A Austria foi encarregada de organizar os Jogos Olímpicos de Inverno 1976, cabendo a honra e as despesas concomitantes à cidade de Innsbruck, capital da Província do Tirol, que já organizara idênticas competições em 1964.

GINÁSIO EM SESIMBRA: O ministro das Obras Públicas atribuiu a comparticipação de dois mil contos para a continuação das obras do Ginásio-Sede do Grupo Desportivo de Sesimbra, que está já em adiantada fase de construção. Até aqui as obras tên sido alimentadas pelo Grupo Desportivoo, Câmara Municipal, Fundo Domento do Desporto e por um extraordinário esforço de sócios do clube e gente de Sesimbra, com contribuições voluntárias em máquinas, materias e trabalho. Aproveitando o andamento das obras, a Comissão Pró-Sede organiza a sua primeira festa no salão do 1.º piso, que será posto à disposição da juventude escolar para funcionar como ginário provisório.

RAGUEBI: Em face do grosseiro comportamento tido no Estádio Universitário de Coimbra, principalmente nos vestiários, foi irradiado da Selecção Italiana o jogador Paoletti. Em ofício da Federação italiana, enviado à sua congénere portuguesa, se dá nota do desportivismo com que os restantes jogadores italianos aceitaram a superioridade da nossa selecção, isentando a actuação do árbitro da marcha do resultado.

HÓQUEI EM PATINS: Casimiro, o defesa encarnado que ainda não tinha assinado pelo seu clube, entregou ontem a um dirigente da secção, o documento que o vincula ao Benfica por mais uma época. Saudoso de seus companheiros, Casimiro acabou por não fazer qualquer exigência: apenas solicitou que ofsse resolvido o caso de sua mãe.

PATINAGEM ARTÍSTICA: Os russos Irina Rodnina e Alexandre Zaitsev ganharam ontem no Estádio de Inverno de Bratislava, o título de campeões do mundo de pares de patinagem artística.

Concursos para admissão de Médicos dos Quadros Clínicos das Instituições de Previdência

Estão abertos de 1 a 20 de Março de 1973 concursos documentais de habilitação para médicos dos quadros das instituições de previdência nos serviços, postos clínicos e caixas de previdência abaixo indicadas:

Caixas de Previdência	Postos Clínicos	Serviços
Caixa de Previdência e Abono de Família do Distrito de Évora Rua Chafariz d'El-Rei, 22 ÉVORA	Reguengos de Monsaraz	Estomatologia
Caixa Sindical de Previdência do Pessoal da Indústria dos Lanifícios Av. João Crisóstomo, 67 LISBOA	Unhais da Serra	Clínica Médica
Caixa de Previdência e Abono de Família e dos S. M. S. do Distrito de Lisboa Av. dos Estados Unidos da América, 39 LISBOA	Área de Lisboa	Neuropsiquiatria Infantil
Caixa de Previdência e Abono de Famílía do Distrito de Setúbal Praça da República SETÚBAL	Área de Almada	Alergo-Asmologia Clínica Médica Cirurgia Pediátrica Gastrenterologia Ginecologia Neurologia Neuropsiquiatria Infantil Obstetrícia Ortopedia Otorrinolaringologia Oftalmologia Pediatria Psiquiatria Reumatologia Urologia
	Área do Barreiro	Alergologia Clínica Médica Cirurgia Estomatologia Ginecologia Neurologia Neuropsiquiatria Infantil Oftalmologia Pediatria Pediatria Cirúrgica Reumatologia Urologia
	Área de Setúbal	Alergo-Asmologia Clínica Médica Estomatologia Ginecologia Neurologia Neuropsiquiatria Infantil Obstetrícia Oftalmologia Otorrinolaringologia Pediatria Pediatria-Cirúrgica Psiquiatria
	Águas de Moura	Clínica Médica
	Alcochete	Estomatologia
	Alcácer do Sal	Cirurgia
	Azeitão	Pediatria
	Corroios	Pediatria
	Cruz de Pau	Ginecologia Pediatria
	Lousal	Clínica Médica
	Montijo	Clínica Médica Estomatologia Ginecologia
	Palhais	Pediatria
	Palmela	Clínica Médica
	Pinhal Novo	Clínica Médica Ginecologia Pediatria
	Samouco	Clínica Médica
	Santana	Clínica Médica
	Santiago do Cacém	Cirurgia Ginecologia Obstetrícia Otorrinolaringologia Pediatria
	Seixal	Clínica Médica Dermatovenereologia Estomatologia Ginecologia Obstetrícia Oftalmologia Pediatria

As condições de admissão encontram-se patentes naqueles postos, nas caixas de previdência interessadas e na Federação das Caixas de Previdência e Abono de Família.

A documentação deverá ser entregue até às 18 h do dia 20 de Março de 1973 na Inspecção Médica da Federação, na Avenida dos Estados Unidos da América, 37-5.º, Esq.º, Lisboa, ou na respectiva caixa de previdência a que o concurso diga respeito.

O provimento nos lugares é da competência das respectivas caixas de previdência de acordo com a posição dos candidatos após a sua classificação no concurso documental de habilitação.

Lisboa, 15 de Fevereiro de 1973.

A DIRECÇÃO DA FEDERAÇÃO DAS CAIXAS DE PREVIDÊNCIA E ABONO DE FAMÍLIA

cotações

FUNDOS DE ESTADO

	Efect.	Compra	Venda
Cons 2 3/4 %	–	462$	–
Cons 3 %	500$	500$	–
Cons 3 1/2 %	–	578$	–
Centenários	–	1.300$	–
Tes 5 % 57	–	1.011$	–
Tes 5 % 59	–	1.011$	–
Exter 1ª s	–	1º.$	–
Extern 1ª c	–	634$	–
Extern 3ª s	–	720$	–
Extern 3ª c	–	730$	–
Caut 3ª s	–	–	–

FUNDOS PÚBLICOS

A Lx 6 %	–	910$	920$
C M L 5 3/4 %	–	1.020$	–
C P 5.5 % 67	–	980$	–
C P 5.5 % 68	985$	980$	–
C P 5.5 % 69	–	980$	–
Corr 5 3/4 %	–	–	–
Metr 5 3/4 %	995$	995$	–
Tur 5 3/4 %	–	1.030$	–
C P 6 3/4 %	1.026$	–	1.030$

ELECTRICAS

G 5 % 58	–	–	–
G 5 % 59	–	–	–
G 5 % 62	–	940$	–
G 5 % 63	940$	940$	–
G 5 % 64	940$	940$	–
G 5 % 65	–	940$	–
G 6 % 67	–	–	–
G 6 % 69	–	–	–
G 7 % 71	–	–	1.040$
H E C. 5 %	–	–	–
H E C. 6 %	–	–	960$
H E. D 5 %	–	–	755$
H E D 6 %	–	960$	–
H. E N P 5 %	–	–	–
H E S E 5 %	–	–	–
H. E S. E 6 %	–	–	950$
H. E. Z 5 % 57	–	–	–
H E. Zêz 6 %	–	940$	–
N. Elc 5 %	–	740$	–
N Elec 6 %	–	–	–
Termoel 5 %	–	–	750$
U E. P 5 % 60	–	–	–
U E P 5 % 63	–	–	–
U E. P 6 %	–	–	950$

DIVERSAS

A P T 5 % 56	–	855$	–
A P T 5 % 58	–	–	–
Lisnave 6 %	–	980$	–
Nitratos 60	–	–	–
Pet 2ª e 3ª %	–	860$	–
Sacor 7 %	–	–	–
Sacor 5 % 54	–	955$	–
Sacor 5 % 60	–	880$	–
Sid 5 % 2ª	–	–	–
Sid 5 % 3ª	–	–	–
Sid 5 % 4ª	–	–	–
Socel 5 %	–	–	–
U Fabril 67	935$	930$	945$
U Fabril 68	950$	945$	–

ULTRAMARINAS

Carbonil 5 %	–	–	–
Rev 5 % 57	–	–	–
Rev 5 % 59/60	–	–	–
Moçamb 5 %	–	550$	–
Sonefe 5 %	–	–	–

ACÇÕES

De Bancos

Agricultura	6.150$	6.150$	6.500$
Algarve	3.000$	3.000$	3.050$
Alentejo	2.500$	2.500$	2.530$
Angola	5.400$	5.400$	5.420$
Borges&Irmão	8.350$	8.300$	8.350$
Crédito Predial	5.950$	5.950$	6.000$
Espírito Santo	16.850$	16.800$	16.900$
Fomento	5.600$	5.600$	5.630$
F.&Burnay	–	–	74.000$
Intercontinental Português	–	–	–
N. Ultramarino-m.	6.500$	6.500$	6.700$
N. Ultramarino-c.	9.700$	9.700$	–
Pinto&SottoMayor	19.500$	19.400$	20.000$
Portugal-n.	–	5.100$	–
Portugal-p.	8.900$	8.800$	9.000$
P. Atlântico	16.400$	16.300$	16.400$
Totta&Açores	8.970$	8.970$	9.000$

J. BURNAY, LDª

Notas estrangeiras
Papéis de crédito

RUA DO OURO, 72 TEL. 321273

Banco Borges & Irmão

Índice de cotação das acções (Base: Dez. 65=100)

	22-2-73	28-2-73	1-3-73
GERAL	278,0	277,4	278,5
METROPOL	289,2	289,9	290,5
ULTRAM	195,8	186,1	190,6

De Seguros

Alentejo	–	575$	585$
Bonança	22.000$	22.000$	23.000$
Império	–	43.000$	–
Mundial	2.900$	2.850$	2.900$
Soberana	–	8.000$	8.500$
Tranquilidade	–	–	–

Eléctricas

C P E p	1.205$	1.200$	1.205$
C P E n	1.180$	1.180$	1.200$
E Beiras	1.840$	1.820$	1.840$
G Elec c	350$	348$	350$
H E A A	168$	–	168$
H E N P	270$	270$	275$
H E S E	–	1.600$	1.800$
U E P	–	–	–

Ultramarinas

Ag Cassequel	1.100$	1.100$	1.150$
Ag Incomati	1.950$	1.950$	2.000$
Ag. S T e P	–	210$	225$
Aç Angola	2.000$	1.980$	2.000$
Alg Angola	–	280$	300$
Ang Agric	–	–	–
Boror	–	–	–
Boror Com	–	–	75$
Buzi	–	87$	90$
Cabinda	–	130$	145$
Com Lobito	656$	655$	660$
D A T 100	2.250$	2.240$	2.300$
H E Revué	–	–	500$
I do Princ	–	–	500$
Moçambique	330$	320$	350$
Sonefe n	–	–	–
Sonefe p	–	400$	410$
Zambézia	–	70$	–

Diversas

Ag.Lx.-ant.	–	–	–
Ag.Lx.—34	850$	850$	–
Ag.Lx.—36	–	–	–
Cel.Guadiana	–	–	–
C.Leiria-p.	18.500$	18.400$	18.600$
C.Tejo-p.	51.000$	50.000$	53.000$
F. Ramada	1.400$	1.390$	1.410$
Fornos Eléctricos	285$	285$	290$
P.Celulose	6.400$	6.400$	–
Siderurgia-p.	7.500$	7.450$	7.500$
Siderurgia-n.	4.200$	4.200$	–
Socel	4.950$	4.950$	5.000$
Cidla	9.680$	9.670$	9.690$
C.U.F.	3.500$	3.500$	–
Intar	602$	600$	602$
Nitratos	1.200$	1.200$	1.220$
Petroquímica	1.230$	1.220$	–
Sacor	5.100$	5.080$	5.100$
Tab.Portugal	–	–	7.600$
Tabaqueira	11.900$	11.800$	11.900$
U.F.Azoto	–	830$	850$
Empor	–	–	500$
Ind. Aliança	–	–	–
I. P. Colónias	–	1 450$	1.600$
Nacional Navegação	–	–	–
Navegação(Col.)	2.150$	–	2.150$
P. Pesca	–	1.100$	1.150$
Matur	2.900$	2.900$	–
R.Marconi	1.950$	1.950$	–
T.A.P.	1.400$	1.400$	–
Compal	750$	740$	750$
Salvor	1.850$	1.800$	1.900$
Penina	–	–	–
Grão-Pará	–	1.800$	2.000$
Lisnave	15.500$	15.500$	15.550$

FUNDOS DE INVESTIMENTOS

Atlântico	–	–
FIDES	207 80	214 00

COTAÇÕES

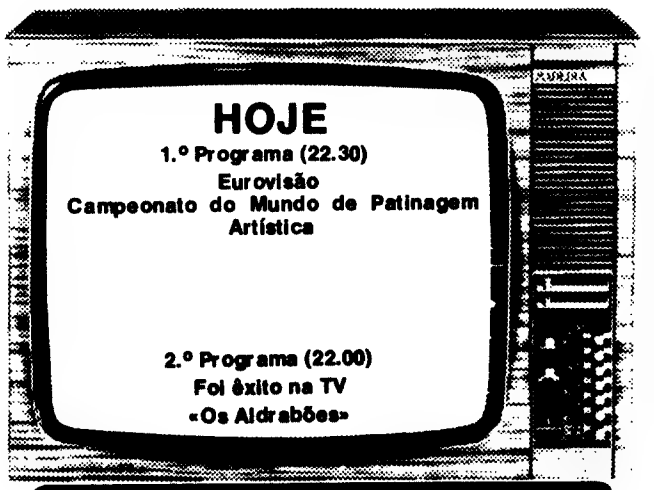
PAÍSES		COMPRAS	VENDAS
Africa do Sul	Rands	30$00	33$00
Alemanha	Marco	8$60	9$00
América			
Dollars de 1 a 2		24$30	25$20
Dollars de 5 a 20		24$70	25$60
Dollars de 50 a 1000		25$00	25$90
Argentina	Peso Novo	–$–	–$–
Austria	Schiling	1$20	1$26
Bélgica	Franco	$61,5	$65
Brasil	Cruzeiro	3$60	4$40
Canadá	Dolar	24$30	25$20
Dinamarca	Coroa	3$90	4$30
Espanha	Peseta	$42	$46
França	Franco	5$35	5$70
Holanda	Florim	8$55	8$95
Inglaterra	Libra	61$50	64$50
Italia	Lira	$04	$044
Marrocos	Dhran	–$–	–$–
Noruega	Coroa	4$05	4$40
Suécia	Coroa	5$45	5$85
Suiça	Franco	7$65	8$05
Ouro			
Inglaterra	Libra Isabel	610$00	660$00
Inglaterra	1/2 Libra	630$00	670$00
Ouro fino Barra		70$00	76$00

BANCO DO ALENTEJO

GESTÃO DE CARTEIRAS DE TITULOS
TODAS AS OPERAÇÕES BANCARIAS

Praça D. João da Câmara, 18 - Telef. 328045
Rua do Ouro, 52 - Telef. 30309

televisão



MADEIRA SIEMENS
ISLAND
O MAIS MODERNO TV COM ECRAN TOTAL

HOJE

1.º Programa

1.º Período

12.45 Abertura e Desenhos animados, Alvin Show
13.00 Vária
13.15 Por favor não comam os malmequeres
13.45 Telejornal — 1.ª edição
14.00 Um dia com...
14.15 Logo à noite

2.º Período

14.40 Ciclo Preparatório TV
19.00 TV Educativa, Educação Musical
19.30 Telejornal — 2.ª edição
19.45 Eurovisão, Campeonato do Mundo de Patinagem Artística (Patinagem Livre-Senhoras)
20.30 Há só uma terra
21.00 Presença do passado
21.30 Telejornal
22.00 Conversa em Família do Sr. Presidente do Conselho
22.30 Eurovisão, Campeonato do Mundo de Patinagem Artística (Patinagem Livre-Senhoras)
23.10 Museu do Cinema
23.40 Telejornal
23.50 Meditação

2.º Programa

20.30 Eurovisão, Campeonato do Mundo de Patinagem Artística (Patinagem Livre-Senhoras)
21.30 Telejornal 3.ª edição
22.00 Foi Êxito na TV, Os Aldrabões
22.55 Folclore no mundo, Hungria
23.20 Fecho

AMANHÃ

1.º Programa

1.º Período

12.45 Abertura e Desenhos Animados, Barney
13.00 Feminino Singular
13.20 Arnie
13.45 Telejornal — 1.ª edição
14.00 Conheça o Portugal desconhecido
14.15 Logo à noite

2.º Período

14.40 Ciclo preparatório TV
19.00 TV Educativa, Física Moderna
19.30 Telejornal — 2.ª edição
19.45 TV palco
20.15 Cartaz TV
20.30 Eurovisão, Campeonato do Mundo de Patinagem Artística (Patinagem Livre-Dança)
21.30 Telejornal — 3.ª Edição
22.00 Os Homens de Shiloh
23.40 Telejornal — 4.ª edição
23.50 Meditação e Fecho.

2.º Programa

20.30 Abertura e Desenhos Animados
21.00 Arnie
21.30 Telejornal — 3.ª edição
22.00 Eurovisão, Campeonato do Mundo de Patinagem Artística (Patinagem Livre-Dança)
23.15 Encontro com o mundo, A Grécia — O Parthénom
23.40 Fecho

urgência

Emergência	115	Judiciária	53 5380
Bombeiros	32 2222	Intoxicações	76 1176
C.V.P.	56 5342	Aeroporto	71 1397
H. de S. José	86 0131	C.R.G.E.	53 7021
H. de S. Maria	73 0231	C. Aguas	36 1361
P.S.P.	36 6141	Combóios	32 6222

tempo

Situação do tempo

09.00 H.

Em Portugal Continental o céu estava geralmente muito nublado e o vento era fraco prodominando de Leste.

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H

PORTO	8.º
P. DOURADAS	4.º
COIMBRA	11.º
PORTALEGRE	9.º
LISBOA	9.º
FARO	11.º
FUNCHAL	15.º

TEMPERATURAS EXTREMAS

Anadia
Anadia 20.º

P. da Saúde
Mínima 2.º

TEMPERATURAS NO ESTORIL

Água do Mar 12,5.º
Atmosfera 12,5.º

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
1.47	3,3 m	7.35	1,4 m
14.18	3,2 m	19.48	1,4 m

Dia 2

2.33	3,5 m	8.18	1,2 m
15.00	3,4 m	20.29	1,2 m

Dia 3

3.14	3,7 m	8.55	1,0
15.37	3,6 m	21.06	1,0 m

PREVISÃO GERAL
ATÉ ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Céu pouco nublado ou limpo no Norte e no Centro e por vezes muito niblado no Sul; vento moderado de Sueste; acentuado arrefecimento nocturno e formação de geada nos locais abrigados.

AMANHÃ

NASCER ÁS _ 8.08
OCASO ÁS _ 19.31

DIA 5 DIA 11 DIA 18 DIA 26

rádio

EMISSORA 1. PROGRAMA

16.00 Noticiário
16.05 Ao encontro da melodia
16.30 Convívio — Programa da Juventude
18.05 O convidado de hoje: Dennis Rousses
18.20 Espectáculo-teatro — por Figueiredo de Barros
18.40 Música portuguesa
19.10 OPERETA: — «O País dos Sorrisos» (Franz Lehar)
20.00 Diário sonoro
20.20 O conjunto King Crimson
20.30 17.º episódio do Folhetim «El-Rei D. João II»
20.50 Melodias
21.00 Momento 73
21.20 Música, só música
21.50 Dia a Dia com a Ciência — pelo dr. Marques da Costa
22.00 Conversa em Família do Sr. Presidente do Conselho.
22.30 Ritmos de todo o mundo
23.05 De um dia para o outro — por Armando Correia
00.00 Junção — (Entra o MF 1 de Lx) — Sinal Horário, de um dia para o outro — (Cont.)
00.30 Diário Sonoro
00.45 Escala na madrugada — por Galiano Pinheiro
02.00 Fecho

PROGRAMA ESTERIOFÓNICO _ MF 2

21.00 Música Ligeira variada
22.00 Sinfonia n.º 7 (Mahler) — Orquestra Nova Filarmónica. dir. de Otto Klemperer
23.43 Música de Schumann
00.28 Pedro e o Lobo, Op. 67 (Prokofieff) Orq.ª Filarmónica de Nova Iorque dir. de Leonard Bernstein
01.00 Fecho.

RÁDIO CLUBE PORTUGUES

Onda Média

16.00 Noticiário
16.04 Programa CDC
18.02/21.00 Programa «Movimento»
21/24.00 «Quadrante 2-9-0»
21.03 Diálogo
21.08 Serão musical
21.32 Impacto
22.30 Quando o telefone toca
23.05 Mensagens bíblicas
23.19 Grandes orquestras
23.30 PBX
02.00 A noite é nossa
06.00 Diário rural
07.00 Talismã

MODULAÇÃO DE FREQUENCIA

16.00 Noticiário
16.04 Programa CDC
18.02 O Nosso Programa
19.04 Vértice
21.02 Boa Noite em FM
22.02 Programa à Gô-Gô
23.00 Noticiário; programa à Gô-Gô (continuação).
00.02 Em órbita-dois
01.02 Banda Sonora Sonipol
02.00 Perpectiva
03.00 Fecho

EMISSOR DE MIRAMAR

16.00 Noticiário «Programa C. D. C.»
19.00 Noticiário
20.00 Divagando

«GENÉRICO»

21.05 Só-Rádio
21.35 Canções que foram êxito
21.45 O arauto da verdade
22.03 variedades
22.30 Quando o telefone toca
23.04 Clube da juventude

RÁDIO RENANCENÇA

16.00 Noticiário
16.05 Radiorama
18.00 Hora do recreio
18.21 Boletim litúrgico
18.30 Terço e bênção da Basílica dos Mártires
19.00 (Jornal do serviço de noticiários de R. Renascença)
19.30 Página 1
21.05 Meditando
21.08 Só música
21.15 Poente
21.30 Curso de língua alemã
21.45 Pentagrama
22.00 Quando o telefone toca
22.30 Esquema, 13
23.05 A 23.ª hora.

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA

Clube Radiofónico de Portugal
Das 06.00 às 10.00 e das 22.00 às 02.00

Rádio Peninsular
Das 12.00 às 14.30

Rádio Voz de Lisboa
Das 10.00 às 12.00 e das 19.30 às 22.00

Rádio Graça
Das 14.30 às 19.30

farmácias de serviço

LISBOA

TURNO A-1 (TODA A NOITE)

AJUDA
Moura, T Memória. 55 (T. 630944)
ALVALADE
S. João de Deus, R Pedro Ivo, -A (T. 725140)
ANJOS
Confiança, Av Almirante Reis, 46 (T 821653)
AREEIRO
Garantia, Av. P. Manuel da Nóbrega, 5-A (T 727300)
AV. NOVAS
Vale, Av Marquês de Tomar, 45-49 (T. 773043); **Dalva,** Av. Duque de Avila, 125 (T. 45225)
BAIRRO ALTO
Barreto, R. do Loreto, 30 (T 227284)
BAIRRO DA LIBERDADE
Salutar, R. B. 75-A (T. 683694)
BAIXA
Oliveira, R da Prata, 240 (T. 321415)
BENFICA
União, E de Benfica, 592 (T. 700092)
CAMPO DE OURIQUE
Lobel, R. Infantaria 16, 98-B (T. 688807)
CASTELO
Zilar, R. de S. Tomé, 54 (T. 862835)
CHILE
Veral, R. Morais Soares, 109 (T. 821732)
ESTRELA
Andrade Ribeiro, Av. Inf Santo, 66-B (T. 666971)
LUMIAR
Central do Lumiar, R. do Lumiar, 75 (T. 790480)
OLIVAIS
Olivais, R. Alves Gouveia, 19 (T. 311237)
PICHELEIRA
Luzmar, R. Nascimento Costa, 16-A (T 728395/720703)
POÇO DO BISPO
Freitas, R. Alves Gouveia, 19 (T. 311237)
REGO
Baptista, R Francisco Tomás da Costa, 3-C (T 771873)
SANTO AMARO
Correia de Azevedo, R. Luís de Camões, 42-B (T. 638625)
SÃO BENTO
Castro, R de S. Bento, 199-A (T. 660513)

TURNO A-2 (ATÉ ÀS 22 HORAS)

ALCÂNTARA
Beirão, R. Prior do Crato, 25 (T 661321)
ALVALADE
Zil, Av. da Igreja, 9-D (T. 711780); **Roma,** Av. de Roma, 85-B (T. 772466)
AMOREIRAS
Britânica, T. da Légua da Póvoa, 5-B (T. 689250)
ANJOS
Renascença, R Damasceno Monteiro, 104-A (T. 831504)
AREEIRO
Imperial, Av. Guerra Junqueiro, 30-B (T 726860)
AV. NOVAS
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO
Ascenso, P do Norte, 11 (T. 311216)
BAIXA
Teixeira Lopes, R. Áurea, 154 (T 3248160)
BENFICA
Alegira, E. de Benfica, 180-A (T. 780511); **Lavinha,** R. eng. Paulo de Barros, à R. Casquinha, 28-A (T. 708242)
CAMINHOS DE FERRO
Frazão, R. da Cruz de S. Apolónia, 90 (T. 847019)
CAMPO DE OURIQUE
União, R. Saraiva de Carvalho, 145-F (T. 663643)
CAMPOLIDE
Pinto, R. de Cmapolide, 11 (T. 682610)
CHELAS
Banha, E. de Chelas, 173 (T 382241)
ENTRECAMPOS
Alcântara, Av. da Republica, 74-A (T. 771379)
ESTEFÂNIA
Mundial, L. D. Estefânia, 10 (T. 45578)
LAPA
Paiva da Costa, R. da Lapa, 105 (T 664414)
LUMIAR
Douro, Al. Linhas de Torres, 93-A (T 791131)
PICOAS
Sousa Martins, R. Sousa Martins, 25 (T. 553468)
SANTA APOLÓNIA
(ver Caminhos de Ferro)
SANTA MARTA
Fernandes, R. de S José. 187 (T 326476)
SANTO AMARO
Biotifar, R D João de Castro, 27 B (T. 638824)
S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA
S. Sebastião, L de S. Sebastião da Pedreira, 1 (T 48642)

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Branco, Av. Comb. G. Guerra, 29 (Tel. 212081)
CAXIAS
Nova, Rua Bernardim Ribeiro, 1-A (Tel. 242839)
PAÇO DE ARCOS
Godinho da Silva, Av. Patrão Lopes, 4 (Tel. 2432039)
OEIRAS
Alcântara Guerreiros, P. Residencial dr. Augusto de Castro-Lote 10 (Tel. 2430691)
PAREDE
Grincho, Av. da República, 87 (Tel. 2471204)
S. JOÃO DO ESTORIL
S. João, (Tel. 261186)
ESTORIL
Marques dos Santos, R. Ferreira J. A, 15 (Tel. 260116)
CASCAIS
Marginal, Av. Marginal (Tel. 280078); **A. Costa,** R. Freitas Reis, 24-C (Tel. 280214)

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Amadora, P. 28 de Maio, 3-A (Tel. 935518); **Carmele,** R. Elias Garcia, lote 28 (Tel. 933303); **Helénica,** R. Elias Garcia, 2 (Tel. 933613); **S. Jorge,** R. Pedro del Negro, 5 (Tel. 938703)
DAMAIA
Lemos, R. de Goa, 21-A (Tel. 971121)
QUELUZ
Gil, Av. Miguel Bombarda, 28 (Tel. 950117); **Simões Lopes,** Av. Elias Garcia, 51 (Tel. 950123)
MEM MARTINS
Química, Est. de Mem Martins, 285 (Tel. 2910012)
S. PEDRO DE SINTRA
Valentim, (Tel. 980456)
SINTRA
Marrazes, L. Afonso Albuquerque (Tel. 980058)
COLARES
Abreja (Tel. 299088)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Nunes, L. Coronel Ramos da Costa, 10 (Tel. 234137)
ALHOS VEDROS
Guamão, R. Cândido dos Reis, 30 (Tel. 224020)
ALMADA
Cristo Rei, Av. do Cristo Rei, 31-A (Tel. 273498)
BAIXA DA BANHEIRA
Aliança, Est. Nacional, 174 (Tel. 224302)
BARREIRO
Soares, Av. da República, 1 (Tel. 2273023)
COVA DA PIEDADE
Atlântico, R. Padre Manuel Bernardes, 1 (Tel. 2764466)
MOITA
Silva Rocha, P. da República, 16 (Tel. 239029)
MONTIJO
Diogo, R. Almirante Reis, 42 (Tel. 230032)
SESIMBRA
Leão, Av. Salazar (Tel. 229471)
SETÚBAL
Marques, R. Arronches Junqueiro (Tel. 22783); **Bonfim,** Av. Rodrigues Manitto, 12 (Tel. 24558)
SEIXAL
Soromenho, R Paiva Coelho (Tel 2218560)

PORTO

6.º TURNO

SUB-TURNO A

Correia de Araujo, R. de Santa Catarina, 259. **Nova Avenida,** Av. F. de Magalhães, 692. **Pinheiro Manso,** R. S. João de Brito, 25-29. **Santa Teresa,** P. Guilh. G. Fernandes, 100. **Silva Pereira,** Rua Costa Cabral, 293

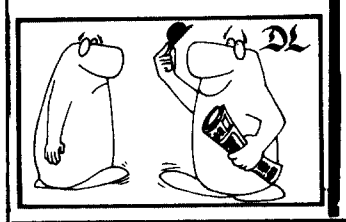
SUB-TURNO B

Alves P. Exército Libertador, 62. **Barros,** R. do Loureiro, 104. **Boa Hora,** R. da Boa Hora, 80. **Cameira,** R. do Heroísmo. **Confiança,** , R. de Santa Catarina, 960

COIMBRA

TURNO E

Cruz Viegas, Rua do Brasil, 154 (Tel. 22961); **Donato,** Rua Ferreira Borges, 2 e 6 (Tel. 22603); **Rainha Santa,** R. Figueira da Foz, 11-B (Tel. 2473/)



cinemas

CINEMA CASTIL (Tel. 530194)
15.00 - 17.00 - 19.00 e 21.45
Grupo B (10 anos)
4.ª semana
Technicolor Barba Streisend e Ryan O'Neal em QUE SE PASSA DOUTOR» Rua Castilho . Metro Rotunda. Estacionamento Parque Castil

MONUMENTAL (Tel 555131)
15 15 e 21 30
Grupo D (18 anos)
4.ª Semana
«EM NOME DO POVO ITALIANO» de Dino Risi com Vittorio Gassman e Ugo Tognazzi Eastmancolor

SATÉLITE (Tel. 555131)
15.30 - 18 30 e 21 45
(Grupo D-18 anos)
3.ª Semana
«O ULTIMO A RIR» um filme de Alain Tanner

IMPÉRIO (Tel. 555134/5)
15.15 e 21.30
(Grupo D-18 anos)
Um filme de Sergio Corbucci «O CÂNTICO DA NAVALHA» Adriano Celentano e Claudia Mari. (Metro: Alameda)

ESTÚDIO (Tel. 555134/5)
15.30-18.30-21.45
(Grupo D - 18 anos)
A obra completa de JEAN VIGO. A Propósito de Nice (c. m.) Taris (c m.) Zero em comportamento Atalante. (Metro: Alameda).

CASINO (Tel. 2642/264949)
17.00 e 21.30
(Grupo D-18 anos)
«O REGRESSO DE SABATA»

ESTÚDIO 444 (Tel. 779095)
15.30, 18.30 e 21.45
(Grupo D-18 anos)
7.ª Semana
Uma adolescente, os sonhos a imaginação . oamar! «DESEJO DE AMAR» Isabeele Adjani Muriel Catala. Amanhã é sábado, às 0,30 (Grupo D-18 anos). «OS ALEGRES DIAS DE POMPEIA»

MUNDIAL (Tel. 538743)
18.30 e 21.45
(Grupo D-18 anos)
3.ª semana de êxito
Jacqueline Bisset, Stella Stevens e Lee Prcell na comédia colorida sobbre o desejado movimento de libertação feminino «QUANDO AS MULHERES QUEREM...» Um frente a frente com todas as possíveis vantagens para elas! Só à noite no «foyer» novo - Jorge Fontes e sua guitarra

ROYAL (Tel. 865037)
15.00 e 21.00
(Grupo D-18 anos)
«O AMANTE» em complemento «COM A PEDRA NO SAPATO».

ODEON (Tel 326283)
15.15, 18.15 e 21.30
(Grupo C-14 anos)
Um festival de gargalhada como nunca se viu, com Franco Franchi e Ciccio Ingrassia «AS GRANDES MANOBRAS». um desfile de garotas de estalo.

ROMA (Tel 727778)
15.30 e 21.45
(Grupo D-18 anos)
2.ª Semana «ENCONTRO COM UMA MULHER DE 30 ANOS». Massimo Raneri, Florinda Bolkon Eastmancolor

ALVALADE (Tel. 717480)
15.15 e 21.45
(Grupo D-18 anos)
Um filme de Joseph Losey «EVA» Jeanne Moreau Standley Baker. (3.ª Semana)

EUROPA (Tel. 661016)
15.15 e 21.30
(Grupo D-18 anos)
7.ª Semana
Por amor a César por amor a David. Entre dois amores... Rosalie «CÉSAR ET ROSALIE». Yves Montand, Romy Schneider. Eastmancolor.

APOLO 70 (Tel. 763319)
15.15, 18.30 e 21.45
(Grupo D-18 anos)
11.ª Semana
Technicolor Genial! «O GRANDE CONQUISTADOR» com Woord Alle Às 24.00
Clássicos à meia-noite
(Grupo D-18 anos)
«RAQUEL, RAQUEL» de Paul Newman

LONDRES (Tel. 731313)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.45
(Grupo D-18 anos)
15.ª Semana, colorido. A estrela do ano Liza Minnelli «CABARET» (Adeus Berlim) Snack-Bar - Pub-The Flaz, o melhor encontro gastronómico.

POLITEAMA (Tel 326305)
Estreia hoje
21.45
(Grupo A-6 anos)
Com Franco Franchi e Ciccio Ingrassia «CONTINUAVAM A CHAMAR-LHES OS 2 PILOTOS MAIS MALUCOS DO MUNDO»: Á 15.15 e 18.30, últimas exibições. (Grupo C-14 anos) «DOIS IRMÃOS NUM LUGAR CHAMADO TRINITÁ»

IMPERIAL (Tel. 821933)
15.00 e 21.00
(Grupo D-18 anos)
«TEMPO DE AMAR» em complemento «DOIS IRMÃOS SICILIANOS»

LYS (Tel 48560)
15.00 e 21.00
(Grupo D-18 anos)
«O TÚMULO DO TERROR» em complemento «O GRANDE AJUSTE DE CONTAS»

TIVOLI (Tel 50595)
15.15 - 18.30 e 21.45
(Grupo D-18 anos)
5.ª Semana
Colorido Nem tudo na estátua estava certo. «A ESTÁTUA» com Virna Lisi e David Niven

S. JORGE (Tel 5453/4)
Estreia
Às 21.30
(Grupo D-18 anos)
O Carnaval já começou! «COM JEITO VAI . NA PANDEGA». o Festival do riso! Às 15.15 e 18.15, últimas exibições «BATOTA NO JOGO»

BERNA (Tel. 776098)
15.15-18.30 e 21.45
3.ª Semana
(Grupo B-10 anos)
Tecnhicolor. Jerry Lewis «AS NOITES LOUCAS DO DR. JERRYLL»

AVIZ (Tel. 47163)
15.30 e 21.45
(Grupo B-10 anos)
57.ª semana Record de exibição em Portugal! «TRINITA COW-BOY INSOLENTE» com Terence Hill e Bud Spencer Color-Scope

EDEN (Tel. 320768)
15.30-18.30 e 21.45
(Grupo D-18 anos)
«OS NOIVOS DE MINHA MULHER» Alfredo Landa (o delicadinho) Esperanza Roy Technicolor-Color

CONDES (Tel. 322523/326710)
14.15-16.30-18.45 e 21.45
(Grupo D-18 anos) 2.ª semana
Trish Van Devere, Monte Markham, Janet Leigh, Melvyn Douglas «MULHERES SEM MARIDO. Ela mudou de vida... quando o marido mudou de ideias.

VOX (Tel. 720808)
15.15, 18.30 e 21.45
(Grupo D-18 anos)
O mais ousado filme de Otto Perninger «AMANTES DESCONHECIDOS» Technicolor

outros espectáculos

LISBOA/Teatros

CASA DA COMÉDIA
22.00 (18 anos)
«Oh papá pobre papá»

VARIEDADES
20.45 e 23.00 (14 anos)
«Sua Excelência o Pendura»

A. B. C.
20.45 e 23.00 (18 anos)
«É o fim da macacada»

TRINDADE
21.45 (18 anos)
«Adriano VII»

COLISEU
21.30 (10 anos)
«El em Pastre»

MONUMENTAL
20.45 e 23.00 (18 anos)
«Mulheres é comigo»

CAPITÓLIO
21.45 (18 anos)
«Sexo, nunca! Somos Britânicos»

MARIA VITÓRIA
20.45 e 23.00 (18 anos)
«Cá vamos pagando e rindo»

LISBOA/Cinemas

OLÍMPIA
19.00 (14 anos)
«As balas do ódio»

CINEARTE
21.00 (14 anos)
«O preço da herança»

JARDIM CINEMA
21.30 (18 anos)
«A Fúria da razão» e «O Malandro encantador»

MAYER
21.00 (10 anos)
ÁMGUIA NEGRA O Cossaco»

MOSCAVIDE
21.00 (18 anos)
«Malpertius»

PROMOTORA
21.00 (18 anos)
«História de uma traição»

PARIS
21.00 (18 anos)
«Entre a loucura e o crime»

LINHA DE CASCAIS

OEIRAS
Oeiras-Cine
21 (10 anos)
«Adeus Mr. Chips»

PAREDE
Royal-Cine
21.15 (18 anos)
«O Último Resgate»

ESTORIL
Casino
17, 21.30 (18 anos)
«O Regresso de Sabata»

ESTORIL
Palácio
21.30 (18 anos)
«O Jogo Preverso»

CASCAIS
S. José
21.30 (14 anos)
«Um Violino no Telhado»

LINHA DE SINTRA

DAMAIA
D. João V
21.30 (14 anos)
«Era uma vez um policia»

QUELUZ
Queluz
21.45 (18 anos)
«O Homem do cachecol branco» e «Os Loucos do amor».

SINTRA
Carlos Manuel
21.30 (14 anos)
«Os Profissionais»

OUTRA BANDA

COVA DA PIEDADE
União Artística
21.15 (18 anos)
«Freenzy - Perigo de Morte»

ALMADA
Incrível
21.15 (18 anos)
«O Esquadrão da Morte»

TRAFARIA
Pavilhão Jardim
21.15 (18 anos)
«Jovens Fugitivos»

LARANJEIRO
Instrução e Recreio
21.30
«Os Rivais»

PORTO/Teatros

SÁ DA BANDEIRA
21.45 (14 anos)
«A cama dos comuns»

RIVOLI
21.30 (14 anos)
«Missa Leiga»

PORTO/Cinemas

PASSOS MANUEL
21.30 (18 anos)
«Noites sem fim»

OLÍMPIA
21.30 (10 anos)
«Os dois pilotos mais malucos do Mundo»

TRINDADE
21.30 (18 anos)
«Por causa de uma mulher»

CARLOS ALBERTO
21.30 (10 anos)
«Os dois pilotos mais malucos do Mundo»

COLISEU
21.30 (10 anos)
«Adeus Sabata»

JÚLIO DINIZ
21.30 (10 anos)
«002 e o cérebro electrónico»

S. JOÃO
21.30 (14 anos)
«Eu não quebro rebento»

BATALHA
21.30 (18 anos)
«Com jeito vai . na pândega»

ÁGUIA D'OURO
21.30 (18 anos)
«Vamos ter sarilho»

ESTÚDIO
21.30 (18 anos)
«A Suspeita»

VALE FORMOSO
21.30 (10 anos)
«Amor de mãe»

COIMBRA

AVENIDA
21.00 (18 anos)
«Cabaret»

TIVOLI
21.30 (18 anos)
«As escarpas do medo»

SOUSA BASTOS
21.30 (18 anos)
«O Vilão do Arizona»

GIL VICENTE
21.30 (18 anos)
«Concerto para uma pistola solista»

BARS BOITES

FANTÁSMA-Dancing Caveau com variedades, Maria Helena, Odete Maria, Domingos Ramos e o fabuloso Tony Sandro e Garcia e o seu conjunto **R. Gomes Freire, 145-B Aberto das 18h as 21 h e das 22.30h às 05.00h.**

TAMILA Maria e seu conjunto «Matinées» todos os dias Encerra aos domingos **Avenida Duque de Loule 69. Telef. 534117.**

LUSO — Grande elenco de folclore fado de Lisboa por Augusta Ermida e Jose Luis Tomar, fado de Coimbra por Americo Silva Em fado castiço Cristina Maria **Travessa da Queimada, 10 Telef. 362889. Aberto todos os dias.**

SAN-PAYO Bar-boite c/musica constante Aberto até às 5h da madrugada **Rua Rodrigues Sampaio, 34 Telef. 561422.** (Ar condicionado)

HIPOPOTAMO Com Helder Reis Encerr. aos domingos **Av. António Augusto de Aguiar, 5-A Telef. 48384**

PRINCIPE NEGRO **Dancing com variedades Calçada da Glória, 2 Telef. 368987.**

EL CIDE — Dancing com o conjunto «X 4» **Rua Bernardo Lima, 18-A** (Ao conde Redondo) **Telef. 560538** Com variedades

CASEBRE Rua da Barroca 133 **Telef. 369760.** Encerrado aos domingos Cantam Carlos Barra Deolinda Rodrigues e Nazaré A 1.00 h convidado especial em tempo-Show Folclore pelos cinco tipicos de Vila Franca de Xira Tocam Carvalhinho e Julio Gomes

CACO — Dancing c/musica ambiente com singular quarteto **Rua Camilo Castelo Branco, 23-A**

FRAGATA REAL Mara Vallejo Maria Jô-Jô Neto e Joaquim Campos em Fado lisboa, João Queiróz em Fado de Coimbra acompanhamento de António Parreira Francisco Gonçalves Artistas convidados Ana Rosmanho Natalia Desejos e Joao Cabral **Trav. S. Miguel, 22-Alfama-Telef. 868552**

SOLAR DA HERMÍNIA — Hermínia Silva, hoje e sempre **Largo Trindade Coelho n.º 10 e 11** Encerra aos domingos **Telef. 320164**

CASINO ESTORIL — Jogo autorizado Variedades internacionais **Telefones 26461, 264526, 264596, 264621 e 264946**

NINA Dancing com atracções **Rua Paiva de Andrade, 7-13 Telef. 34859/365167**

DL / ÚLTIMAS

DL
RENASCENÇA GRAFICA S A R L
PROPRIETÁRIA DO
DIÁRIO DE LISBOA
ADMINISTRAÇÃO GERAL
REDACÇÃO E PUBLICIDADE
RUA CASTILHO, 185-1.º-2.º-E-4.º
TELEF. 654531/2-3-4
SERVIÇOS TÉCNICOS
RUA LUZ SORIANO, 44
RUA DA ROSA, 57
END. TEL. DIBOA TELEX 1363
LISBOA-PORTUGAL

Turismo na Madeira: situação satisfatória

Continuação da Pag. 1

pacidade de alojamento turístico (mais 140 por cento, entre Dezembro de 1971 e de 1972), o que sempre terá que provocar situações de adaptação enquanto a procura efectiva não atinge, de novo, a capacidade de recepção instalada, situação corrente em qualquer zona turística em fase de crescimento rápido.

Quanto ao aeroporto não tem sido possível, por razões de ordem técnica e económica, encontrar resolução fácil para o problema. No entanto, ele está na primeira linha das preocupações das entidades responsáveis que se esforçam por alcançar uma solução que deverá, obviamente, ter em conta a própria evolução tecnológica registada e previsível no campo dos transportes aéreos, o que, aliás, é do perfeito conhecimento das empresas hoteleiras do Funchal.

5. De qualquer modo acrescente-se terem os hotéis, de todas as classes, ali instalados registado, durante o mês de Janeiro uma ocupação média (cama) da ordem dos 50 por cento, apesar daqueles condicionalismos e de alguns problemas externos, como seja o gerado pelas perspectivas de desvalorização do dólar e da libra o que levou os agentes de viagens a exigirem, no primeiro caso, depósito no acto da reserva, susceptível de fazer face a qualquer problema e no segundo a uma subida efectiva dos preços das viagens.

Esclarecida a situação do dólar e tomada aquela decisão pelos agentes ingleses estes dois aspectos estão, neste momento, minimizados.

De facto, as ocupações nesta data são das seguintes ordens:

Reid's (95 por cento), Savoy (95 por cento), Sheraton (novo) (73 por cento), Hilton (novo) (36 por cento), Holiday Inns (novo) (29 por cento), D. Pedro (novo) (77 por cento), Nova Avenida (100 por cento), Santa Isabel (89 por cento) e Carmo (57 por cento). Estas taxas traduzem, face aos condicionalismos referidos, uma situação perfeitamente satisfatória.

6. Pelo que respeita à promoção, tem sido crescente a articulação entre os sectores público e privado, prova de confiança no futuro turístico da Madeira, a qual traduz um esforço comum com resultados visíveis e que são conhecidos dos operadores turísticos detentores de contratos que são garantia de um seguro desenvolvimento do arquipélago.

7. Assim não pode deixar de lamentar-se as precipitadas considerações feitas sobre a evolução do turismo madeirense as quais poderão criar, nos meios menos esclarecidos, perspectivas deformadas quanto ao futuro turístico da região, o que poderia ter-se evitado através duma prévia solicitação de esclarecimento junto dos serviços competentes.

Caracterização da área integrada do Vale do Lima

VIANA DO CASTELO, 1 — O governador civil de Viana do Castelo, presidiu num hotel desta cidade, a uma reunião preparatória do estudo da caracterização da «Area Integrada no Vale do Lima», que compreende os concelhos de Viana do Castelo, Arcos de Valdevez, Ponte da Barca e Ponte do Lima — prevista para o próximo PKANO DE Fomento e que obteve já aprovação prévia do Conselho de Ministros para os Assuntos Económicos.

Assistiram os responsáveis pelos vários sectores de actividade dos referidos concelhos, presidentes dos Municípios, entidades distritais e concelhias dos sectores da agricultura, do trabalho, comércio, indústria, saúde e assistência, turismo, e também o chefe da delegação do Porto da S. E. I. T., dr. Chaves e Castro e o presidente da Junta Distrital de Viana, dr. Tiago Delgado.

O chefe do distrito pronunciou breves palavras de abertura, com referência especial ao desenvolvimento da região do Vale do Lima. Seguidamente, o presidente da Comissão de Planeamento da Região Norte fez pormenorizada exposição do trabalho, de recolha de dados a empreender, como ponto de partida para o estudo que há-de habilitar a programação económica e social da área integrada, visando a sua reconversão e promoção, com aproveitamentos múltiplos das suas potencialidades.

Depois de várias outras intervenções foram aprovados os grupos e subgrupos de trabalho que vão proceder à recolha dos elementos de caracterização da área, a concluir até fins do próximo mês de Abril.

FÉRIAS DE CARNAVAL
Com conforto, tranquilidade e belas paisagens
BUÇACO — PALACE HOTEL * * * * *
CARCAVELOS — HOTEL PRAIA-MAR * * * *
COIMBRA — HOTEL ASTÓRIA * * *
LISBOA — HOTEL METRÓPOLE * *
Serviços especiais
Informações e reservas:
nos Hotéis e nas Agências de Viagens

TELEX DE JOAQUIM LETRIA

"Estafeta" de greves em Inglaterra

LONDRES, 1 — Foram-se umas e vieram outras: Londres e a Grã-Bretanha continuam afectadas porr greves. Hoje foi o pessoal menor dos hospitais, que recebera o testemunho dos ferroviários e dos funcionários públicos. A estafeta prossegue e esta manhã, quinta-feira, pensa-se que já foram perdidos 15 milhões de libras com as greves.

Os operários da Ford e os professores de Londres vêm aumentar a perturbação que ainda hoje se mantém com intermitências dos serviços ferroviários. O resultado desta estafeta de greves aproxima-se dos efeitos causados pela célebre greve nacional de 1926 a única na história da Grã-Bretanha.

Os trabalhadores da indústria do gás continuam em greve e além de muitas casas sem aquecimento, largos sectores da indústria pesada, começam a ser diariamente afectados. Duas mil escolas, 400 hotéis mais de 30 teatros e 600 edifícios de escritórios estão sem aquecimento central em Londres.

Entretanto a greve de 220 mil funcionários menores dos hospitais (serventes, porteiros, etc.) está a afectar cerca de 20 dos mais importantes hospitais londrinos que anunciaram já poder apenas ocupar-se de casos de urgência.

Os operários da Ford iniciaram uma greve de três dias contra a recusa da companhia, em conceder um aumento de 700 esccudos mensais. Nem todos os operários da Ford votaram a favor da greve, mas, a ausência ao trabalho, demonstra hoje que a decisão foi aceite e que outras instalações daquela empresa deverão acompanhar o protesto, apesar de ainda hoje estarem a funcionar.

Por outro lado terminou hoje a segunda onda de greves de professores. Três mil professores estiveram em greve, nove mil alunos com inesperadas férias de três dias e hoje mais de 200 escolas reabriram. A terceira fase do protesto dos professores deverá começar na próxima semana e terá ainda maior repercussão do que esta fase hoje terminada.

Olimpicamente o Governo continua a recusar-se a ceder. A política de congelamento de preços e salários prossegue. Enquanto estas centenas de milhar de trabalhadores pedem aumentos, que são negados, verificam-se subidas de preço na carne — por exemplo — em alguns casos na ordem dos sete escudos por quilo.

Restringidas as actividades a exercer por mulheres

Destinada a entrar em vigor no dia 1 de Junho, foi enviada para o «Diário do Governo» uma portaria do secretário de Estado do Trabalho e Previdência que regulamenta o trabalho feminino, determinando nomeadamente as actividades que les estão vedadas tendo em vista a necessidade de proteger a função genética da mulher de riscos efectivos ou potenciais.

Assim, são proibidos às mulheres os trabalhos que exijam a utilização e manipulação frequente e regular das seguintes substâncias tóxicas: mercurio, seus amálgamas e compostos orgânicos e inorgânicos; esteres tiofosfóricos; sulfureto de carbono; benzeno e seus homólogos; derivados nitrados e cloronitrados dos hidrocarbonetos benzénicos; dinitrofenol; anilina e seus homólogos; benzidina e seus homólogos; naftilaminas e seus homólogos.

A proibição referida acima não se aplica aos seguintes casos: a) Trabalho de síntese química ou trabalhos de análise e iinvestigação nos laboratórios, por pessoal especializado; b) Operações que exijam a utilização e manipulação dessas substâncias em dispositivo fechado ou por outros processos que apresentem as mesmas garantias de segurança, desde que estes sejam devidamente comprovadas pela Inspecção do Trabalho, em colaboração com as outras entidades competentes.

São também proibidos às mulheres os seguintes trabalhos: a) Ostrabalhos em atmosfera de ar comprimido; b) Os trabalhos subterrâneos em minas de qualquer categoria; c) Os trabalhos que exijam o transporte manual de cargas cujo peso exceda 27 quilos; d) Os trabalhos que exijam o transporte manual regular de cargas cujo peso exceda 15 quilos; e) Os trabalhos que exponham a radiações ionizantes, nos termos da legislação em vigor.

São proibidos às mulheres durante a gravidez e até três meses após o parto: a) Os trabalhos executados nos tempos previstos nas alíneas a) e b) do n.º 3 e a sua permanência em todos os locais em que, ainda que por breve período de tempo, se utilizem e manipulem as substâncias tóxicas referidas no n.º 1 desta portaria ou em que fiquem expostas a essas mesmas substâncias; b) O transporte manual regular de qualquer carga bem como o transporte regular de cargas cujo peso exceda 10 quilos; c) Os trabalhos que exponham a radiações ionizantes; d) Os trabalhos que comportem o risco frequente de vibrações e trepidações. As mulheres, durante os períodos de tempo referidos, terão o direito de desempenhar tarefas adequadas mantendo idêntica remuneração, nos termos da alínea a) do n.º 1 do art.º 118.º do Regime Jurídico do Contrato Individual de Trabalho, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 49 408, de 24 de Novembro de 1969.

As mulheres que deixam de desempenhar qualquer dos trabalhos indicados, por força da entrada em vigor da presente portaria, não poderão receber qualquer remuneração inferior à que auferiam naquela data, nem tal facto poderá ser invocado como justa causa de rescisão do contrato de trabalho.

A presente portaria será automáticamente aplicável às trabalhadoras ainda não abrangidas pelo Regime Jurídico do Contrato Individual do Trabalho aprovado pelo Decreto-Lei n.º 49 408 a partir da data em que lhe seja extensivo este regime.

O disposto na portaria não prejudicará as normas especiais relativas ao trabalho de menores, aplicando-se em caso de conflito o regime mais favorável.

Juca Chaves em Lisboa

Juca Chaves, o conhecido cantor satírico e humorista brasileiro, chegou esta manhã a Lisboa, seguindo imediatamente para um hotel da capital. Hoje à tarde, Juca dará uma conferência de Imprensa, durante a qual explicará os objectivos da sua viagem a Portugal. A reunião decorrerá no estabelecimento hoteleiro no qual Juca Chaves está hospedado.

Roubaram 32 toneladas de pedra

PORTO, 1 — Por inacreditável que possa parecer foram furtados entre a uma e as cinco horas da madrugada, 16 000 paralelipípedos, ou seja, 32 toneladas de pedra que se encontravam amontoados ao ar livre junto às ruas de Manuel Pinto de Azevedo e das Cruzes.

Os paralelipípedos pertencem à firma Artur da Silva Campos, de Famalicão, que está encarregada da construção da passagem inferior da via Marechal Carmona e destinavam-se a pavimentar uma rua que atravessa aquele local.

Segundo o gerente daquela firma teriam sido necessários nada menos de que quatro camiões para transportar a pedra. E o que é ainda mais estranho é que ninguém se apercebeu do roubo, nem sequer o guarda das obras que vive a cerca de 500 metros.

O valor do furto é de aproximadamente dez contos e o sr. Artur Campos está na disposição de reaver a pedra pelo que majndou publicar um anúncio nos jornais prometendo três mil escudos à primeira pessoa que o informe do paradeiro dos paralepípedos.

Um administrador do B. N. U. visita os Açores

Em visita de trabalho, partiu, para os Açores, o Administrador do Banco Nacional Ultramarino, Doutor Cimourdain de Oliveira, acompanhado por sua esposa.

O Doutor Cimourdain de Oliveira desloca-se, nomeadamente, a Angra do Heroísmo e Ponta Delgada, onde contactará com as dependências do B.N.U., para uma observação directa de problemas de gestão corrente.

Coadjuvando o Doutor Cimourdain de Oliveira, seguiu, também, o Eng.º Morais David, do Serviço de Obras, Conservação e Património, do Banco.

NOTAS POLÍTICAS

HOMENAGEM A RUI PATRÍCIO

De visita a Moçambique, na sua viagem a Africa do Sul, o ministro dos Negócios Estrangeiros foi homenageado ontem com um almoço oferecido pelo governador-geral seguido de uma recepção no Palácio da Ponta Vermelha. O dr. Rui Patrício deslocou-se hoje a Nampula, onde é obsequiado com um jantar oferecido pelo comandante-chefe das Forças Armadas, gen. Kaúlza de Arriaga. Antes de partir no dia 4 para Joanesburgo, o ministro visitará o distrito de Tete, onde fica instalada a barragem de Cabora-Bassa.

EXÉRCITO

Regressou a Lisboa o chefe do Estado-Maior do Exército, gen. Paiva Brandão, que visitou instalações militares de Angola e de S. Tomé.

UNIVERSIDADES

Os reitores e alguns professores das universidades de Luanda e de Lourenço Marques foram ontem recebidos pelo ministro da Educação Nacional, demorando-se em reunião de trabalho.

CORPORAÇÕES

Os serviços regionais do Ministério das Corporações na província do Algarve são visitados, a partir de hoje pelo subscretário de Estado de Trabalho e Previdência, dr. Pinto Cardoso. Hoje, durante a tarde, o subsecretário recebeu as direcções dos sindicatos doss Motoristas e dos Técnicos e Operários da Construção Civil.

ULTRAMAR

O ministro do Ultramar conferiu ontem posse aos directores-gerais da Fazenda e da educação do Ultramar, drs. Vasco Ferreira Martins e Francisco Maria Martins.

CENTRO DE JUVENTUDE

Em Torres Novas foi ontem inaugurado o Centro da Juventude, que resulta dos esforços conjugados do Estado, do Município e dos jovens locais. O centro é constituído por estádio, piscinas e instalações gimnodesportivas. Deslocando-se àquela vila para presidir à inauguração, o director do Secretariado para a Juventude foi homenageado numa sessão realizada nos Paços do Concelho, com a presença das autoridades locais e dos directores dos estabelecimentos de ensino.

SUPLEMENTO LITERÁRIO

CARTA ABERTA AO EX . SR. FULANO DE TAL, FALSÁRIO

LIVROS RECEBIDOS

CADERNOS CAPRICÓRNIO
TEMPO DE CHUVA
Alda Lara

EDIÇÕES DO AUTOR
COMUNICAÇÃO (SUBSÍDIOS PARA O SEU ESTUDO)
Oliveira e Castro

EDITORA ARCÁDIA
VERGÍLIO FERREIRA
Análise crítica e selecção de textos por João Palma-Ferreira
Colecção Universo do Estudante

EDITORIAL VERBO
O FIM DO MUNDO CLÁSSICO
Peter Brown
Tradução de António Gonçalves Matoso
Colecção História Ilustrada da Europa

PAUL KLEE
G. di San Lazzaro
Tradução de Manuel Poppe
Colecção Grandes Artistas

A ARTE POP
Lucy R. Lippard
Tradução de H. Silva Letra
Colecção Movimentos e Escolas

A ARTE EM PORTUGAL — 1
Flórido de Casconcelos
Colecção Verbo Juvenil

O MARINHEIRO
Dick Bruna
Tradução de Carlos Guedes
Colecção Malmequer — n.º 17

JÁ CONTO MELHOR
Dick Bruna
Colecção Malmequer — n.º 16

O PEIXE
Dick Bruna
Tradução de Maria Isabel de Mendonça Soares
Colecção Malmequer — n.º 18

15 MARAVILHAS DE ARTE
Pierre Belvés
Texto português de Maria Jorge Couto Viana Lomba
Tradução de Joaquina Maria S. Marques Cadete
Colecção Série 15 — n.º 20

O HOMEM E O ÁTOMO
Frank Barnaby
Tradução de Ana Isabel Arruda, com revisão científica de Maria Fernanda Pinto
Colecção Biblioteca Ilustrada do Conhecimento Científico

15 AVENTURAS DO FAR-WEST
Textos adaptados por Yvonne Girault
Tradução de Raul Correia
Ilustrações de Giorges Pichard
Colecção Série 15 — n.º 19

OS TRÊS FLIBUSTEIROS
Michel de Saint Pierre
Tradução de Maria Guerne
Ilustrações de Henri Faivre
Colecção Biblioteca Infantil — n.º 21

TUFÃO E A RAPOSA
Louise Bellocq
Tradução de António Leitão
Ilustrações de Romain Simon
Colecção Biblioteca Infantil — n.º 22

JORNAL DO FUNDÃO, EDITORA

ANTÓNIO VIEIRA
Fernando Luso Soares
Colecção Cena Actual — n.º 6

LIVROS DO BRASIL

A FONÉTICA
Bertil Malmberg
Tradução de Oliveira Figueiredo
Colecção Vida e Cultura — n.º 49

BUSCA NOS CÉUS
Frederick Pohl e C. M. Kornbluth
Tradução de Eurico Fonseca
Colecção Argonauta — n.º 189

MORAES EDITORES

UMA PERSPECTIVA SOBRE PORTUGAL
Francisco Sarsfield Cabral
Colecção Hoje e Amanhã

PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA

A MENOPAUSA
Lionel Gendron
Tradução de J. Fonseca
Colecção Biblioteca do Homem e da Mulher — n.º 20

HISTÓRIA DA PINTURA
Luc Benoist
Tradução de Hermano Neves
Colecção Saber — n.º 71

AS ACTIVIDADES DO INSTITUTO ALEMÃO EM MARÇO

5.ª feira, 1/3 18.30 h.	Em colaboração com a Juventude Musical Portuguesa no cine-teatro «Tivoli»: O COLLEGIUM VOCALE DE COLÓNIA canta obras de Karlheinz Stockhausen (n. 1928), Georg Kröll (n. 1934), e Mesias Maiguashca (n. 1938) Gaby Rodens e Dagmar von Biel, sopranos Helga Hamm-Albrecht, meio-soprano Wolfgang Fromme e Karl O. Barkey, tenores Hans-Alderich Billing, baixo Na mesa de mistura: Mesias Maiguashca (Bilhetes grátis à entrada do «Tivoli»)
	CICLO DE CONFERÊNCIAS SOBRE FUTUROLOGIA (em alemão, com tradução simultânea)
6.ª feira, 2/3 18.30 h.	Prof. Dr. Georg Nees da Universidade de Erlangen-Nürnberg: «Emergência, complexidade técnica e as possibilidades da futurologia»
6.ª feira, 9/3 18.30 h.	Prof. Dr. Hartmut Bossel do Instituto Técnico Fraunhofer para Técnicas de Sistemas e Investigação de Novas Técnicas, de Karlsruhe: «O futuro — a arte de não sucumbir ao crescimento»
2.ª feira, 12/3 18.30 h.	Prof. Dr. Wolfgang Wieser, catedrático de Zoofisiologia na Universidade de Innsbruck: «Estratégias biológicas frente ao futuro»
2.ª feira, 26/3 18.30 h.	Eng. Rogério Martins, Vice-Governador do Banco Fomento Nacional, em português: «A nova sociedade»
	———
6.ª feira, 16/3 11.00 h.	Em colaboração com a Universidade de Lisboa, na Faculdade de Letras, em alemão: Conferência do Prof. Dr. Bruno Hillebrand, na Universidade Johannes Gutenberg, de Mogúncia: «A poesia do expressionismo: revolução e efeito»
	SEMANA DE CINEMA
2.ª feira, 19/3 18.30 h. 21.30 h.	«Malatesta» Realizador: Peter Lilienthal Com Eddi Constantine, Christine Noonan (1970, cor, 81 min., legendas espanholas)
4.ª feira, 21/3 18.30 h. 21.30 h.	«Woyceck» Encenação para a televisão por Rudolf Noelte, segundo o drama de Georg Büchner Com Hans-Christian Blech, Maria Emo (1967, preto/branco, 97 min., alemão)
6.ª feira, 23/3 18.30 h. 21.30 h.	«A crónica de Anna Magdalena Bach» Realizador: Jean Marie Straub Com o cravista Gustav Leonhardt (1967, preto/branco, 90 min., legendas inglesas)
	———
4.ª feira, 28/3 11.00 h.	Em colaboração com a Universidade de Lisboa, na Faculdade de Lisboa, em português: Conferência do Prof. Dr. Georg Rudolf Lind da Universidade Ruhr, de Bochum: «O conflito entre a arte e o poder na obra de Siegfried Lenz» Sessão de cinema:
6.ª feira, 30/3 18.30 h. 21.30 h.	«Lockende Wildnis» — «Apelo da Natureza Selvagem» Filme sobre a fauna do continente norte-americano e do Árctico Realizador: Heinz Sielmann (1969, cor, 94 min., legendas espanholas)

NOTA

Quando não especificado, todas as actuações se realizam no Instituto.
Entrada livre.

Noticiario editorial

● LIVROS DE BRASIL

— Ao publicar a presente obra, da autoria de um dos especialistas de maior nomeada neste domínio, professor da Universidade de Lund (Suécia), a editorial «Livros do Brasil» pretende colocar ao alcance do leitor português um livro básico revisto e acrescentado pelo autor em atenção ao público do nosso País. A FONETICA, de Bertil Malmberg, poderá vir a tornar-se um valioso instrumento e precioso auxiliar para interessados nesta matéria ou para aqueles que desejam compreender, de maneira mais profunda e completaos fenómenos da linguagem artificulada.

No momento em que o problema da comunicação apresenta especial acuidade e concita as atenções gerais, esta obra reveste-se de interesse particular e irá, porventura, despertar a atenção de camadas de público mais vastas, sempre atentas aos problemas da mensagem e da comunicação, no mundo de hoje.

— Havia qualquer coisa errada no planeta de Halsey. Qualquer coisa terrível, mas indefinida. Uma espécie de fadiga mortal e de apodrecimento. Ross sentia-a. Queria fugir dali. Procurar outros horizontes.

Foi então que surgiu, vinda da Terra, uma nave interstelar. Ao ver os descendentes da tripulação original, ao ouvir as histórias por eles contadas, ao fim de uma viagem que demorara séculos, Ross sentiu que tinha de partir — imediatamente!

. Porque os outros mundos povoados por colonos idos da Terra não tinham respondido aos sinais da nave interstelar. Talvez a decadência que se respirava em Halsey os tivesse atingido. Seria uma missão difícil, longa e perigosa. Mas havia que procurar a solução do mistério.

Eis o tema do «Busca nos Céus», uma das obras mais célebres de Frederik Pohl e C.M. Kornbluth, que a editorial «Livros do Brasil» acaba de lançar na sua colecção «Argonauta», de Ficção Científica.

«Sátira escrita na grande tradição deste género» — escreveu a propósito deste romance, o crítico do **New York Herald Tribune**.

● PUBLICAÇÕES DOM QUIXOTE

— «As Grandes Religiões», de Joseph Gaer. De uma forma simples, instrutiva e aliciante o autor reconstitui a vida e o pensamento dos condutores espirituais que fundaram as principais religiões da história. Buda, Jesus, Zoroastro, Confúcio, Maomé, Lutero, etc. E fazendo a história comparada das várias religiões, expondo as diferenças e as semelhanças, Joseph Gaer mostra claramente a existência de um princípio básico comum a todas elas: o espírito de paz e de solidariedade humana.

— «Dicionário de Pedagogia», de Mauro Laeng. Publicações Dom Quixote prossegue na edição de dicionários; depois do **Dicionário de Política** e do **Dicionário de Economia, agora este Dicionário de Pedagogia** assinado por Mauro Laeng, qualificado professor da cadeira de Pedagogia Comparada da Universidade de Roma. A obra que apresentamos agora aos educadores e estudiosos portugueses foi elaborada com base num anterior **Vocabulário de Pedagogia** publicado pelo autor, em fascículos, na especializada revista **A Escola Italiana Moderna**. Este facto permitiu ao Prof. Mauro Laeng testar o seu trabalho, ampliá-lo e revê-lo, o que explica parcialmente a extraordinária aceitação que a obra tem obtido. O primeiro objectivo do **Dicionário de Pedagogia** é actualizar o educador, proporcionar-lhe os instrumentos que permitam uma actualização permanente. As **entradas** foram planificadas e os textos respectivos elaborados de modo a abranger sistematicamente todo o património conceptual da pedagogia e das outras ciências humanas com ela relacionadas: da filosofia à psicologia passando pela sociologia. Cada uma das **entradas** — que começa sempre por uma definição rigorosa posteriormente desenvolvida e termina pelo traçar da evolução histórica de cada termo — remete para as que com ela se relacionam, sendo todas elas imediatamente localizáveis pelo leitor através de um exaustivo e utilíssimo indíce analítico.

● PORTUGÁLIA EDITORA

— Brigitte, Mulher Moderna» e «Brigitte e os Corações Felizes», de Berthe Bernage, são reedições da famosa série «Brigitte», um conjunto de romances habilmente construídos, através dos quais desfila uma variada galeria humana e em cujos movimentados enredos predominam os temas do quotidiano.

PARA UMA PRÁTICA CRISTÃ DA POLÍTICA

«É cada vez maior o número de cristãos que ambicionam viver a fé num contexto político e a política num contexto de fé»

Colecção Hoje e Amanhã, n.º 2 15$00 Edição TELOS Porto
Distribuição MULTINOVA Av. Santa Joana Princesa, 12-E Lisboa 5
À VENDA EM TODO O PAÍS

FEIRA DE MOEDAS DE TOMAR

Sábado, 3 de Março de 1973
das 18 às 23 horas
Informações pelos telefones
32676 e 32827

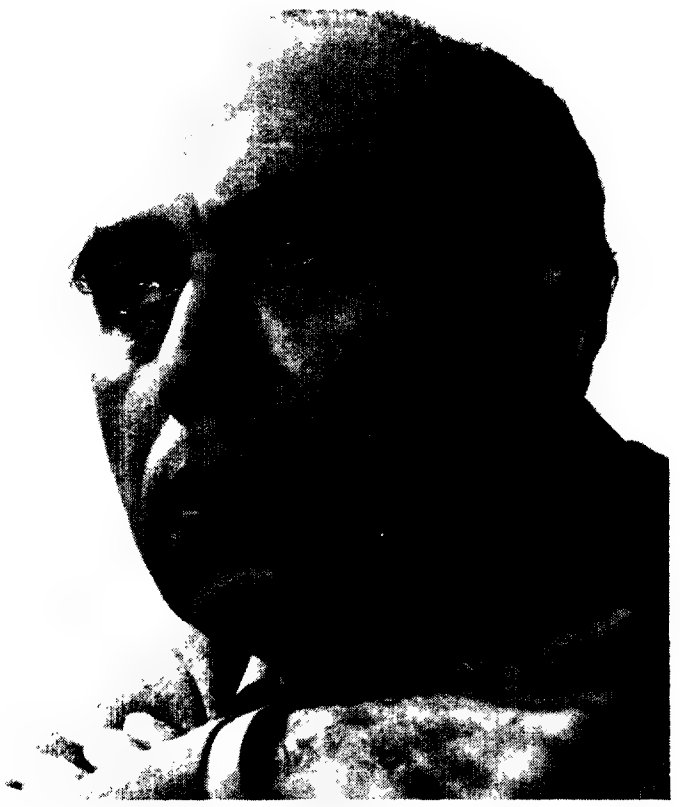
COMO TRABALHAM OS NOSSOS ESCRITORES?

FERNANDO NAMORA:

"O papel do intelectual terá sido sempre o de testemunhar uma consciência colectiva"

ENTREVISTA CONDUZIDA POR JOSUÉ DA SILVA

Fernando Namora. Um nome que dispensaria qualquer formula de introito. Dizemos um nome, com a perfeita consciência daquilo que um nome é quando tem atrás dele alguma coisa que muito bem o destaca e confirma. Que o substancia. A obra de Namora, do escritor Fernando Namora, não necessita de encómios. Segura de si mesma, fixada já no espaço e no tempo, não foi por mero acaso que se afirmou, primeiro entre nós e, depois, no estrangeiro. Ao pegarmos em «Minas de S. Francisco», em «O Trigo e o Joio», em «O Homem Disfarçado» ou na maior parte dos seus outros livros, não nos será difícil apercebermo-nos do que motiva a adesão do leitor: a espantosa comunicabilidade da obra de Namora, conseguida através de um humanismo que nunca se desmente, que incomoda, que mexe no íntimo de quem com ela contacta e que põe em relevo a dificuldade de uma perfeita harmonia entre o homem e a instituição.



Fernando Namora.

Namora fala connosco e não se descobre nele, assim face a face, a centelha que o colocou entre os maiores romancistas da nossa terra. Podíamos confundi-lo com algum dos personagens de «Fogo na noite escura» ou, pelo menos, ver nele um «joão-semana» de «Retalhos da vida de um médico».

Como trabalha Namora? Que pensa ele de si e dos outros? E aqui que a nossa entrevista começa:

. __ Tem algum método de trabalho?

. Olha-nos de frente, este homem de estatura meã e de olhar rápido.

Se se entende por método uma certa regularidade na tarefa literária, poderei responder pela afirmativa. Sem dúvida que existem fases mais propícias à criação, em que se conjugam estimuladoramente alguns dos factores que nela interferem, mas suponho que o labor intelectual, como qualquer outro, também se disciplina. Um escritor, em suma, pelo hábito, pela perseverança, por uma vigilante auto crítica, pode adestrar os seus **instrumentos de comunicação desde que lhes dê uso __ mas não um uso facilitador. Aliás, quanto a mim, nada deve ser ou parecer fácil e nada, também, deve ser ou parecer desalentadoramente penoso. A criação tem de partir de um desafio,** desafio que pareça exceder-nos, mas igualmente da **confiança na capacidade de lhe dar resposta.**

Todavia, quando me referi a «regularidade», talvez fosse preferível chamar-lhe «ritmo», que é uma espécie de conciliação entre o ardor e os obstáculos encontrados; e é esse ritmo que muito depende da assiduidade posta no trabalho _ conquanto a esse exercício escapem, e devem escapar, os **frémitos, as torrentes, os clarões específicos do acto criador.**

_ Fixa a si mesmo um horário?

_ **Não conseguiria impor-me um horário. Sou, simultâneamente, um homem ordenado e um homem que nunca aceitou tutelas. O que tem acontecido,** por vezes, obrigar-me ao **cumprimento de uma tarefa num determinado** prazo, **para que não se desperdice a intensidade das lembranças ou das emoções em que essa tarefa se baseará. Foi o caso,** por **exemplo, de «Diálogo em Setembro».**

__ Obedece ou cumpre conscientemente qualquer «ritual» que considere propiciatório do trabalho?

. __ **Sim, creio que podemos falar em «ritual», já que a vida,** quer nos gestos quotidianos, quer nos gestos incomuns, **é uma sucessão de actos formalizados, mesmo que não demos** por **isso: as tais próteses sociais (e individuais) que nos põem em relação e nos defendem da insegurança. Portanto, é de supor que também o meu trabalho se influencie** por um certo cerimonial, ainda **que não saiba dizer exactamente em que consiste. Mas esses ritos têm que ver com as épocas da vida, ou seja, com a maior ou menor adaptabilidade às circunstâncias. A idade é selectiva. Começamos** por escrever no café, **terminamos numa redoma de silêncio. Começamos** por dispensar um **«ambiente», terminamos** por **considerá-lo imprescindível. E isto tanto pelo que respeita as ninharias (a escolha da caneta, da tinta, do papel) como o enquadramento físico e humano (uma certa paisagem, o Verão ou o Inverno, as pessoas que nos rodeiam, etc.). Não obstante, acontece (tem-me acontecido) ser também incitado por um «clima» adverso. Ao longo da vida, sempre me senti em antagonismo com o meio, fosse ele qual fosse, embora essa inconformidade se pague por um duro desgaste. Até que se chega a um ponto limite, a partir do qual tudo pode suceder. Julgo ter sido essa a ideia sugerida** por **James Baldwin, no livro em que nos descreve as suas agruras e as suas marés de escritor.**

__Emenda, reescreve, ou fixa-se na forma inicial? Por outras palavras: é um «elaborador» ou um «impulsivo»?

. __ **Discordo um tanto do modo como a pergunta foi sistematizada. Um escritor «impulsivo» não é necessariamente aquele que se fixa na forma inicial. O escritor pode ser impulsivo e, no entanto, sujeitar depois essa impulsividade a um paciente trabalho de afinação. Por outro lado, há livros que se escrevem quase de rajada e outros que exigem uma feitura laboriosa. No meu caso, e abstraíndo,** por **conseguinte, do modo como certos temas actuam sobre o escritor, tenho evoluído acentuadamente** para **um trabalho reflectido. Reescrevo quase tudo. As vezes que entenda necessárias.**

__ Considera que «progrediu» desde que começou a escrever?

. __ **Há virtudes da primeira fase que se perdem e outras que se adquirem com a experiência. Um homem faz-se fazendo __ tem-se dito com propriedade. Não sou uma excepção a essa regra.**

__ O que sente quando lê um dos seus primeiros livros?

. __ **Umas vezes, surpresa; outras, um misto de melancolia e de desapontamento.**

__ Pôs alguma vez a si próprio o enfrentamento com as «três estações» do criador? A **primavera** ou força inicial, em que há um certo estonteamento e o caminho é inseguro, o **verão,** com a plena pujança que leva o criador a agarrar-se às coisas antropofàgicamente, o **outono,** em que se pensa mais do que se trabalha, em que começamos a copiar-nos a nós próprios e o triste **inverno,** cheio de incapacidades e de fastio pela criação? Em que **estação** pensa que se encontra agora?

. __ **Aceito que, em teoria, se possam balizar essas quatro estações num escritor; no entanto, as coisas, de um modo geral, não são assim tão simplificáveis. É que não devemos pôr de lado uma verificação importante na maioria das obras literárias: os ciclos a que elas obedeceram, sem que esses ciclos correspondam às diferentes quadras da vida. Isso está estudado,** por **exemplo em Goethe. Assim, há ciclos «primaveris»** paradoxalmente **assinalados** por **fastio e incapacidade, e há ciclos «outoniços» em que a criação se mostra explosiva, insaciada, indomável. Além disso, não podemos esquecer que o escritor é o homem, um homem melindroso, vibrátil, e que este está exposto a um clima psicológico «reaccional», ora depressivo, ora euforizante. Aliás, a vida é ritmo. E cada época, à escala individual e colectiva, tem o seu. Como os países, como as civilizações. Por isso, cada escritor é, entre outros elementos singularizadores, caracterizável** por **um ritmo, e o mesmo se poderá dizer de cada literatura.**

__ Que é para si o público? O respeito que lhe tem dirige-se a uma entidade concreta, ao seu vizinho do lado, ao homem que encontra na rua a ler um livro seu (já agora gostaríamos de saber o que se passa consigo quando isso lhe acontece), aos que você vê todos os dias a correr para o autocarro, a deixarem-se esmagar pelos automóveis ou pela prepotência que nos cerca, ou, pelo contrário, o público surge-lhe como um magma onde os seus livros se perdem (ou se ganham), mas em que você não distingue nenhuma **classe** de leitores, nem qualquer verdadeiro sentimento afectivo?

. __ **Creio que todo o escritor, mesmo aquele, como eu, que não escreve para «agradar», terá sentido, uma vez por outra, curiosidade por identificar os seus leitores __ até porque, sendo a arte comunicabilidade (pois de contrário seria uma expressão privada), talvez fosse útil que esse seu carácter dialogante, tanto como a sua vocação fraternizadora, pudessem ser, dentro do possível, objectiváveis. Essa identificação esclareceria o escritor sobre o verdadeiro significado e sobre a validade do seu testemunho, já que uma obra reflecte uma experiência de muitos homens através daquilo que a particulariza: uma visão e uma linguagem pessoais __ as do escritor. Mas tal singularidade de modo algum a aparta do convívio daqueles que nela encontram concordâncias ou dissonâncias, daqueles, enfim, que nela se reconhecem, que nela captam,** por **vezes, a sua própria voz. O autêntico criador é sempre convincente. Faz amar o que ele ama, faz que a vida** por **ele recriada seja a vida de quem o lê, dá ao leitor a impressão (parafraseando um comentário de Angelo Rinaldi a um livro de Roland Barthes) de que ele próprio seria capaz de escrever assim.** __ E Fernando Namora acrescenta:

. **Mas aqui se põe, de novo, o debatido problema da lisibilidade de uma obra, quanto ao preconceito aristocratizante de que o génio é inacessível (foi-o em Stendhal, Camus, Malraux, Huxley, Soljenitsine?) e a mediocridade aliciadora e abordável. É o citado Barthes, decerto para escândalo de alguns, que vem agora afirmar que a categoria literária não pode nem deve ser sinónimo de «enfado», que, pelo contrário, o «prazer» dado por um texto é meritório, revolucionário, etc., etc.. Deste modo, a existência de um público (feio palavrão...)** passa de novo a importar **como parâmetro estimável, uma vez que esse público, se existe, é porque a obra, feita de dores e esperanças comuns, feita de consonâncias e dissonâncias com o seu tempo, possui as virtudes a que deveria aspirar.**

Mas, dentre esse público abstracto, que público, verdadeiramente, será o significativo? E de que maneira poderá o escritor seleccioná-lo, «individualizá-lo», aperceber-lhe as reacções, como, por exemplo, acontece com o actor no face-a-face com uma plateia? Suponho que impossível.

Quanto ao pormenor do que sinto se calho encontrar um desconhecido com um livro meu: sinto-me desnudado.

__ Qual o papel do intelectual na sociedade e, em particular, na sociedade portuguesa?

. __ **O papel do intelectual terá sido sempre o de testemunhar uma consciência** colectiva através de uma **consciência individual. Daí, que as diferentes literaturas, para além das suas afinidades, que traduzem um denominador comum num certo período histórico, se destrincem pelo que reflectem de circunstâncias próprias de uma ambiência, de um contexto, de uma situação. Sendo o contexto português hoje muito marcado, creio que esse papel revelador e interferente do intelectual terá de ser mais nítido, embora se assista a muitos sinais do seu desfasamento com a realidade.**

__ Que é, para si, o escritor «comprometido»?

. __ **Naturalmente sob opiniões divergentes, continua a discutir-se o «comprometimento» do escritor. Ora, a meu ver,** persistem **mal-entendidos acerca do significado de um tal empenhamento. Não se trata de escrever** tendo como objectivo prestar **um serviço ou fazer prova de generosidade. Trata-se de um acto sentido, expressando um íntimo apelo:** trata-se, em suma, de **uma reacção a acontecimentos que determinam uma forma de estar no mundo, de inquirir, de participar** no que é real e vital. Há **quem sublinhe que os Gregos haviam conseguido fundir numa energia única a educação, a cultura e a vida. Talvez que o escritor comprometido seja afinal aquele que procura essa mesma harmonia e essa mesma veracidade de existência.**

ENQUANTO LÂMINA

Sair do alvéolo enquanto lâmina
enquanto rectidão destas cidades

Certezas? Só as que lavrem
fundo em campo branco
onde os ovos do medo já rebentem
e arda a escuridão

Não mais saber
(Ou antes: não mais
saber só por saber)

Sair da noite só enquanto lâmina
enquanto rigorosa solução

JOÃO RUI DE SOUSA

RUA MORAIS SOARES *

*

RUA MORAIS SOARES é o nome de uma artéria em Lisboa: precisamente onde hoje inaugurámos mais uma dependência.
Ali, como em mais de 170 outros locais onde estendemos a nossa acção directa, colaboraremos estreitamente com o público, para quem trabalhamos.

BANCO NACIONAL ULTRAMARINO
LISBOA · 1864

BANCO NACIONAL ULTRAMARINO

Tradicionalmente Moderno

LITOGRAFIA LDA.

ABSURDÍSSIMO

SANTOS FERNANDO

Julgo poder afirmar como verdade que o humor, tal como se manifesta nos grandes, muito grandes humoristas, não é mais que máscara de escritor sensível que, atrás do sorriso ou da gargalhada, expressa em quanto escreva, está bem longe da atitude, do modo de encarar a vida, habitualmente atribuída a quem dela se ri.

Muito riso, pouco siso, diz-se. Nada de mais falso quando no humorista existe a fraternidade, a generosidade pelos que, como ele, são homens. O seu riso é então crítica e crítica bem intencionada é o que só se dirige a quem não nos é indiferente.

Nenhum grande humorista foi indiferente à vida dos homens, nem ao que viu de errado durante o tempo que viveu, e porque ninguém verdadeiramente grande, quer abandonar este mundo sem deixar a sua assinatura no grande livro das reclamações de que, através de todas as idades, os homens de boa vontade, vêm enchendo páginas e páginas, também o humorista lá tem deixado belos trechos de crítica.

As páginas que ali escreveu Santos Fernando ficarão.

E ficarão porque neste seu Absurdíssimo a par da linguagem que na sua limpidez o caracteriza como bom escritor, figura também a amargura que se disfarça de humor e ironia, e só os grandes humoristas sentem e sabem exprimir.

Não dirige Santos Fernando a sua gargalhada a esta ou àquela classe, dirige-a ao absurdo que os tempos de hoje nos fazem viver. Porque não é absurdo este. **O que vale é que temos mais**, mesmo referindo-se à perda de filhos, num tempo em que só conta o muito ter. Será absurdo **E o chafariz cabe no jardim?** um chafariz sem água, numa terra sem nada, quando tanto se inaugura por aí, apenas como valor de símbolo de progresso, sem préstimo real? Serão absurdos **Válvulas à Bulhão Pato** ou **Uma sarjeta no roupeiro,** entre esta floresta tácnica em que vivemos e nos domina? Será absurdo este **Durma tranquilo**, quando existem tantas empresas que nos pretendem vender os seus serviços, toda a espécie de serviços e que mais nos incomodam do que nos servem? Será absurda no **Nunca se embriagou** a indignação de uma mulher por um homem que nem sequer uma vez chegou embriagado a casa, que em nada se distingiu? Não será isto o que vai acontecendo diàriamente num modo de viver que incessantemente tende para nos despersonalizar? Será absurdo **Um pássaro lá dentro**, quando tantas, tantas vezes, nos sentimos tão, tão vazios? Será absurdo **Mar, há ir e não ver**, com esta indústria de turismo que tanto incita a ver as belas regiões que lá acorre gente em multidões, em multidões que anulam as promessas feitas pelos prospectos das agências turísticas?

Santos Fernando

. Santos Fernando é um humorista inteligente, súbtil, capaz de abalar com a sua ironia este absurdo presente, pela consciência que deste absurdo sabe transmitir; e alguns dos seus contos como, por exemplo, **Fogo no coração** poderiam considerar-se como o seu direito a figurar entre os grandes humoristas universais.

E sem dúvida assim seria conhecido Santos Fernando se a nossa literatura fosse mais conhecida no mundo. Se...

Mas isto já seria um outro assunto.

FRANCO DE SOUSA

ENTRE A CORTINA E A VIDRAÇA

ALEXANDRE O'NEILL

Nenhuma opinião crítica, porque opinião, pode deixar de ser pessoal, logo subjectiva, se quiserem. Mas, porque crítica e destinada a «influenciar» (isto é, a exercer acção junto de) o público leitor, deverá afastar-se, o mais possível, de reflectir emoções. Reside aqui, parece-me, a dificuldade maior da análise literária: não ser emocional.

A verdade, porém, é que difícilmente se poderá pôr de lado, em absoluto, tal tentação. O crítico é, como os outros, um leitor — e não decerto um juiz. Mas terá de ser forçosamente, um leitor atento.

Passemos ao caso de Alexandre O'Neill. Ele é, ele tem sido ao longo dos anos, um dos meuus autores preferidos, o que significa que o leio sempre com enorme prazer. E tenho procurado, tanto quanto possível, acompanhá-lo e, naturalmente, julgá-lo (a sós comigo ou em rodas de amigos, é claro). Oferece-se-me agora, por dever de ofício, a primeira oportunidade de falar dele para toda a gente.

. De «A Ampola Miraculosa», publicada em 1948 (ainda eu nem sabia ler) a este «Entre a Cortina e a Vidraça» (agora lançado pela Estúdios Cor, na sua colecção «Auditorium»), qual o percurso de Alexandre O'Neill? Resposta difícil. Mas é inegável que pode ser achega para ela o facto de se dizer tratar-se de alguém que jamais recusou a pesquisa, que jamais alienou a imaginação, que sempre através delas procurou intervir.

Claro que o risco de O'Neill é grande: ele joga sempre naquela corda bamba donde fàcilmente se resvala para o lugar-comum. E não será este, até, o menor dos seus méritos: tratando os temas aparentemente banais da vida do dia-a-dia, saber, através deles, dar o salto. Esse salto que só podem (só sabem) dar os que detêm o segredo do talento. Que em Alexandre O'Neill é incontestável.

Daí que «Entre a Cortina e a Vidraça» (espaço apertado de onde o poeta vê o mundo, impiedosamente o julga, o «desimportantiza») não seja um livro surpreendente: o caminho percorrido pelo autor haveria forçosamente de trazê-lo aqui.

OPINIÕES CRÍTICAS

E não cuido de mais. Dispenso-me de comentar o disco, sobretudo o desnecessário discurso da sua face A, em que O'Neill, por seu lado se dispensa de muitas coisas..

TORQUATO DA LUZ

OS REINEGROS

ALVES REDOL

. «Reinegros» — diz-nos a nota do editor — é uma obra que se publica pela primeira vez e só três anos após a morte do autor».

«Deixar sepultado no olvido — diz ainda a mesma nota — um romance, que o próprio autor considerava importante, seria cometer uma injustiça para com uma das figuras cimeiras das nossas letras e privar a história da literatura portuguesa de uma obra sem a qual ficaria menos rica».

Se inicio esta apreciação crítica citando trechos desta nota do editor, é por me parecer necessário, antes de dar a minha opinião crítica de **Os Reinegros**, falar de Alves Redol como escritor.

E começarei por dizer, sem que a minha afirmação nada tenha de menos apreço, de menos admiração, de menos respeito por aquele que foi Alves Redol, que nunca o considerei como um grande escritor.

E digo-o por saber que neste «grande» com que o qualificam intervieram factores que são alheios à literatura em si mesma.

Alves Redol introduziu entre nós o neo-realismo e eis o factor decisivo para fazer de Redol aquele que foi.

Na história da literatura portuguesa, como aliás na de qualquer outra, pelas biografias dos grandes escritores, verificamos que nenhum deles deixou de intervir, de marcar presença, desta ou daquela maneira, nas épocas em que suas vidas decorreram. Todos se bateram, com a arma que melhor sabiam empunhar, por ideias de justiça e de fraternidade. E não foram poucos os que sofreram represálias, perda de liberdade e até a morte, pelas obras que publicaram, pelo que afirmavam em palavra escrita.

Com Alves Redol, a literatura toma posição, ganha como que um outro nível de consciência, decide-se a escolher o seu campo entre forças em luta, compromete-se, submete-se a deveres que até ali não aceitara.

Alves Redol — desculpem-me a imagem — entra na manifestação e na sua vanguarda, entre os porta-estandartes de instituições, ergue o seu, o de uma literatura militante, que de futuro se empenhará na mesma luta.

Mas esta luta força a atacar a parte inimiga, força a defender o campo aliado, e o neo-realismo, logo de início, se caracteriza nos seus romances, no trabalhar das figuras, por alguma coisa de semelhante ao juízo final: para um lado, os justos; para outro, os danados.

As figuras perdiam assim densidade humana, já não eram verdadeiros homens, já não eram autênticas mulheres, eram delineados de acordo com palavras de ordem de ideologia, eram o que a ideologia considerava que deviam ser. Não se retrata a vida como ela é na verdade, complexa, rica, mas apenas aspectos, os que melhor sirvam o ardor combativo dos que se batem. O inimigo é pois enegrecido, desfigurado, apontado como alvo a abater e quem contra ele luta é sublimado, apontado como exemplo, como símbolo, como clarim com toque às armas.

Isto, porém, não é literatura.

O segundo factor que faz de Redol aquele que foi e ainda é como escritor — aliás consequência do primeiro — está em que esta mesma oposição de bons e de maus, que caracterizou a obra de Redol, se projecta sobre os escritores. E assim, bons serão os que tomaram tal posição e maus os que a não tomaram. Daqui resulta que quem tomou a atitude desejada por um dos exércitos em luta tem certamente o apoio, os elogios, a popularidade daqueles que o reconhecem como aliado.

Mas, também aqui, este apoio, estes elogios, esta popularidade não implicam fatalmente a grandeza de um escritor.

Aliás, o próprio Redol, a dado momento da sua vida, de tudo isto teve consciência e,

Alves Redol

sem que a autocrítica da sua obra significasse mudança de campo, quis ser mais escritor do que fora até então. E deste olhar para o caminho percorrido nasceu **Barranco de Cegos**, romance que, esse sim, já merece o qualitativo de grande.

Mas já é tempo de apreciar criticamente, ainda que de maneira breve, este romance póstumo, **Os Reinegros**.

E de novo me vou referir à nota do editor.

Não, não acredito que Redol ainda considerasse este romance como importante. E obra com as características da fase anterior a **Barranco de Cegos**, que Redol de certo considerava ultrapassada e cuja edição já não o interessava.

Ou se o interessava, se ainda lhe via actualidade, seria por o situar nos tempos de passagem da monarquia para a república, onde se encontrava, assim o creio, todo o valor do romance.

Porque, quanto às figuras, lá vamos encontrar novamente as boas e as más: o Alfredo Reinegro, a Júlia, sua companheira — boas; o sr. Almeida, o patrão, — mau — etc.

E, não o nego, um livro que merece leitura. Foi escrito por um homem corajoso, que escolheu o seu combate, que se bateu e, pela vida fora, manteve coerência entre as suas ideias e as suas atitudes, o que por si só já o tornaria merecedor da nossa admiração e respeito.

Foi também um escritor, que teve incontestáveis méritos, mas que, repito-o, não foi grande.

E palavras como «figura cimeira das nossas letras» ou tantos outros eloquentes elogios que lhe têm sido dirigidos, hoje, três anos depois da sua morte, soam-me mais como oração fúnebre ou promoção de vendas que como verdades que devam ser ditas.

De resto, o tempo, na sua eira, o há-de demonstrar, fazendo voar a palha, para que só fique o grão.

FRANCO DE SOUSA

AGOSTO CATORZE

ALEXANDRE SOLJENITZINE

. Após as traduções de **O pavilhão dos cancerosos. Um dia na vida de Ivan Denisovitch** e o **Primeiro círculo**, o Ocidente conhece agora a última obra do Prémio Nobel russo.

E uma vez mais a obra e a vida do escritor surgem nas páginas dos jornais ocidentais como um alibi às mais diversas «profissions de foi», escamoteando-se indecentemente o valor literário em proveito das mil e uma divagações e elucubrações de uma certa imprensa, para a qual o nome (e a obra) do escritor russo é pretexto para as mais variadas e incongruentes tergiversações «lítero-canonicas». Num relento de guerra fria esfriada e com alvéolos de bolor nos rebordos da caçarola de barro...

E no entanto a obra de Alexandre Soljenitsine merece mais e melhor. Digna de uma análise mais séria e menos «politizada» do que aquilo a que a reduziram magazines com um esqueleto do género **L' Express** e outros **Nouvelles Litéraires** para os quais objectividade e espírito crítico são sinónimos de **parti-pris** e de **parti tout court**. O que nos faz pensar na posição exemplar de Louis Aragon e de Pierre Daix neste contexto de «verborreia» trágico-cómica, motivo, entre outros, da supressão do seu orgão crítico **Les Letres Francaises**, fundado em 1942, durante a ocupação alemã, e que valerá a Jacques Decour a pena de morte (fuzilado pelos nazis em 1942).

Noventa por cento da **crítica** ocidental tem feito da obra de Alexandre Soljenitsine pretexto para tudo, preferindo-se o livre curso da imaginação sobre as condições de vida do escritor no seu país ao estudo analítico dos seus livros. «Agosto Catorze» não pôde abrir excepção nesta regra monástica das capelas e conventos da burroliteratice: direitas e «esquerdas» de mãos postas, unidas, levantadas ao nível dos olhos do leitor como um credo orquestrado pela mesma batuta. A obra cede o lugar ao homem, a opinião e o compromisso sacodem a literatura e a objectividade das suas colunas. Um chorrilho de lágrimas... de crocodilo. Uma antologia da hipocrisia e do cinismo estatelados sem vergonha.

Abre-se o livro. E a leitura das primeiras páginas fica invariavelmente influenciada pelos ecos da gratuidade espalhada aos quatro ventos da vida literária. Até que o livro nos possui e nos penetra, esquecidos enfim das «colagens» (arbitrárias) e das etiquetagens (ordinárias) que vão do «sub-Tolstoi» ao «super-Pasternak»!

. Soljenitsine possui uma personalidade própria. E poderosa. Soljenitsine não carece (nem ele nem a sua obra) de se apoiar aos grandes nomes do passado. Soljenitsine é Soljenitsine e ficará nos anais da literatura russa como um dos maiores, ao lado (e não **sob** ou **sobre**) de Dostoievski, de Gorki e de tantos outros. A etiqueta de comparação é boa para as batatas de diferentes qualidades e origens, assim como para o café de segunda, de terceira e até de quarta, com feijão torrado à mistura ou não.

Posto isto, **Agosto Catorze** é o primeiro tomo de uma obra que o seu autor declara concluir após a publicação do vigésimo volume. Alexandre Soljenitsine reclama vinte anos de vida e de trabalho para erguer este monumento histórico consagrado às lutas do povo russo: do mês de Agosto de 1914 até aos nossos dias. E é porventura isto que inquieta... O primeiro degrau (ou primeira pedra) do projecto do escritor foi agora lançado na vala dos alicerces: narrativa minuciosa e ricamente documentada de uma epopeia que é uma anti-epopeia, o ataque do exército russo, em 1914, contra a Prússia oriental, sob os comandos dos generais Samsonov e Rennenkampf. Que termina com a sangrenta derrota das tropas de Nicolau II, esmagadas pela tenaz de ferro e de fogo dirigida pelo chefe do Estado-Maior alemão Hindenburg. Sob a indiferença das águas dos lagos mazúrios. Guerreiro e profeta (mas tão mau profeta como péssimo estratego), Samsonov «desculpa-se» uma vez mais com a indiferença divina, mas ousa desta vez vergar-se sob o peso da derrota e arcar com todas as responsabilidades. De joelhos, ora e suicida-se — símbolo desfeito de um exército em plena decomposição.

Múltipla e fecunda, a técnica literária de Soljenitsine oferece-se (e oferece-nos) capítulos de uma força rara: no detalhe das cenas e no desenho das personagens sem fim deste livro sem herói.

Começa então a retirada epopeica do colonel Vorotintsev numa desesperada tentativa de salvação dos sobreviventes. Pelas florestas da Prússia ensanguentada, como um condutor de rebanhos, mais preocupado com a vida do que com os preconceitos de salão... Um homem que não recuará diante das acusações, soldado destemido disposto s enfrentar os verdadeiros culpados do massacre do povo russo e da decadência eslava, gangrena a escorrer das alturas do trono...

Soljenitsine acompanha a narrativa desta «epopeia» de documentos oficiais extraídos do pó das bibliotecas. Que reproduz integralmente, numa autenticidade e de ineditismo.

Uma obra maior do maior escritor russo da sua geração. Banhado no lirismo e na ternura próprios a um escritor alistado na «luta contra a mentira». Desde sempre. E para sempre.

Fica a roer-nos a impaciência pelos dezanove volumes que hão-de vir e cujo segundo, na senda do primeiro, se debruçará sobre a aurora da Revolução de Outubro.

ALCIDES DE CAMPOS

SENSACIONAL...

Sofás cama - Tipo Belga	1800$00
Balanças - Casa de banho	150$00
Torradeiras	180$00
Frigoríficos 140, L.	1790$00
T. V. 2 canais	3390$00

FILIAL SUPERMANOS

ESTRADA DE BENFICA, 705

A IMPORTÂNCIA DA FUNÇÃO SOCIAL DA MÚSICA

● MÁRIO VIEIRA DE CARVALHO

Gustav Mahler, Sinfonia n.º4. Galina Vichnievskaia (soprano), Orquestra Filarmónica de Moscovo. Direcção: David Oistrakh. Melodia/Chant du Monde LDX-A 78411 (Grav. Univ.). Preço 188$50.

Chostakovitch, Sinfonia n.º 14, op. 135. Phyllis Curtin (soprano), Simon Estes (baixo), Orquestra de Filadélfia. Direcção: Eugene Ormandy. RCA Stereo LSB 5002. Preço: 157$50.

Quando se fala da função social da música, há que distinguir cuidadosamente os planos, para evitar equívocos que não aproveitam nem ao social nem ao musical. Entre nós esses equívocos estão ainda hoje bastante enraízados, como estiveram, de resto noutros países, onde entretanto as ideias a este respeito se foram clarificando cada vez mais. Colocando a questão em termos muito simples (ou muito esquemáticos, ou muito primários), digamos que certos sectores das camadas mais jovens sentem que sobre eles impende a responsabilidade duma determinada acção ideológica. Acontece que um poema e uma guitarra se lhes afiguram instrumentos adequados ao exercício duma tal acção, entre os muitos possíveis. Não é assim objectivo nosso, por agora, discutir a validade dessa acção, realizada por intermédio daqueles instrumentos. Entraríamos num domínio que sai do âmbito da nossa competência jornalística.

Que pretendemos, pois? Chamar a atenção, em primeiro lugar, para o facto de não estarmos aí perante um problema relativo à função social da música. O contributo desta é aí tão insignificante, tão subserviente, tão pobre, quando, pelo contrário, pensamos na música enquanto manifestação artística capaz de exprimir por si só «o estado de espírito dum momento histórico, dum povo, duma classe», que temos de reconhecer ser ela apenas um veículo — mais precisamente, um pretexto — para divulgar por esse país fora uma letra. O importante, o decisivo é, pois, o poema, a mensagem que através dele se pretende popularizar. E, se assim é, não pode a «balada» resultante da fusão entre texto e guitarra ser a pedra de toque da discussão dum problema como o da democratização da música. Nela o que funciona, o que actua é o texto.

Os textos podem ser de várias espécies. Artigos de jornais, ensaios, comentários políticos, anúncios, discursos, etc. tudo isso são textos, meios de comunicação, veículos de mensagens. Quando se faz literatura, ou poesia, entramos no domínio da intervenção estética, um tipo de intervenção que não se pode confundir com os anteriores. O escritor, o poeta insere-se no meio social como escritor ou como poeta e, enquanto tal, é através das suas obras literárias ou poéticas que intervém.

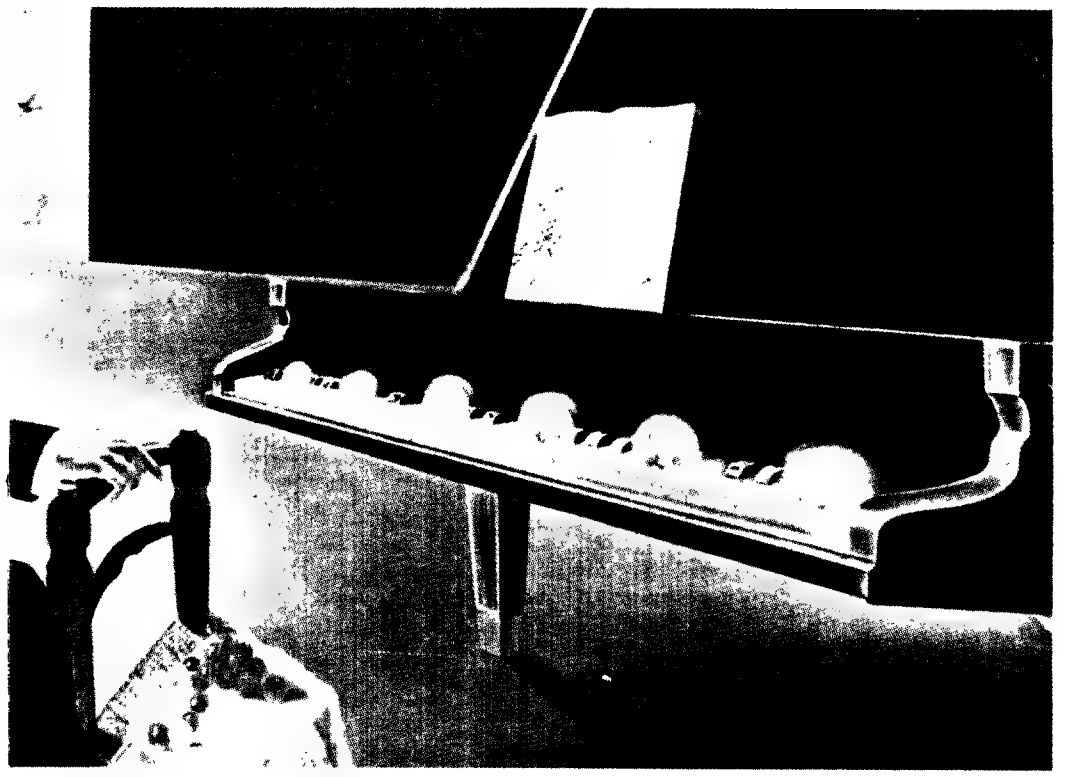
Mas a intervenção estética não é exclusiva da literatura. Há o cinema, há o teatro, há as artes plásticas, e — que diabo! — há a música. Todas estas artes têm a sua autonomia própria, potencialidades expressivas específicas (embora possam fundir-se umas com as outras).

Fixemo-nos na música. Assim como nem todos os textos são obras de arte literária ou poética, assim também há música que não pertence ao domínio do estético. E assim como não se pode democratizar a literatura e fomentar a sua função social, cometendo aos escritores a tarefa de escrever artigos de jornais e comtários políticos, em vez de romances ou poemas, assim também não se pode democratizar a música e fomentar a sua função social, convidando os músicos a abdicar da sua arte, sob pretexto de que o importante é **ùnicamente** declamar textos que levem as pessoas a tomar consciência dos seus problemas.

O interesse da balada é todo extra-musical e é isso que não se compreende entre nós quando se discute a questão da música séria e da música ligeira. A democratização da música e a função social da música não têm nada a ver com as baladas, por muito valiosas que estas sejam de outros pontos de vista. Por isso é que, como já dissemos noutra ocasião, pretender resolver os problemas da cultura musical no nosso país através das baladas é propugnar a liquidação dessa mesma cultura musical, é agir contra a democratização da música, contra a função social da música, é desprezar gravemente e mesmo combater o enorme contributo que a música, ao lado do cinema, do teatro, da literatura, da poesia, e das múltiplas formas não-estéticas de intervenção, pode dar para uma tomada de consciência colectiva.

A pedagogia e o didactismo não se podem substituir à arte nem tão pouco são os critérios a que esta se há-de subordinar. Finda a era dos equívocosjdanovistas, os dois discos que nos sugeriram todo este dilatado preâmbulo (vêm identificados acima) assinalam em certa medida o paulatino regresso à política artística dos anos vinte, inspirada por Lunatcharsky. No primeiro, David Oistrakh revela-se um chefe de orquestra que, pelo menos em Mahler, está à altura do violinista: a interpretação da Orquestra Filarmónica de Moscovo é admirável. Galina Vichnievskaia canta com sóbrio lirismo, inteiramente depojado dos maneirismos tão característicos por exemplo, da escola vienense, o ingénuo poema extraído da colectânea romântica «Das Knaben Wunderhorn» a que a música de Mahler, da mais bela que ele escreveu, dá um conteúdo novo.

Quanto à 14.ª Sinfonia de Chostakovitch constitui uma experiência serôdia de renovação de faculdades criadoras outrora voluntáriamente recalcadas. A obra baseia-se num encadeamento de poemas que se sucedem ininterruptamente. São todos de poetas estrangeiros, traduzidos para a língua russa: Federico Garcia Lorca, Apollinaire, Küchelbecker, Rainer Maria Rilke. À novidade da temática (novidade para Chostakovitch, o artista-criador) não corresponde a novidade da linguagem musical, que continua irremediàvelmente cristalizada nas fórmulas tonais, há muito abandonadas por compositores dos mais representativos do nosso tempo. Há uma evidente contradição entre o propósito de explorar as potencialidades expressivas dos pequenos conjuntos instrumentais (neste caso, constituído por cordas e percussão) — o que é inédito no sinfonismo de Chostakovitch — e a estrutura melódica, harmónica e rítmica da linguagem do compositor. De qualquer modo busca esta obra uma forma de intervenção estética que está já muito longe do simplismo demagógico



Salvador Dali: «A Aparição de Lenine»

CINEMA

A RAZÃO DO PRAZER

EDUARDO PRADO COELHO

...1. Que o leitor que se habituou a resenhas semanais da actualidade cinematográfica me perdoe uma vez ainda. Mil coisas e dias, rubrica onde se incluem os trabalhos polémicos, me têm impedido de conversar regularmente sobre o cinema que passa. Não como crítica, que exige outra dimensão de anáiise e escrita, mas como prometido discurso jornalístico, aberto à improvisação, ao desatino, ao capricho e à surpresa. Ficou para trás **O 4.º mandamento,** de Orson Welles, obra-prima onde o cinema se expõe em toda a diversidade do seu reportório estilístico (embora este filme não seja para mim um dos melhores do autor); ou ainda **Rendez-vous à Bray**, um pouco diminuído pela crítica segundo motivos que não alcancei por inteiro, e que andavam todos, ou quase, em torno da gratuitidade do fantástico **nesta obra**, como se essa gratuitidade não existisse nas obras anteriores (apesar de **O homem da cabeça rapada** ser francamente mais interessante), ou um discreto **Nas malhas da rede**, que mereceu a João Lopes (novo e inteligente crítico a trabalhar nas colunas da **República**) uma reserva que me pareceu excessiva, uma vez que este é certamente um dos filmes mais autênticos e **íntimos** (dimensão essencial) em relação à droga.

E neste momento, que resta? Em primeiro lugar, em **indiscutível** primeiro lugar, temos a obra completa de Jean Vigo. Se o leitor costuma exigir bom cinema, e vive nostálgico do que passa em Paris, tem absoluta obrigação de ver **e rever** os quatro filmes de Vigo agora em exibição. Só as pessoas que viajaram um pouco no mundo do cinema conhecem o nome de Jena Vigo. De resto, é uma personalidade pouco divulgada. Inquira-se nos meios literários, e veremos quantos reagem ao apelo do nome: raros certamente. Contudo, os quatro filmes de Vigo agora no Estúdio são de uma modernidade apavorante. E aqui o adjectivo, com a boca muito aberta, mais não faz do que gritar o transe que nos toma ao descobrirmos em Vigo o mais activo da nossa imaginação, o mais radical da nossa inteligência. A Vigo voltaremos na próxima semana, em texto deliberadamente mais didáctico.

E a seguir? O filme excepcional de Alain Tanner, **O último a rir**, certamente uma das obras politicamente mais lúcidas e extremas dos últimos tempos. Ao lado de Vigo, Tanner é o nome de hoje a não perder. Trabalho pedagógico, feito etapa por etapa, segundo um processo argumentativo perfeitamente claro e denunciado, **O último a rir** sabe também captar o indefinível das relações pessoais, e até que ponto essa indeterminação perturba o mecanismo político mais rigo-

Chamarei ainda a atenção para: **Que se passa, doutor?**, no Castil (e para o texto que outrro novo e oportuno críttico, F. Cabral Martins, lhe dedica em **Rádio e Televisão**); as reposições de Jerry Lewis, na sua obra-prima **As noites loucas do dr. Jerrvl**. e de Losev. com essa **Eva** demasiado sofisticada e decadente para suportar uma revisão com olhos de hoje; e temos **Amantes desconhecidos**, de Preminger, no Vox.

2. Postas as coisas em dia, queria falar-lhes de um livro que intervém no momento exacto. Não é obra sobre cinema, mas sobre o texto em geral, e nós sabemos como se pode falar em textos literários, textos musicais ou textos fílmicos. Trata-se de um pequeno livro de Roland Barthes com o título de **Le plaisir du texte**.

O que Barthes polemicamente nos traz é uma contribuição fundamental para o pensamento estético contemporâneo. Tal como **O Anti-Édipo** de Deleuze-Guattari abriu brechas na muralha filosófica que se erguia na ressaca pós-estruturalista, e abriu brechas como quem abre janelas, e deixou entrar a realidade e o canto do desejo com todo o seu furor milleriano, também **Le plaisir du texte** irrompe no tecido baço de muita crítica actual com uma violência inesperada. Nos dois gestos, a mesma sensação de retorno a algo cujo sentido se perdera; e mais: a mesma transgressão desembaraçada de todas as culpas.

Que anuncia **Le plaisir du texte?** A mediocridade (por vezes inteligentíssima) dos cientistas da literatura (como o foram com brilho alguns dos responsáveis da ex-tinta publicação **Crítica**) e dos ideológos da arte (como corajosamente o exemplificaram Vítor Ramos e os seus companheiros). A dupla mediocridade complementar.

Como se tece o texto de Barthes? Em blocos de escrita que flutuam segundo uma ordem que só o índice revela como calculada, e que pretende transpor para o leitor o ritmo livre de uma improvisação que não visa **nem a coerência, nem a sequência**. Ao pôr a questão: «que fruímos do texto?», Barthes demonstra razão táctica do prazer «contra as indiferenças da ciência e o puritanismo da análise ideológica». Mas a sua demonstração nada tem de lógica, porque segue as vias do próprio prazer que a conduz, e que é de ordem polémica e provocatória (e daí a sua força,e aparente vulnerabilidade).

Como resumir em poucas palavras o entusiasmo que deriva da leitura de um livro que ergue como uma lucidez implacável a rede de todas as questões essenciais da crítica literária actual? E de toda a crítica? Não sei. Resta um inventário escasso de algumas afirmações ou conceitos.

Assim, Barthes lembra-nos que a experiência do texto é a aceitação da contradição e a destruição dos mitos da coerência e da unidade. E que só se pode falar da escrita através da própria escrita, que é a única ciência possível do texto. Por outro lado, reflectindo sobre a modernidade, rejeita as obras que se pretendem situar inteiramente no **lado de cá** (da vanguarda ou do proletariado), e mostra como a verdadeira vanguarda vive entre duas margens (uma da tradição, outra da ruptura) e se articula no vazio da sua duplicidade. O que aproxima o prazer textual da perversão a que ele ìntimamente se associa, ao provar-se que o erótico se encena segundo um processo de aparição-desaparição, lá onde a pele cintila entre duas peças de vestuário, entre duas margens.

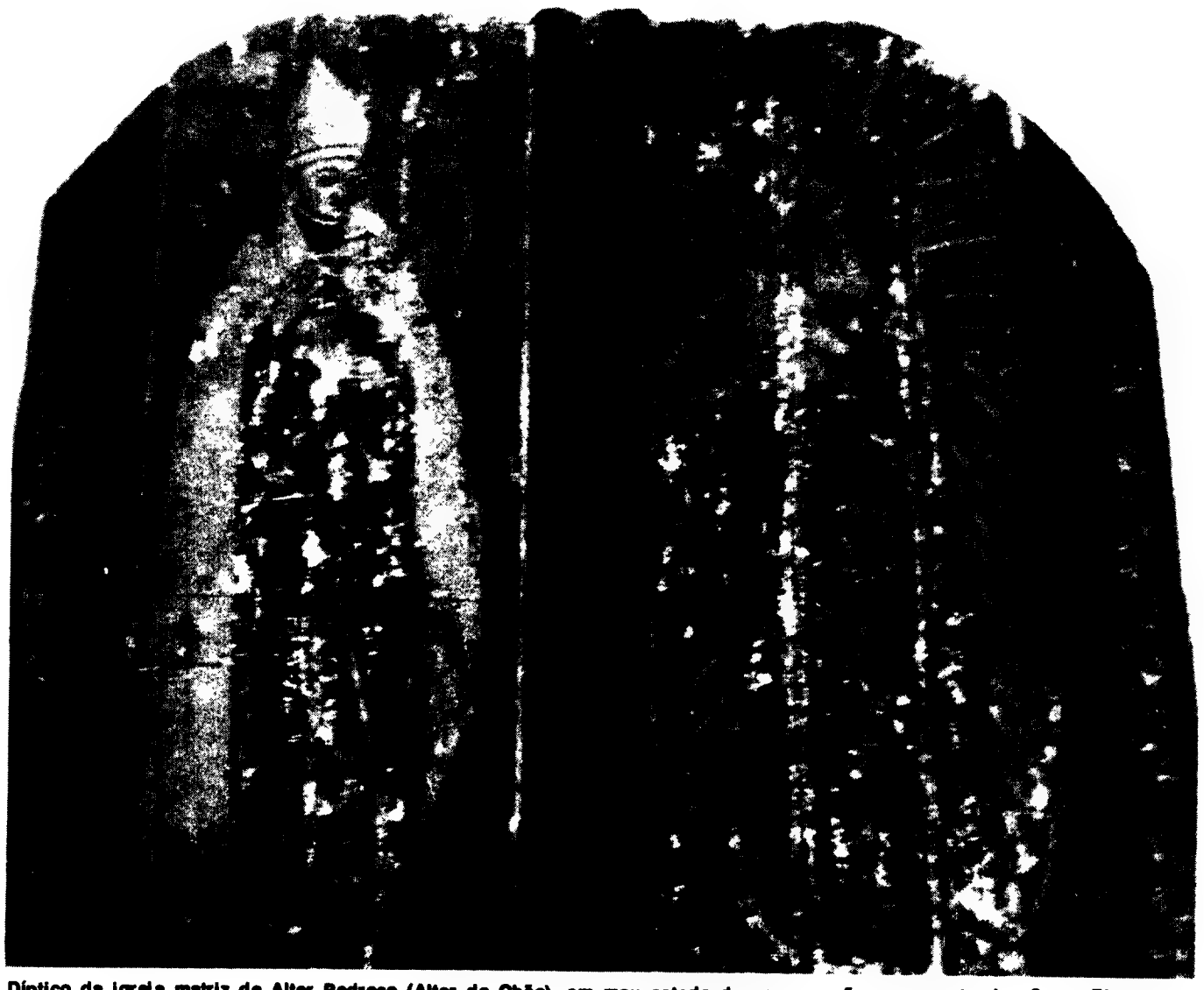
Analisa também a tradição cabotina que julga que o prazer é noção de direita, esquecendo Marx e Brecht. Salta depois sobre o falatório oco que muitos interminàvelmente desbobinam sobre arte e ideologia, para notar que o mundo da linguagem é muitas vezes um «conflito de paranóias», em que se formam sistemas que produzem como figura última a que fixa o adversário num vocábulo meio-científico meio-ético. Assim, segundo a vulgata marxista, todo o opositor o é por razões de classe (vimos o processo em recentes discussões); ou, segundo a vulgata psicanalítica, toda a denegação é confissão. Assim: «mal se diz uma palavra algures sobre o prazer do texto, logo estão dois polícias prontos a cair sobre nós: o polícia político e o polícia psicanalítico: futilidade e/ou culpabilidade, o prazer é ou ocioso ou inútil, é uma ideia de classe ou uma ilusão».

Como nota Barthes, uma teoria do texto (tal como a teoria das ideologias) tende a tornar-se uma sucessão mecânica de estereótipos que repetem uma «verdade» (científica ou de classe). A questão que a desloca, perturba e subverte, que, numa palavra, a restitui à radicalidade do seu projecto, é a inevitável e irredutível questão do prazer, que, na sua impertinência, impede todo o retorno do texto «à moral da verdade».

De cento e cinco páginas admiráveis e devastadoras, colhi apenas, ao acaso de uma releitura, meia-dúzia de pontos mais cortantes. Que o leitor se não detenha neste limiar tão pobre. **Le plaisir du texte** é, pela agitação que provocará, pelos comentários de aprovação céptica e moderadora que irão surgir, pelas inevitáveis imbecilidades que o irão acolhar, e pelas incalculáveis consequências que irá ter, **um dos textos essenciais do nosso tempo.**

do «Canto das Florestas».

Em disco ou ao vivo, música como esta de Mahler e Chostakovitch corre o país onde este último vive e trabalha em ordem a realizar o princípio segundo o qual (como diz Yuri Korev, no n.º 4 de 1972, da revista «O Mundo da Música») «tarefa essencial da nova sociedade é tornar tudo acessível a todos, nomeadamente a riqueza cultural e artística produzida pela humanidade desde os primórdios da sua existência». Tarefa tão importante que pode levar uma das melhores orquestras sinfónicas do mundo a dar concertos num cais de embarque fluvial algures nas estepes da Ásia Central, com um serviço de helicópteros montado para trazer até ela milhares de pessoas dispersas por uma imensa zona de fraca densidade populacional, que não pode ter a sua própria orquestra sinfónica (e a televisão não substitui a comunhão colectiva dum concerto em directo). Quem havia de dizer que a democratização da cultura musical e a função social da música — da música! — eram tão importantes!...



Díptico da igreja matriz de Alter Pedroso (Alter do Chão), em mau estado de conservação, representando «Santo Bispo» e «A Virgem e o Menino». Data, provàvelmente, do final do século XV.

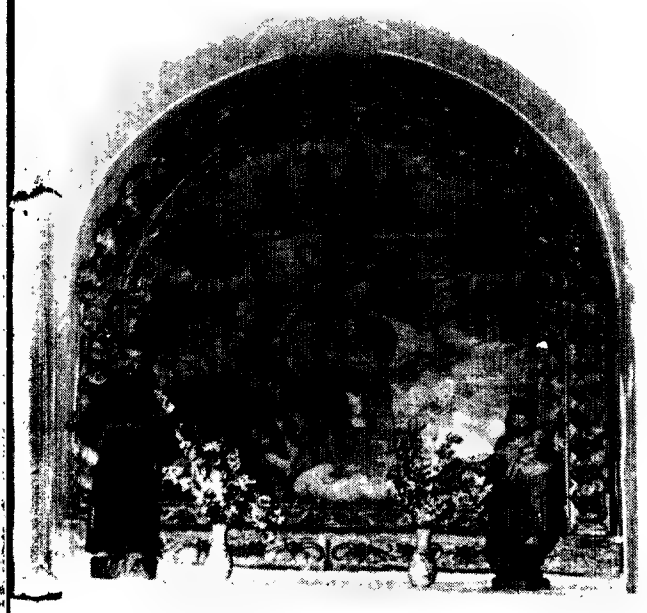
O PRIMITIVO DÍPTICO DA IGREJA DE ALTER PEDROSO

. . Já por várias vezes me tenho publicamente queixado, com profunda e sincera amargura, do abandono e desinteresse a que tem sido votados, invariàvelmente, os objectos do nosso património artístico — já de si limitado em números e valores. No que diz respeito à antiga pintura portuguesa, capítulo sobre o qual têm fundamentalmente incidido os meus estudos, junta-se, à falta (grave) de um arrolamento exaustivo de peças a nível nacional, toda uma série de factores negativistas: rapinas, vendas ao desbarato, destruição de quadros, etc.

Por mim, tenho tentado catalogar e examinar todo um espólio, felizmente ainda numeroso, de painéis (sobretudo do Século XVI) existentes no nosso território, tendo sempre em consideração que não só as obras-primas que contam para a História de Arte; e, nesse árduo trabalho que vou levando, pouco a pouco, a bom termo, com grande entusiasmo, a cada passo encontro resíduos cheios de interesse e categoria — apesar das dificuldades várias que embargam a tarefa do levantamento e do (aparente) desinteresse que ele suscita.

Ainda há poucos meses descobri e estudei, numa pequenina igreja rural do Alto Alentejo, duas tábuas muito estragadas com características estilísticas, aparentemente, do final do século XV — século de que escasseiam verdadeiramente, na actualidade, vestígios picturais, realmente, salvo os núcleos, hoje bem identificados e de categoria artística reconhecida, de Nuno Gonçalves e do chamado Mestre Hilário, apenas possuímos meia dúzia de «frescos» quatrocentistas, na sua maioria repintados ou modificados, e outras tantas tábuas tardias, dispersas por vários museus (Lisboa, Aveiro, Guimarães), colecções particulares e igrejas (Santiago de Tavira; Almacave, em Lamego; S. Francisco do Porto; Misericórdia de Coimbra); é realmente pouco, muito pouco, para documentar esse opulento capítulo que é a pintura portuguesa do Século XV...

Parece-me por isso importante fazer agora a revelação do díptico de Alter Pedroso, que sem ser uma obra de mestre notável pode ajudar muito (sobretudo depois que as tábuas forem reintegradas e limpas) a preencher o aparente vácuo dessa época — documentando um artista regional cuja actividade era, até agora, de todo desconhecida.



O altar lateral da igreja de Alter Pedroso, com talha barroca dos finais do século XVIII, a enquadrar a tábua «maneirista» da primeira metade do século XVII «S. Miguel e as Almas». Era este quadro que tapava os dois «primitivos» agora descobertos e revelados

DESCOBERTA DO DÍPTICO

Alter Pedroso é hoje uma pequena povoação, situada a 3 quilómetros de Alter do Chão, algures no distrito de Portalegre. Foi, contudo, sede de concelho, e a sua fundação dependeu da Ordem de Avis, em 1279 (Já existia portanto no século XIII e deveria ter-se revestido de particular importância na época, como permitem asseverar as ruínas, ainda hoje visíveis, do primitivo castelo (ou atalaia), na parte mais alta da povoação. E a pequena Igreja de são Bento, actual Matriz da povoação, contém (apesar das sensíveis modificações que, no interior e até estruturalmente, a incaracterizaram, em época adiantada) traços góticos.

Quando, em 1971, as autoridades paroquiais realizavam obras de restauro na sua igreja, ao desmontarem o altar da capela lateral (única) do lado do Evangelho, encontraram, tapados por outro quadro (um modesto «São Miguel e as Almas do Purgatório», de pintor populista da 1.ª metade do século XVII — tábua, A. 1,72m x L. 1,30m), duas pinturas em madeira; retiraram-nas, antes de remontarem o respectivo altar, e colocaram-nas, na parede da nave do lado da Epístola, junto da porta lateral do templo. Foi aí que procedi em Setembro último em más condições, a um exame dos quadros, após a sua existência me ter sido comunicada pelo meu amigo António Martinho Baptista (arqueólogo do «Grupo para Estudo do Paleolítico Português»:

A pintura (est. 1) é executada em madeira de carvalho, e irregularmente arredondada na cabeça. O painel da esquerda figura um «Santo Bispo», e mede 1,748m de altura por 0,678 de largo; à direita divisa-se o vulgar tema da «Virgem com o Menino», de 1,750m x 0,679. O estado das tábuas é, como a fotografia elucida, péssimo; há restos, no bordo esquerdo, de uma faixa polícroma avermelhada, vestígios decerto da primitiva caixilharia «gótica».

O «Santo Bispo» é uma pintura bastante arcaizante. A tinta caíu em vários pontos, deixando o preparo à vista, como sucede no manto do Santo. Trata-se de uma figura hirta e fruste, segurando na mão esquerda um grosseiro cálica dourado, com um demónio emerso, e abençoando com dois dedos da mão direita; tem mitra de tonalidades claras e um báculo dourado, primitivo. No fundo, ao lado direito, parece delinear-se uma paisagem, em vários tons, por ora inacessível. As pregas do manto e da acastanhada roupagem interna caem rudemente, sem naturalismo das dobraduras, deixando divisar-se a ponta da bota direita, vermelha. A falta de atributos suficientes impede uma identificação rigorosa desta figura; o cálice do veneno e as vestes episcopais sugeriram ao crítico de Arte dr. Flávio Gonçalves, a quem mostrei uma fotografia (bastante frouxa) do diptico, a hipótese da tábua figurar Santo Elíseo possiblidade ainda não totalmente aprofundada. Não é também de rejeitar que a figura seja, afinal, o orago do templo, São Bento, embora as roupagens não sejam rigorosamente beneditinas. Perto do ombro esquerdo do Bispo, junto ao fecho do manto, encontra-se, pintada a negro, uma cruz que formalmente se aproxima das da Ordem de Avis, e pode sugerir uma origem...

«A Virgem com o Menino» é um tema bastante habitual na inconografia europeia cristã de todos os tempos. Em Alter Pedroso, Maria assenta sobre uma meia lua, tem um repintado manto azul a cobrir parcialmente uma túnica vermelha, e os cabelos louros rematam com uma coroa dourada. Aconchega o Menino Jesus contra o seio. O fundo parece bastante retocado, habituado a ver, com frequência, pinturas dos séculos XV e XVI, não me parece que o grande nimbo oval, pintado de amarelo sujo, e que envolve as figuras de Maria e seu Filho, seja da época da feitura. E de qualquer modo um problema a resolver (com muitos outros) aquando da reintegração. Que espero seja breve, dado o estado de ruína das tábuas e a sua aparente antiguidade...

UM PROBLEMA INCONOGRÁFICO?

O caso do díptico de Alter Pedroso envolve desde logo um problema melindroso: porque é que as tábuas foram tapadas e não adaptadas? Nos séculos XVI a XVIII era frequente fazerem-se modificações em obras de arte antigas, devido sobretudo a remodelações nos dogmas da Igreja Católica. Assim, representações arcaicas eram frequentemente «renovadas» pelos repintadores coetâneos, que ora lhes punham novos detalhes ora apagavam outros, numa ânsia de «actualização». Mais raramente, os «borradores» de Seiscentos e Setecentos empregavam ingredientes para destruírem a pintura antiga — quantas barbaridades se teriam decerto efectuado... Nos casos mais comuns, contudo, as camadas de repintura (ligeiras ou profundas) podem-se retirar devido aos avanços da técnica do Restauro, restituindo a «patine» primitiva à luz do dia em toda a sua beleza (verificando-se mesmo que, curiosamente, os retoques serviram de protecção...). Portugal possui um dos mais categorizados Institutos de Restauro do Mundo, o Instituto José de Figueiredo, anexo ao Museu Nacional de Arte Antiga e notàvelmente dirigido, com rara competência, pelo pintor Mestre Abel de Moura; e ainda não há muito lá se «reconheceu», numa tábua aparentemente seiscentista (a da Igreja do Calvário de Évora), uma magnífica pintura do estilo de Nuno Gonçalves, tapada completamente por grosseiras camadas posteriores. Este entre outros casos...

Quer dizer, até nas Igrejas e instituições ricas as obras de arte, perdido o seu papel primitivo, eram aproveitadas; ou seja, pinturas ou imagens «antiquadas» eram substituídas e «actualizadas». Porque é que uma pobre Igreja rural fugiu à regra? Mesmo que o Santo Bispo não obedecesse, no século XVIII (altura da reforma do altar), ao culto da terra, não seria fácil modificá-lo? E não era o seu «pendant» um temático eterno, pode dizer-se, do culto cristão? Contudo, a tábua substituta, esse grosseiro S. Miguel» (est. 2) já referido, não é concerteza, nem com muita voa vontade, uma obra notável. No Arquivo da Misericórdia de Alter do Chão, onde efectuei uma sondagem documental; não encontrei qualquer elemento que pudesse elucidar este mistério: porque é que os dois «primitivos» de Alter Pedroso foram entaipados no seu alter, e não mudados de poiso, quando, por qualquer razão dogmático-inconográfico, ou por motivos de gosto estético, deixaram de interessar ao culto?

OS PRESUMÍVEIS DOADORES

A cruz de Aviz, pintada na orla do manto do Santo Bispo, pode sugerir uma marca de encomenda, e explicar a doação destas pinturas à Igreja onde actualmente se encontram: Já se viu que Alter Pedroso dependia da Ordem de Avis; posso acrescentar que lá viveram algumas importantes famílias ligadas a essa Ordem. Está neste caso, por exemplo a de «Diogo dazambula Cõmendador d'Alter Pedroso» em 26 de Janeiro de 1469; teria sido algum descendente do célebre capitão da Mina (1482) o doador do díptico que agora tratamos, em fins do século XV.

De qualquer forma, a marca da Ordem. pintada nas tábuas, justifica bem a cronologia proposta e pode fornecer pistas valiosas para se esclarecer este problema da origem.

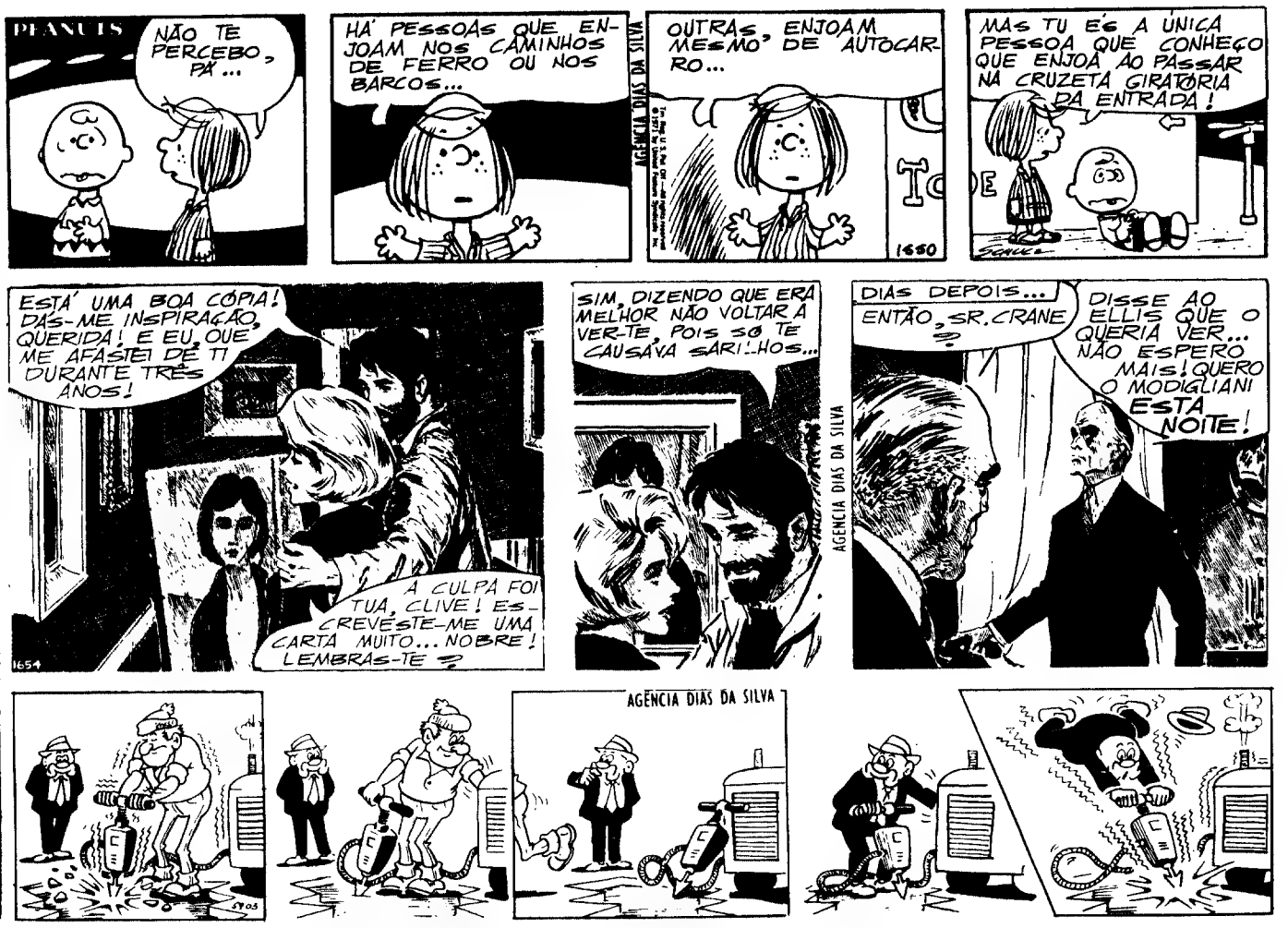
CONCLUSÃO

Encontram-se actualmente na Igreja Matriz de Alter Pedroso (termo de Altar do Chão) duas pinturas figurando um «Santo Bispo» e «A Virgem com o Menino», muito deterioradas e com alguns repintes, cujo arcaísmo figurativo sugere que as consideremos, ainda, do final do Século XV, ou, quando muito, do 1.º quartel do seguinte. A rudeza das faces e mãos, o arcaísmo ornamental, o dourado maciço dos atributos, fazem pensar num anónimo mestre regional, de actividade ainda não conhecida.

É importante que as autoridades competentes façam vir este díptico a Lisboa, para o seu conveniente (e urgente) tratamento, ponto de partida para se tirar toda uma série de conclusões por ora hipotéticas. Aqui fica a proposta.

VÍTOR MANUEL SERRÃO

Os visitantes do Museu Metropolitano de Nova York nutrem agora especial interesse por este vaso grego. O FBI decidiu investigar a origem do vaso — feito há 2 500 anos e pintado por Euphronios, um artista célebre — depois de as autoridades italianas terem afirmado que ele fora levado para fora da Itália ilegalmente. A direcção do museu, por seu lado, afirmou que o vaso fora legalmente adquirido. Recentemente, o director do museu nova-iorquino foi acusado de vender sem alarde obras de arte à sua guarda por preços muito inferiores aos que eles poderiam atingir em leilão. (Telefoto UPI-Telimprensa-DL)



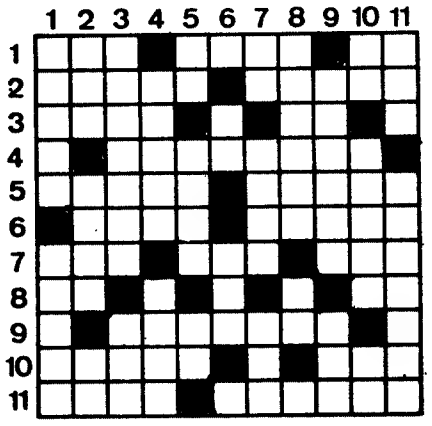
PASSATEMPOS

COM PROVÉRBIO

PROBLEMA N.º 10356

HORIZONTAIS

1 Igual. Ruins. Pronome pessoal
2 Realiza. Imita.
3 Imposto de transmissão. Niquel.
4 Aqueles que moram perto de nós.
5 Prendia com elos. Irmão de Moisés.
6 Içar. Plano.
7 Irmã da mãe. Guarneço de asas. Senior (abrev).
8 Artigo definido. Nota musical.
9 Lembra.
10 Presságio (fig). Cidade de Espanha (Inv.º)
11 Juízo. Mudo o nome de.



VERTICAIS

1 Pilar de uma portada. Interiores.
2 Uma das Novas Hébridas, na Melanésia. A ponta das vergas. Escarnece.
3 Escorrega. Chefe etíope.
4 Freguesia do concelho de Castelo de Paiva. O mesmo que ostraceiro (ave).
5 Miriare. Forma antiga de Sara (deserto). Cobalto (s.q.)
6 Bismuto. (s.q.) Saudável.
7 Cobre (s.q.) e inv.º). Nascido. Raer.
8 Imaginar. Idem.
9 Tornas pior. Suspiros.
10 Pronome pessoal. Bolsas. Artigo indefinido.
11 Interjeição da ilha das Flores o mesmo que Ah! Oh! Diálogo entre marido e mulher.

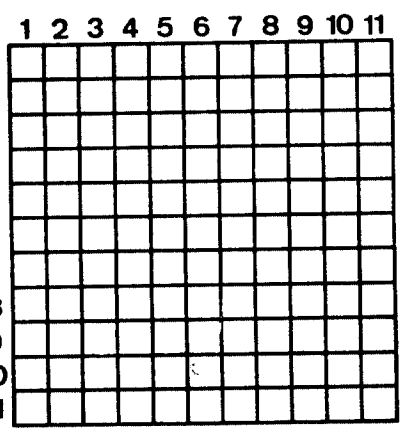
Resolveu completamente este problema?
Procure agora como segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 6512

HORIZONTAIS

1 Nome de mulher. Maravalha.
2 Freguesia do concelho de Oliveira do Bairro. Álcool de melaço. Lista.
3 Bismuto (s.q.) Cor vermelha coralina. Nota musical.
4 Destroços (fig). Levantamento de proibição.
5 Esbravejar. Fechar as asas para descer mais depressa.
6 Conjunção. Mau cheiro.
7 Explorei. Gosta muito de. Amónio (s.q.)
8 Lavrar. Vestígio que deixa a roda.
9 Nota musical. Planta ornamental também chamada lírio do campo. Língua antigamente falado ao sul do rio Loire
10 Título honorífico na Índia. Eia! Romancista português autor de «O Crime do Padre Amaro»
11 Espírito. Pronome possessivo.



VERTICAIS

1 Rio de Portugal. Lista.
2 Previne. Praia.
3 Letra grega. Sofra. Artigo indefinido.
4 Rosto magro e pálido.
5 Rolam. Pronome pessoal.
6 Fortificar. Liça.
7 Cânhamo de Manila. Afia.
8 Rachada.
9 Caminhar. Liga. Pronome pessoal.
10 Assa Suaviza.
11 Combinar. Nome de frutos.

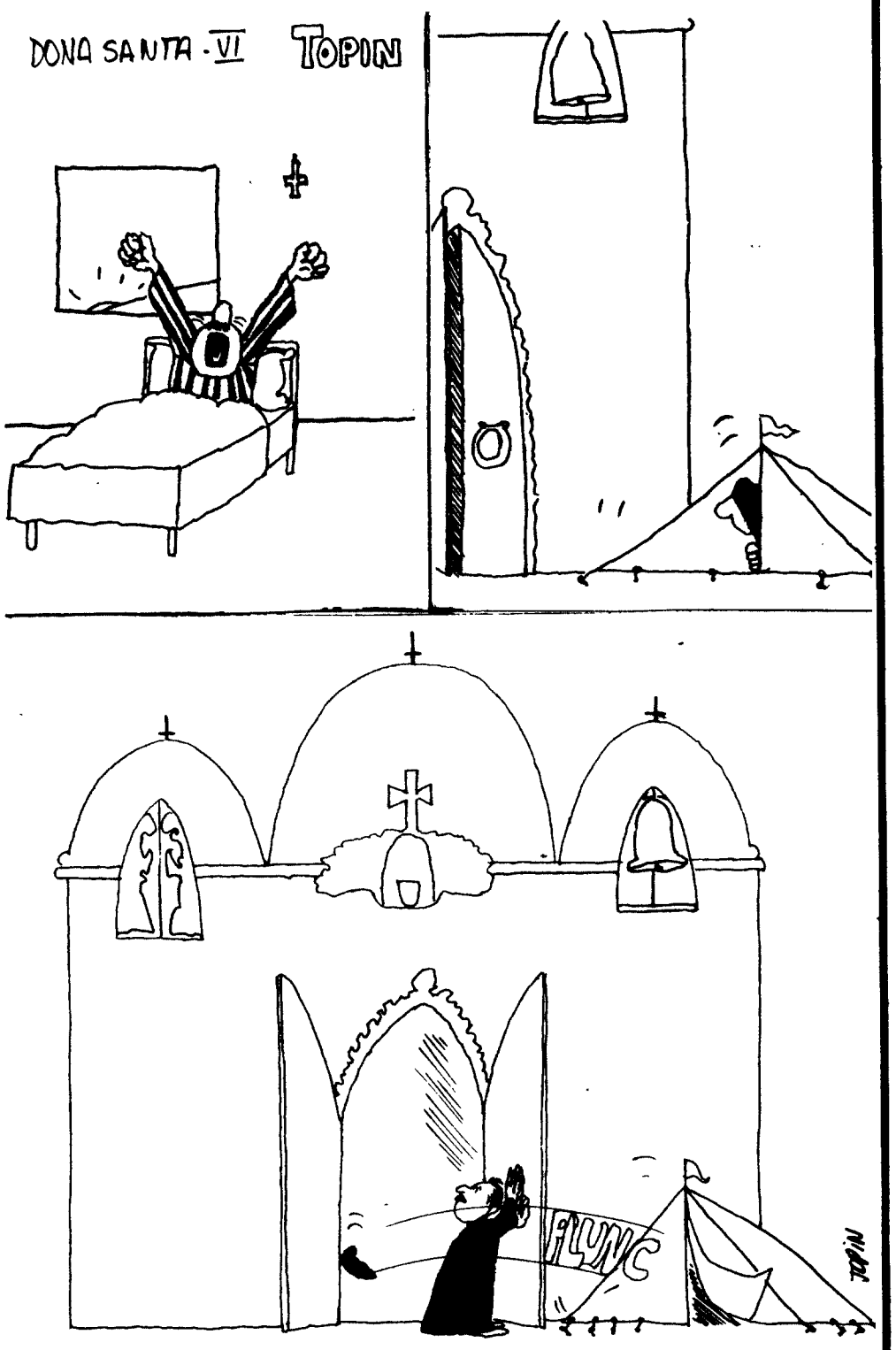
SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 10355

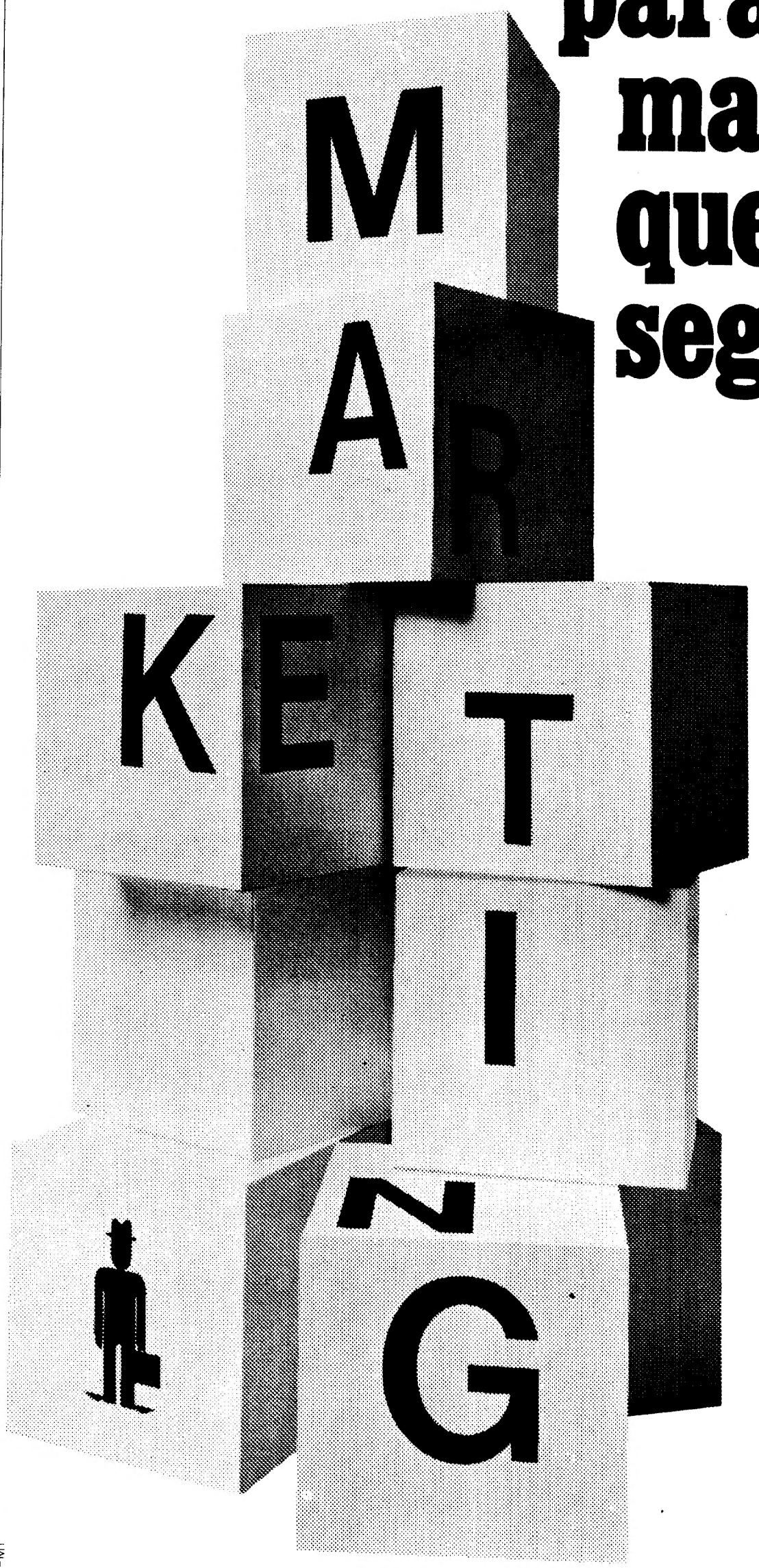
HORIZONTAIS:	VERTICAIS:
1 Lasca. Am. EM	1 LENHA. Anoso.
2 Eras. Arco.	2 Arão. E. Bras.
3 Não. Coa. Ion.	3 São. Ris. Er.
4 Hó. Carmo. Sa.	4 Cs. Cosam. Id.
5 Rosmano.	5 Cãs. Mil.
6 Eis Dio.	6 DORME. Me.
7 Sam. Caá.	7 Ama. Casse.
8 Nb. Mimas. Se.	8 Ma. Ondas. Om.
9 Ore. Les. Mas.	9 Ri. Oiã.
10 Sari. Soais.	10 Ecos. Sair.
11 Os. DEZEMBRO.	11 Monas. Gesso.

Provérbio: EM DEZEMBRO LENHA E GESSO.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 6511

HORIZONTAIS:	VERTICAIS:
1 Gruta. Abais.	1 Gad. Bo. Casa.
2 Aurea. Ralai.	2 Ruira. Curamm.
3 Dirá. Riso.	3 Urra. Mo. Afã.
4 Rata. Anos.	4 Teatro. Arem.
5 Ba Ri. De. Os.	5 Aa. Aiantide.
6 Moabita.	7 Ar. Aditaram.
7 Co. So	8 Barnet. Sena.
8 Cu. Atrás. Ps.	9 Alio, As. Ver.
9 Arari. Revia.	10 Iasso. Opile.
10 Safed. Anelo.	11 Sio. So. Sãos.
11 Amame. Marés	





para a Império marketing quer dizer segurança

Porque a Companhia de Seguros Império é uma Companhia de Marketing.
Porque só depois de estudar as necessidades do Cliente concebe os produtos aptos a satisfazer essas necessidades. Porque pensa que o Cliente é o único juiz das decisões da empresa e que as suas iniciativas só são válidas quando o Cliente aceita os produtos pelo seu justo valor.
Porque dispõe hoje de uma diversidade de soluções para os problemas de segurança que o preocupam: a protecção face aos riscos que afectam os indivíduos e as famílias na sua saúde, nos seus rendimentos, no seu património.
Porque se organiza para atingir níveis de produtividade que permitam, através de preços mais baixos, alargar o mercado a novos grupos de consumidores.
Porque faz da inovação uma força impulsionadora da empresa, nos caminhos do progresso.
Porque sabe que, a longo prazo, só a satisfação das necessidades do Cliente é garantia duma empresa sólida, rentável, dimensionada em termos de futuro, útil à economia do Pais.

A Império tem consciência de que **a segurança se tornou um dever social** *e trabalha para se integrar na nossa sociedade do futuro.*
Porque a inovação é uma das suas constantes, a Império deu o passo decisivo para estar mais perto das necessidades do Cliente:
formou homens para uma profissão de vanguarda: Consultores de segurança. *A sua missão: estudar, conhecer o seu problema, aconselhar.*

"AO SEU SERVIÇO"
IMPÉRIO
a sua seguradora

PENTA-CSI-M1

Folhetim-artístico de Jose-Augusto França

CARTA ABERTA AO EX.º SR. FULANO DE TAL, FALSÁRIO

Exm.º Senhor,

Não tenho o gosto de conhecer V. Ex.ª nem encontro o seu endereço nos anuários, já que a sua profissão, ainda não arregimentada, não constitui rubrica a consultar, e isso explica o expediente desta carta aberta. Que, aliás, como nos ensina a sabedoria dos antigos, poderá servir «omnibus doccumento». E o caso é que, nas últimas semanas e em curto intervalo, trouxeram duas pessoas a minha casa, para efeitos de peritagem, dois quadros de V. Ex.ª por Ex.ª assinados com o pseudónimo de «Amadeo de Souza-Cardoso».

Eu receio que o uso pseudonímico de um nome existente em carne e osso, ou, ao mesmo, em esqueleto, possa sofrer sanção penal; mas disso pouco ou nada sei e não viria tal ao caso de uma carta a escrever a V. Ex.ª Que V. Ex.ª use de propósito o nome do seu falecido colega parece-me extravagante, por gratuito e isso leva-me à suspeita de não serem gratuitos os propósitos mas sim tendentes a realizar uma coisa muito feia que se chama **falsificação.**

Feia e perigosa a coisa, não só porque (aí estou quase certo) o acto cai sob a alçada da lei ou mesmo da Judiciária — como porque se sujeita a reveses ao passar perante olhos habituados a deslindar coisas destas. Ou se sujeita, até, a cair em erros filológicos de palmatória.

E boas palmatoadas merece V. Ex.ª nas suas habilidosas mãos por se ter enganado em coisas simples! Escondeu V. Ex.ª o gato que quis fazer passar por lebre, mas deixou-lhe de fora o rabo.

Pois então V. Ex.ª, com tanto cuidado ao imitar a assinatura do Amadeo nas costas das duas pinturas, uma na cartolina, outra no chassis da tela velhinha (e velhinha era também a cartolina — que trabalho para as arranjar!), datou as coisas de «Paris, Outubro de 1915», quando o Amadeo (que aliás não me consta jamais ter assinado assim as obras por detrás) sabia muito bem que nessa data estava em Manhufe? Ora isso (e tal não lhe perdoo) também V. Ex.ª devia saber, sabendo, como toda a gente sabe, que o seu defunto colega regressou à pàtria no Verão de 1914!

A assinatura, por seu lado, foi bem copiada (aí terá V. Ex.ª mais futuro, em agir em outro tipo de documentos: cheques, contratos, recibos — que sei eu? Longe de mim, porém, o desejar-lho...) — e tanto que me permito dar a V. Ex.ª os meus parabéns por ter iludido um grafólogo oficial ou oficioso que, comparando assinaturas, achou que sim senhor. Mereceria ele também algumas palmatoadas, parece-me a mim: aquele A, aquele C de Cardoso, francamente, estavam bem desenhados de mais, cuidadosamente traçados para serem sinceros e legítimos. Enfim, os grafólogos lá sabem as linhas com que se cosem...

O melhor, nestes casos, será os interessados no apuramento da verdade, não confiarem de mais nos grafólogos nem nas análises extrínsecas (tela antiga, chassis velho, cartolina carcomida) e mais na crítica dos objectos que, ao contrário do que V. Ex.ª parece supor (perdoe-me a franqueza), são arte mesmo...

Ora as pessoas que me procuraram, um «marchand» e um coleccionador, das duas vezes sucessivas, estavam bastante impressionados com as qualidades dos suportes, antigos mesmo, e a veracidade das assinaturas — uma até grafològicamente «garantida». E menos interessados em ver que nos dois casos a pintura era uma m... — volte V. Ex.ª a perdoar-me a sem-cerimónia com que lhe falo.

Pois é lá coisa que se faça, não digo falsificar quadros do Amadeo, mas pintar tão mal, com tão total falta de inteligência, de consciência, de gosto, de bom senso e de jeito? Eu tenho ou tive um cãozito que, quando fazia coisas dessas, se lhe punha o nariz no feito, para sua emenda. E deu resultado: nunca mais falsificou quadros do Amadeo de Souza-Cardoso...

Se V. Ex.ª datou as suas obras de 1915 (mas olhe que então o Amadeo assinava com um «pochoir», e não manuscritamente; terceiro erro...) e mais ou menos sabia que então o Amadeo andava bordejando o futurismo, com letreiros e formas geométricas, não se arredando de tal formulário — a verdade é que empregou este com manifesto analfabetismo. Ou, por outras palavras, com uma estupidez pela qual V. Ex.ª compreenderá que não possa cumprimentá-lo.

... Embora não deixe de lhe agradecer, porque me facilitou a análise das obrinhas. Aquela composição dividida em quatro zonas simétricas e o embricamento das formas — toma lá redondo e agora bicudo, cá vai triângulo e depois meia bola —, e as letras tão cubistas e mais a garrocha de toureiro e a guitarra e até (V. Ex.ª, sem querer, autentificou-se) uma ferradura, punham logo de cangalhas qualquer verosimilhança dos quadros. Embora um crítico já tivesse garantido 100 por cento a autenticidade de uma das pinturas que só por descargo de consciência me foi depois mostrada. («Passons...») E ainda bem que o foi: não sei quantas centenas de contos poupou o coleccionador. Por mim, ofereci 500$00 pelo quadro, como recordação — e creia V. Ex.ª que fui generoso e desinteressado.

Opinião minha e discutível? Não queira V. Ex.ª discuti-la. Um estiletezinho metido na pasta provou o pouco tempo desta, que não estalou, e a terebintina safou logo uma pontinha da obra-prima...

Conclusão a tirar desta aventura, é que V. Ex.ª, tendo cometido estas duas pinturas que vi, outras deve ter já feito e provàvelmente vendido com o intermediário ou intermediários que tenha — e que falam, disseram-me, em nome de uma senhora idosa, de Entre Douro e Minho, amiga dos Souza-Cardosos de antanho, etc., etc., e mui discretamente, por susceptibilidades tão naturais... Isto é, devem andar por aí, em colecções gulosas, uns Amadeozinhos da lavra de V. Ex.ª...

Longe de mim a ideia de ser malévolo, mas como não ver nisso (sem qualquer regozijo, posso jurar) uma espécie de castigo imanente do pecado mortal em que o mercado arttístico português se encontra?

. Isso me leva, afinal, a saudar em V. Ex.ª um justiceiro talvez necessário, senão suficiente (outros virão, porém, exercer a delicada profissão, e mais bem dotados do que V. Ex.ª!) — um Zorro, uma espécie de Robin dos Bosques, ou do Pinhal da Azambuja que atravessamos.

Dizia alguém que a hipocrisia era o tributo que o vício prestava à virtude; pois os «falsos» constituem o tributo à arte pelo comércio — e, num paradoxo só aparente, bem necessários, são para a morigeração do mercado.

Termino antes que estas considerações éticas me levem para além da saudação já acima prestada à acção de V. Ex.ª, a pedir-lhe desculpa. E mais termino, muito atentamente, com um pensamento comovido para quantos falsos Amadeos (ou Fulanos, ou Cicranos ou Beltranos) não circularão por aí, aos milhares de contos — mais ou menos verdadeiros, estes...

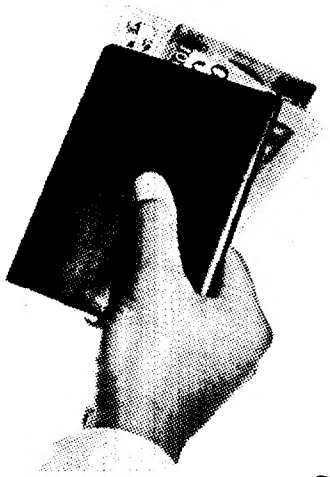
ponto final

uma vírgula!

Estamos resolvidos em 1973, a oferecer
ainda melhores preços e facilidades
que em 1972
Por isso lhe aconselhamos que

TENHA MÃO FIRME NO SEU DINHEIRO!

Venha admirar as novas linhas e a qualidade
das nossas máquinas de lavar roupa e loiça



Bardo
ELECTRODOMÉSTICOS · MOBÍLIAS

Av. da Liberdade, 131
Av. Almirante Reis, 124-B
Rua de S. Bento, 53 a 57

Praça de Londres, 7
Rua D. Estefânia, 193
Rua 1.º de Maio, 146-A

PECHINCHA DA SEMANA
Gira-discos automático, oito discos, estereofónico com amplificação ——— 1 490$00

TEXTOS SOBRE TEATRO

Carlos Porto

2 — CRIAÇÃO E CRÍTICA

. Continuamos a fazer uma análise sucinta do I volume da obra «Les Voies de la Création Théâtrale», focando, para já, o estudo de Serge Ouakinine sobre o trabalho de Jerzy Grotowski e, especialmente, sobre uma das mais célebres criações daquele artista polaco: «O Príncipe Constante», de Calderon de la Barca. Falava-se do papel do actor a quem, pela reflexão, pelo treino, pelo contacto com os outros elementos da equipa, pelas anotações escritas, compete proceder á organização dos vários materiais que as suas experiências desenvolvem. A organicidade desses materiais — de tipo sensorial, físico, psíquico, libertação do inconsciente, etc., — é condição essencial para a segunda fase do seu trabalho. Nesta segunda fase, o actor interpreta (interpretando-se), utilizando a expressão corporal e vocal de forma a que essa interpretação ou, seja esse trabalho sobre a personagem-significado feito com o corpo e com a voz, se articule intimamente com o trabalho significante — conjunto de sinais e de metáforas — proposto pelo encenador. Claro que tudo isto implica a realização de duros exercícios **(o actor despende tanto tempo com esses exercícios como com a criação do espectáculo propriamente dito)** que permitirão aos intérpretes vencer as resistências psico musculares que impedem a libertação da sua **realidade íntima** (já anteriormente referida). O trabalho produzido sobre o corpo é igualmente feito sobre a voz, pois o trabalho do actor grotowskiano implica uma exploração das suas capacidades corporais e vocais.

Para entendermos o alcance desse trabalho, tenhamos presente esta declaração de Grotowski: **O actor é um homem que trabalha com o seu corpo, oferecendo-o públicamente.** (1).

O actor de Grotwski assume o teatro com uma função vital mas também como um rito que exige dele a utilização de todas as suas potencialidades que são expressas pelo seu corpo como se este fosse o altar de uma cerimónia religiosa, o altar do sacrifício.

Para a produção da tragédia de Calderon, o encenador aproveitou a adaptação feita por um poeta polaco do século XIX, J. Slawacky. O trabalho sobre o texto consistiu numa autêntica reelaboração da adaptação, com alteração das suas estruturas, incluindo supressões, modificações, fusões de cenas, etc. Foi sobre este **borrão** que os actores trabalharam introduzindo novas alterações que esse trabalho justificava ou exigia. A participação do actor é aqui fundamental: é através dela que o texto vai ser definitivamente fixado funcionando o encenador como um maestro que trabalha em estreita ligação com os músicos da orquestra cujos instrumentos serão naturalmente os respectivos corpos. A partitura foi pois, elaborada, simultaneamente, pelo encenador, que dirigiu pelo actor principal (que era o solista) e pelos outros actores (que tiveram um trabalho prévio e separado de

seis meses). Digamos que o texto constituia a partitura que, por sua vez, era o resultado de exercícios e estudos feitos a vários níveis, num esquema mais ou menos assim: texto reduzido a um argumento transformado numa partitura; partituras parcelares construidas pelo actor principal (solista) e pelos outros actores. Este trabalho, em que se integravam os signos e as metáforas que expressavam o significado textual, fundia-se, numa única partitura que, por sua vez se fundia com a do encenador, constituindo essa ultima fusão a partitura definitiva do espectáculo do qual constituia o centro «projectando-se» nos corpos e nas atitudes dos actores.

Sublinhe-se aqui, a importância assumida em relação a este espectáculo, pelo trabalho de Ryszard Lislak, principal actor da companhia de Wroclaw. Segundo o estudo que tenho vindo a seguir, «O Príncipe Constante» nasceu (ou foi fortemente condicionado) pela forma como aquele actor venceu as suas resistências psico-corporais, como conseguiu dominar a técnica da superação psico física: **A partitura de depuramento psico-corporal representa um extremo na procura da eliminação das resistências.** Aliás, a própria reconstrução do texto se baseou na participação do actor-solista: **Os três actos da peça, reduzidos a um só, tinham por esqueleto três monólogos destinados a D. Fernando, o Príncipe Constante.**

Parece-me evidente que o trabalho efectuado por Grotowski e pelos seus actores só é possivel a partir de uma colaboração muito estreita que implicará, certamente, a violação das fronteiras que separam o consciente e o inconsciente num acto de fé comum que identifica, como de resto é reconhecido, a prática grotowskiana a uma função mística que terá menos a ver com uma participação social fundamental do que com uma participação **mágica** a-politica, senão anti-politica.

6. O PRINCIPE CONSTANTE, de Calderon-Grotowski

Parte do estudo sobre «O Principe Constante» assenta em gráficos, esquemas e gravuras que não podemos reproduzir. Além disso, é feita a transcrição do texto acompanhada por anotações que se referem ao espectáculo, cena a cena.

A tragédia de Calderon (inspirada numa obra do historiador português Manuel Faria e Sousa e numa comédia atribuida a Lope de Vega sobre o mesmo tema) narra a história de D. Fernando, o Infante Santo, irmão do rei D. Duarte. Como se sabe, o fracasso do cerco a Tânger pelos portugueses comandados por D. Henrique e por D. Fernando, em Setembro de 1437, teve por consequência ficar o último além de outros cavaleiros portugueses, como refém dos Mouros que exigiam a restituição de Ceuta como condição para libertarem o principe. D. Fernando sofre um longo cativeiro vindo a morrer em 1443.

Parece claro que o clássico espanhol interessou a Grotowski especialmente por lhe permitir explorar as implicações místicas e psicanalíticas que comporta, sobretudo no que diz respeito ao espirito de sacrificio, despojamento, interiorização expressas pelo protagonista. Vamos citar, no quadro junto, alguns exemplos, dos colhidos por Ouaknine, para ilustrar simultâneamente as alterações do texto, as constantes técnico-estéticas do espectáculo, as suas incidências ideológicas.

Seria curioso comparar esta síntese com a proposta por Brecht no seu «Pequeno Organon para o Teatro», mas não é isso que está em causa. Sublinhemos antes esta frase de Ouaknine: **O Teatro Laboratório corresponde a toda uma corrente de investigações relacionadas com as ciências humanas, incluindo a antropologia cultural e a psicologia das profundezas. Grotowski procura, quer através da actividade teatral, quer das técnicas da representação (sendo o actor o único instrumento da comunicação) que remetem á metafísica de uma interrogação fundamental sobre o homem de hoje.**

Só nos restará saber até que ponto as investigações de Grotowski correspondem a uma necessidade vital para o encontro das descobertas que melhor correspondem aos interesses de uma humanidade em mutação.

7. O PROBLEMA DO PÚBLICO

O Teatro Laboratório funciona como um sócio-drama permanente. Cada ciclo de investigações cataliza as relações e uma hierarquia em que cada um se vê a si mesmo através dos outros.

Embora de forma muito mais moderada, e pelo que me parece o espectáculo de Grotowski actua sobre o espectador da mesma forma como actua sobre o actor: como um catalizador da sua condição existencial que se situaria para além da sua identidade histórico-social. Vejamos o que o próprio Grotowski escreveu a este respeito: **Os actores podem mover-se entre os espectadores (..) impondo ao público um «papel» no espectáculo (papel passivo, papel de testemunhas).**

Impondo aos espectadores um **papel passivo,** o artista marca os **limites históricos** do seu trabalho que constitui sem dúvida uma contribuição fundamental para o estudo das possibilidades expressionais do actor (2) mas resiste mal a uma análise das coordenadas ideológicas em que se move.

A seguir: **Análise de quatro espectáculos do «Living Theatre».**

NOTAS

(1) «Vers um Théâtre Pauvre», cuja edição portuguesa será publicada em breve.

(2) Um critico escreveu sobre o trabalho de Ryszard Cieslak na interpretação do Principe Constante: **Uma espécie de iluminação psíquica emana do actor. Não posso encontrar outra definição. Nos momentos culminantes da personagem, tudo o que era técnica parecia como que iluminado do interior, uma luz qualquer coisa de literalmente imponderável. O actor poderia, a todo momento, levitar... Estava em estado de graça. E tudo á volta dele, este «teatro da crueldade» com as suas blasfémias e os seus excessos se tinha transformado num teatro em estado de graça.**

TEXTO ORIGINAL	ESPECTÁCULO DE GROTOWSKI
Interpretar a psicologia da personagem.	Adaptar a personagem á sua própria personalidade: o papel masculino de Tarudante é interpretado por uma mulher, e os de Muley e Alfonso por um só e mesmo actor-sinal.
A palavra determina o ser	O comportamento determina a acção.
Comédia histórica interpretada.	Acção autêntica vivida.
Texto como totalidade significante em si. Uma cena conduz á seguinte.	Texto como parte de um todo teatral significante. Cada elemento da partitura por si.
Lógica realista (o que se diz coincide com o que se faz). Exemplo: O actor faz uma reverência dizendo: «Senhor, saudo-vos!»	Lógica metafórica (entre o que se diz e o que se faz). Exemplo: O rei monta sobre D. Henrique, seu escravo, e tortura-o ao mesmo tempo que pronuncia um texto que faz o elogio de um cavalo de corrida.
—Evolução continua no espaço-tempo. —Narração em crescendo. —O actor diz: «estávamos no mar e depois foi a batalha...» —As mudanças de cenário criam um novo espaço e um outro instante dentro do tempo da história.	—Evolução descontinua dentro de um espaço-tempo imaginário criado pelas acções reais dos actores. —O próprio actor faz o ruido das ondas durante a auscultação de um escravo. —Por intermédio dos seus corpos-sinais os actores transformam o espaço vazio em sala de operações, câmara de tortura, igreja, arena, etc., com a lógica de um espaço-tempo poético simultâneo.
Sugestão.	Violação.
Moralidade-propaganda (código de honra, profissão de fé católica, etc.).	Moralidade-proposição: conhecimento de si, revelação de motivos humanos, tipos de comportamento (exemplo: os esteriotipos), verificação de um processo psicofisico do fenómeno do éxtase, etc.
O sentido da mensagem é literal: formulação da história heróica de D. Fernando, morto no cativeiro pela pátria e pela honra da cruz...	A mensagem é complexa e a vários niveis. Ao nivel da fábula: encarnação pessoal do papel do principe com elementos da iconografia e da liturgia católica com objectivos polémicos.
Informação ético-histórica.	Transgressão da intimidade.
Herói (justificação social).	Eliminação do heroi (justificação individual).
O espectáculo como ficção teatral (as coisas tal como foram ou devem ter sido).	A representação como acto presente autêntico.
Implica o espectador na história narrada.	Faz do espectador um observador da acção. **(Voyeur de l'Action).**
Participação no cómico ou no trágico das situações.	Adesão a um humor corporal. Superação do trágico.
Morrer pela fé: o fenómeno é formulado pelos actores.	Demonstração de um fenómeno de trans-iluminação psicocorporal (éxtase): o fenomeno é experimentado por um actor.
O mito conserva a sua auréola mítica.	O mito é verificado na psico-corporalidade do actor.
Chamada a sentimentos conhecidos.	Provocação de reacções desconhecidas
Destrói a actividade intelectual do espectador.	Desperta o seu inconsciente.
A actividade teatral como evidência cultural (conservadorismo).	A actvidade teatral como polémica e investigação experimental a vários niveis: —Necessidade artistica — modo de vida. —Técnica: procura e verificação experimental das possibilidades psicofísicas do actor. —Psicanalitica: auto-penetração colectiva de um micro-grupo (conjunto do grupo e dos estagiários). —Antropológica: verificação e transgressão de uma herança cultural. —Linguistica: investigação permanente de uma linguagem teatral autónoma. Superação da linguagem discursiva através da psico-corporalidade do actor.
O espectáculo é um fim em si	A partitura elaborada resulta de um ciclo de investigações e o espectáculo é um dos seus resultados.

Crítica de artes plásticas

Por JOSÉ LUÍS PORFÍRIO

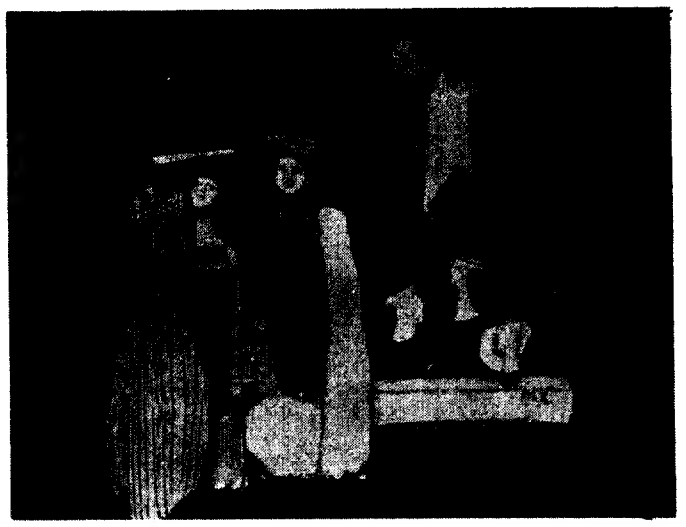
Equívocos ou... talvez não!

Martins Correia

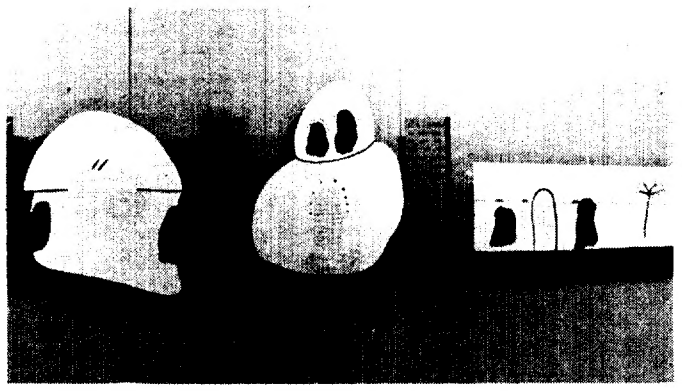
Desenhos e Esculturas na S. N.B.A.

«Nesta retrospectiva dos meus trabalhos realizados entre 1939 e 1972, em colaboração com a Sociedade Nacional de Belas-Artes, reúno, em Fevereiro de 1973, 300 obras de sentir popular e de cultura da mesma raiz, onde é definido o gosto pela sua essência o moderno e o permanente através da espiritualidade da linha, da forma, da cor, do espaço e do ritmo, com desenhos a traço simples e colorido, estampas, cartões, colagens e trabalhos de escultura e de medalhística, executados em barro, pedra e bronze, onde colaboram também os artífices Custódio, fundidor de Ovar, Etelvino, canteiro de Sintra, e José Branco, formador de Belém» assim, muito simpàticamente, apresenta Martins Correia ao público trinta e três anos do seu trabalho, dando-nos também, no mesmo desdobrável (gratuitamente distribuído a todo o público, louve-se), um breve e significativo curriculum que passo a transcrever:

«Nasceu no Ribatejo. Foi aluno e professor da Casa Pia de Lisboa. E diplomado com o curso de Escultura pela Escola de Belas-Artes de Lisboa. Tem participado em exposições de carácter **clássico e moderno** onde obteve prémios como os de **Soares do Reis** e **Manuel Pereira**, e também primeiros prémiod na Sociedade Nacional de Belas-Artes. Foi bolseiro do Instituto para a Alta Cultura em Espanha e Itália. Galardoado com o prémio **Diário de Notícias** na apreciação da estátua Amato Lusitano, e **prémio de desenho «Luciano Freire» dado pela Academia Nacional de Belas-Artes.** Obteve vários primeiros e segundos prémios em concursos públicos nacionais e estrangeiros. Foi administrador do Museu Abel de Lacerda no Caramulo e **professor assistente na Escola Superior de Belas-Artes.** Agraciado pelo Ministério da Educação Nacional com o **oficialato da Ordem de Instrução Pública** pelo ministro Leite Pinto. Realizou durante o ano de 1965 um programa na Emissora Nacional sob o título «Assuntos de Arte-Propósitos do Espírito», incluído no programa «Horizonte». **Fez monumentos públicos em Portugal e no estrangeiro.....** Fez visitas de estudo a Espanha, Grécia, Goa e Ilha de Moçambique.



ÁLVARO LAPA: «A inauguração da luz eléctrica do Escoural».



MARTINS CORREIA: cerâmica.

«Realizou trabalhos **encomendados pelo Estado e por particulares** em pedra, bronze, medalhas e esgrafito, tais como: as estátuas de Luís de Camões, Garcia de Orta, Amato Lusitano e o grupo escultórico do **palácio de Justiça de Pinhel**, em bronze, a estátua de D. Pedro V, em pedra, o relevo em pedra polida do **Palácio da Justiça de Leiria.** Tem em execução o grupo dedicado ao «Aveirense», em bronze e a estátua de Bartolomeu Dias em pedra. São de sua autoria, por iniciativas particulares, os bustos dos drs. Jaime Cortesão e Augusto de Castro, Nuno Simões, Olegário Mariano, Miguel Torga, Marquês de Lezoia, Fernando Namora e de Natércia Freire, Natália Correia, etc, trabalhados em bronze» (sublinhados nossos).

As suas intenções e carreira não no-las esconde Martins Correia, embora das 300 peças expostas a maioria pretenda, sobretudo, mais do que documentar essa carreira que é, suponho, o papel de uma retrospectiva, mostrar uma produção extremamente recente de guaches e colagens que é, por sinal, extremamente interessante e significativa.

Que poderia fazer um escultor principiante em Portugal naquela charneira dos anos 30-40 que preparava, com a pompa e circunstância necessária, a Exposição do Mundo Português, senão obedecer ao gosto, isto é, à encomenda dominante? A escultura era, e continua sendo, de uma prática muito dispendiosa em material, colaboração e espaço, e para a levar a efeito só há três caminhos: o mecenato (praticamente inexistente ao tempo em Portugal), a fortuna pessoal, e que, creio, não era o caso e é muito raro e, **last but not least** a encomenda oficial que através do monumento e da grande decoração se sobrepõe nìtidamente a uma produção de bustos e retratos, prato forte da encomenda privada.

No final dos anos 30, Martins Correia só tinha um caminho a seguir se queria continuar, melhor, se queria ser escultor, e que era alinhar naquela produção de escultura monumental que teve o seu início em 1929, com o Gonçalves Zarco de Francisco Franco (e que aberrantemente hoje ainda há quem prolongue e quem encomende). Se o não tivesse feito, certamente que hoje ao ouvirmos o nome de Martins Correia pensaríamos talvez num desenhador, talvez num poeta ou, quem sabe, num crítico de arte, mas nunca na qualificação de escultor que actualmente imediatamente antepomos ao seu nome, e, atrevo-me a dizer, não viria daí qualquer mal ao mundo ou, até ao próprio Martins Correia.

Algumas medalhas, bastante boas dentro da tremenda mediocridade da nossa produção nacional, algumas maquetas de monumentos (quase sempre irremediàvelmente datados e limitados), Martins Correia tem, por certo, a coragem de não se renegar. No entanto é nas suas colagens e guaches mais recentes que encontramos, espreitando, por detrás da espessa carapaça da arte oficial, o criador possível, o homem que brinca, que joga com as formas, que se liberta de uma servidão (mesmo que auto-imposta e inconscientemente), que se arrisca, que se expõe o possível artista e não o esforçado produtor de decorações, de medalhas, de retratos, de monumentos, produção que, aliás, como vimos pelo texto transcrito, Martins Correia leva inteiramente a sério, actividade respeitável que é, como respeitáveis são os inúmeros galardões que ao longo do tempo a foram premiando.

Esta exposição não chega a documentar a sempre possível luta entre a imaginação e a encomenda, até porque elas estão nos extremos opostos de uma mesma personalidade, e também porque, e nisso o curriculum é bem claro, a encomenda passou (teve que passar?) sempre primeiro que a imaginação, a não ser nestes últimos anos, tão bem documentados na presente exposição, em que a evolução do gosto dominante, e a do mercado também, permitiram a muitos produtores correr o risco de um individualismo que já não é mal visto e que até pode vir a ser compensado em termos de comércio de arte como imagem de marca.

Alvaro Lapa — «Modelos Narrativos — Exposição de Abdul Vareti e Álvaro Lapa» na Galeria Quadrante

Curiosa atitude a desta Livraria-Galeria que, este ano, só tem levado exposições aparentemente não-comerciais pretendendo-se mais reveladora de jovens produtores, ou de propostas originais no nosso meio, do que local de comércio de artes plásticas (atitude que poderá ter os seus frutos comerciais ao nível da livraria que lhe está acoplada, o que é, pelo menos, uma atitude comercial inteligente)

. Desta vez é Alvaro Lapa, que tivera uma excelente intervenção em Dezembro na Galeria Bucholz, quem aproveita o espaço da Quadrante para nos propor pinturas e textos que se organizam em três possíveis grandes narrativas:

. I — Um passeio (A. Vareti): predominância do texto sobre a imagem.

II — A inauguração da luz eléctrica no Escoural (A. Vareti e A. Lapa): alternância texto-imagem.

III — A 6.ª das 10 etapas do «guardador-da-vaca» — Homenagem a W. Blake (A. Lapa): só imagem.

Fácil é a dedução de pertencerem as imagens a A. Lapa, e ao seu alter ego Abdul Vareti, os textos, aliás como acontecia já na anterior proposta da Bucholz. Porém, desta vez ficamos a conhecer melhor esta segunda personagem por um texto que acompanha a exposição à laia de catálogo intitulado «Apresentação dos autores», e em que A. Lapa, depois de «apresentado» por Vareti como sendo, «na cena de arte portuguesa actual, o melhor prático da ocultação e da história», nos apresenta assim a Abdul Vareti:

«Apareceu-me, e creio poder garantir o carácter por assim dizer **absoluto** de tal surgimento (e que me fez, em certo sentido, considerá-lo uma «criação minha»), na solidão em que eu vivia no Verão passado, numa pequena praia algarvia. Revelou-se-me primeiro como **nome** e, dada a pequena frequência dos nossos encontros, não irei dizer como o outro que «o conheço»... o que dele sei, por conjectura e reciocínio mais que por sua confidência, leva-me a situá-lo no século XIII da era cristã algures na Sícilia (imagino-o de boa mente «acolhido» a alguma gruta do litoral siciliano, rodeado dos detritos, seu encanto! que após passeios crepusculares se entretinha a analisar na paz de um fogo neolítico.)»

. A «criação» de Abdul Vareti serve ao pintor que apesar de tudo é Alvaro Lapa para, ao propor-nos textos e figurações, as distribuir por duas personalidades diferentes, donde a disparidade e não correspondência entre textos e figuras. Por outro lado o nome de Abdul Vareti, misto de árabe e italiano, situado histórica e geograficamente na Sicília do século XIII, a de imperador Frederico II Hohenstaufen (imperador da Alemanha que viveu sobretudo na Sicília e que tentou um impossível império mediterrânico e uma também impossível simbiose cultural entre os mundos cristão e moçulmano), atira-nos para um tempo perdido que é sobretudo utopia e mito, ou antimito, ou contracultura, como lhe queiram chamar... Vejam só o que um simples nome e uma muita vaga data podem (começar) a despertar como associações!

Mas passemos agora aos objectos pintados e recortados (cartões ou cantraplacados) que constituem a exposição organizando-se em narrativas virtuais ou possíveis. Voluntàriamente pobres subartesanais até, são as pinturas e os seus suportes, recortados ou não, de uma elementaridade total como que a convidar-nos todos a uma criação possível. Arte bruta? E muito menos elaborada que o normal numa produção não cultural! Figuração narrativa? A maior parte dos seus elementos figurativos de lá vem, constituindo até um fundo o comum de vocabulário de vários pintores (comparar as «mesetas» de Lapa do «guardador-da-vaca» com as da exposição de Guilherme Parente, que continua patente na Bucholz). Proposta de alargamento da experiência estética? Uma produção «exemplar» como que a dizer-nos que a criação é de todos nós, a convidar-nos a essa experiência? Possìvelmente. Proposta pedagógica? Mas, para quem? As galerias de arte têm uma definição muito estrita, mesmo quando situadas em espaços com outras vocações, como seja o de uma livraria; tal como o «canavial» de Alberto Carneiro, a presente experiência de A. Lapa (embora totalmente diferente quanto aos meios), ganharia em funcionar numa escola, num mercado, numa feira ou numa esplanada e em estar integrada num conjunto. Assim, arrisca-se a parecer apenas uma tentativa para demonstrar uma qualquer originalidade a cinco contos a peça, o que não está, quero crer, nos objectivos de Alvaro Lapa.

Um retrato de Jean Piaget

Todos aqueles que se aproximaram de Jean Piaget foram fascinados pelo homem. Em primeiro lugar, é o pitoresco da sua silhueta que atrai a atenção, e compreende-se que um porteiro da ONU tenha, certo dia, recusado deixar passar aquele que acabara de ver chegar de bicicleta velha, com uma boina basca na cabeça e capa flutuando ao vento; foi preciso a Piaget nada menos do que a apresentação do seu passaporte diplomático para ter acesso á sala de conferências onde era esperado.

Nós, que temos tido ou temos ainda o privilégio de o ter como «patrão», sabemos reconhecer, para além desta aparência de certo modo folclórica, a pessoa do investigador e do mestre. O que não deixa de nos impressionar, é que Piaget está sempre adiantado: adiantado no seu tempo, adiantado sobre os problemas em moda, sobre as soluções aceites e até sobre os horários dos comboios e dos aviões.

Esta projecção para o futuro é um elemento tão fundamental da sua natureza que, na idade em que outros se debruçam sobre o seu passado para fazer-lhe as contas ele entrevê toda uma série de investigações e de novas obras.

Se o próprio Piaget reconhecia em 1950 ter tido «**uma única ideia exposta sob formas diversas em (ai de mim!) vinte e dois volumes**», em 1966 declarava: «**No termo de uma carreira vale mais estar pronto a mudar de perspectivas do que ser condenado a repetir-se e nada mais.**»

Esta continuidade e esta renovação reflectem-se no seu ritmo de trabalho. Não se sente verdadeiramente feliz senão quando está mergulhado na redacção de uma obra. Escrever cartas representa para ele uma tão deplorável interrupção que raros são aqueles que podem gabar-se de as ter recebido. Os poucos momentos em que é possível vê-lo desamparado e vulnerável são aqueles em que, tendo posto o ponto final num livro, ainda não voltou a pegar na caneta para começar o seguinte. Aliás, tais intervalos raramente ultrapassam alguns dias.

Muitas vezes se lhe perguntou onde encontrava tempo para escrever tanto, para além do seu trabalho universitário e das suas obrigações internacionais. Ele atribui esta faculdade a uma feição particular do seu carácter. Sabendo-se «**fundamentalmente um ansioso que só o trabalho alivia**», sendo completamente sociável, sente uma necessidade constramgedora de solidão e de contacto com a Natureza.

Hoje, já não são nada numerosos aqueles que viram Piaget falar com as crianças. Com uma bonomia e um sentido de observação tinha o dom de traduzir para elas os mais abstractos problemas em situações completamente simples e concretas. Até o imprevisto da sua conduta orientava as suas interpretações.

Quando entregou aos seus colaboradores o cuidado de conduzir as experiências, não perdeu, todavia, o contacto com os factos. Todos os anos, no Verão, ao partir para férias na alta montanha, carrega num tractor (antigamente era no dorso de uma mula) sacos cheios de protocolos cuja análise conduz a novas obras.

O que conta, para ele, na escolha dos investigadores que associa á sua obra, aquilo que mais gosta de encontrar nos alunos, é a curiosidade científica, o ardor no trabalho, a honestidade intelectual. Os cinquenta anos que consagrou ao ensino não foram para ele sómente um meio de transmitir a gerações de alunos os seus vastos conhecimentos. Muitas das suas lições e entre as mais vivas, foram precisamente aquelas em que, para esclarecer as suas próprias ideias, e pô-las á prova, apelava para a participação dos seus auditores, os quais não pensavam sequer, ao escutar este orador tão brilhante e tão pouco académico, que antes de cada lição conhecia um momento de medo, traído no entanto, para os seus familiares pelo ritmo mais apressado das baforadas do seu cachimbo.

Tem-se, ás vezes, censurado Piaget de ter as críticas em pouca conta. E exacto que as objecções provenientes da incompreensão da sua maneira de colocar os problemas não o atingem nada. Em contrapartida, se emanam de especialistas competentes, sabe não sómente escutá-las, mas tirar delas o maior proveito. Recordar-se-á, entre outras, que após ter feito ao **Tratado de Lógica** a mais acerba crítica o grande lógico Beth (tão cedo desaparecido) assinou com Piaget a obra **Epistologia, matemática e psicologia.**

A unidade e a contínuidade do pensamento e do estilo de vida de Piaget não poderiam ser mais bem ilustradas senão pelo interesse que traz e a alegria que experimenta ao observar na Natureza como biologista, os fenómenos de crescimento e de adaptação. Se o estudante de vinte anos percorria as vertentes áridas das montanhas «valaisianas» para aí descobrir os moluscos que iriam ser objecto da sua tese de doutoramento em ciências, o botânico de setenta e seis anos apaixona-se pelas suas «culturas» de erva-pinheira, cuja adaptação ás variações ecológicas segue nos mesmos terrenos.

BARBEL INHELDER